

## **Os Doze Elos da Originação Interdependente – Construção** **Lama Padma Samten – Retiro na Fundação Peirópolis 28/08/2000**

### **INTRODUÇÃO**

**A**pós o Buda ter atingido a liberação completa, ele passou a manhã seguinte inteira analisando como os seres que manifestam a natureza de buda ficaram presos em um processo como esse, em uma roda da vida. Ele examinou como o processo se dá e como é possível a liberação. Procurou saber como foi que essa coisa toda aconteceu e como surgiu a experiência da roda da vida.

É dito que ele percebeu que essa experiência é montada através de 12 etapas, que são etapas sucessivas, causais e, portanto, uma serve de substrato para a próxima. Ele examinou como todas essas etapas são montadas e como podem ser desmontadas, como suas experiências podem ser revertidas. Conta-se que ele ia do primeiro ao décimo segundo elo e do décimo segundo ao primeiro. Ele percebeu, então, que montamos andando em uma direção e desmontamos andando na direção oposta. Assim é o ensinamento da roda da vida.

Como todos os ensinamentos budistas, o ensinamento da roda da vida tem vários níveis de compreensão. Podemos compreender em um nível muito simples, aonde somos indivíduos separados. Estamos dentro de uma experiência quase que externa, completamente dominados por alguma coisa e estamos dentro de um processo causal que, inevitavelmente, vai nos levando em certa direção.

**T**odos os seres nascem, vivem em um tempo, durante o qual suas capacidades se expandem, se estabilizam e diminuem. Durante a vida, temos a sensação de sermos um pouco como equilibristas em um circo, muitos pratos girando. De vez em quando cai um, mas conseguimos desenvolver bem essa habilidade. Quando o prato de uma ponta está quase caindo, corremos, o endireitamos e voltamos para os outros pratos e assim vamos. Com o tempo, percebemos que podemos equilibrar mais e mais pratos. Mais tarde, começamos a reduzir o número, até que só conseguimos girar um só prato, que representa o nosso corpo. Finalmente, nem esse conseguimos mais girar. Morremos, estamos liberados dos pratos. Depois tudo começa novamente. Isso é a roda da vida.

Quando estamos imersos nesse processo, não conseguimos determinar como tudo começou. Também não entendemos em que direção isso vai. Não queremos que tudo se repita, mas tudo segue girando, independente da nossa vontade.

No sentido budista isso é chamado de experiência da roda da vida. Existe uma grande diferença em dizermos que estamos presos na roda da vida ou que estamos na experiência da roda da vida. Por quê? A realidade verdadeira é a natureza ilimitada. No entanto, podemos dentro dessa natureza ilimitada, ter a experiência da roda da vida, que é uma experiência limitada. Mesmo essas categorias de limitado e ilimitado não são suficientemente abrangentes. Mais adiante poderemos perceber que a categoria limitada também é ilimitada.

Os ensinamentos da roda da vida podem ser dados dentro da seguinte característica:

1. Por estarmos presos na ignorância, brota dentro de nós as marcas mentais;
2. Com o surgimento das marcas mentais, surge naturalmente a nossa identidade;
3. Quando surge a nossa identidade, tentamos perpetuar alguma coisa;
4. Por querer perpetuar algo, manifestamos o nosso corpo;
5. Surgindo o nosso corpo, fazemos o contato;
6. A partir do contato, temos sensações;
7. Quando surgem as sensações, tentamos sustentar as agradáveis e nos afastar das desagradáveis;
8. Obtemos sucesso e esse sucesso estabelece a nossa visão de mundo, a nossa visão de identidade;
9. A partir daí, as nossas prioridades estão estabelecidas;
10. A partir das prioridades, surgem as urgências;
11. As defesas, os três animais, operam, mas, como a impermanência não pode ser evitada, em certo momento, tudo desaba;
12. Quando tudo desaba, mantemos as sementes cármicas, ou seja, não importa qual foi o tamanho do estrago, a semente cármica está preservada.

Então reinstalamos tudo, reorganizamos e remontamos a partir da experiência anterior e a partir do impulso da semente cármica.

Assim, tudo vai girando. Saltamos para uma outra posição dentro da roda e vamos seguindo. Quando chega a desgraça final, saltamos para um outro ponto e assim vamos girando a roda. Esta é a explicação causal, que é uma das formas de usufruirmos do ensinamento sobre os 12 elos. O Buda deu várias vezes o ensinamento dessa maneira.

Ainda que ele dê esse ensinamento desse modo, ensinou como também podemos, a esse nível separativo, reverter esse processo. Referindo-se a pessoas separadas, com experiência de separatividade, dizia:

- Temos a experiência de dor, de desgraça, de desespero, de dissolução porque estávamos envolvidos em um processo de aspiração, de equilíbrio e de busca. Nascemos em algum momento e nos movemos dentro de um mundo que reconhecemos, o que é a décima primeira etapa e a décima também;
- Esse processo ocorre porque tivemos experiências de sucesso;
- As experiências de sucesso estão na dependência de uma visão de aspiração;
- A aspiração está na dependência das emoções que tivemos em experiências singulares;
- Essas experiências singulares estão na dependência de contato;
- Contato está na dependência do surgimento do nosso corpo;
- O surgimento do nosso corpo está na dependência de uma aspiração;
- A aspiração está na dependência de uma estrutura mental;
- Essa estrutura mental está na dependência de marcas mentais;
- As marcas mentais surgiram pela ignorância;
- A partir do princípio da ignorância tudo se monta;
- Se compreendermos aquilo que está antes da ignorância e, assim, nos liberarmos da ignorância, nos liberamos da nossa aflição nesse momento.

O Buda deu, muitas vezes, o ensinamento desta maneira, Ele deu o ensinamento para pessoas que têm como aspiração, receber o ensinamento e utilizá-lo para livrar-se de sua própria dor. Esse tipo de ensinamento corresponde à categoria de ensinamentos Hinayana, onde estamos concentrados

em nós mesmos, separados do mundo, separados dos outros seres. Nosso grau de interesse alcança apenas a nossa própria identidade.

Olhando os ensinamentos dos doze elos na perspectiva Mahaiana, compreendemos como todos os seres estão presos nesse processo e tentamos descobrir como os livrar disso. Ainda assim acreditamos, nesta perspectiva Mahaiana inicial, que os seres estão separados uns dos outros. Apenas a nossa motivação é tal que a nossa mente os alcança. Não é apenas uma questão de estarmos presos a um processo de sofrimento. Os outros seres também o estão e a nossa mente os alcança. Dizemos: *“Eu não quero que a minha filha passe por isso, não quero que a minha esposa, o meu marido passe por isso, os pais, mães, etc., as pessoas queridas”*. Não queremos que ninguém passe por isso. Desta forma, precisamos tornar isto muito claro na nossa mente, temos que encontrar a saída, para poder ajudar os seres. Essa é a perspectiva dos bodisatvas. Mesmo que os bodisatvas não tenham uma compreensão completa, eles têm essa aspiração.

## **OS SEIS REINOS DA EXISTÊNCIA CÍCLICA (sâncr. *Samsara*)**

### **Reino dos Deuses (sânsr. *Deva*)**

Assim, como começamos a tentar sustentar coisas e a defendê-las, terminamos por encontrar formas de fazer isso. Se somos muito hábeis, encontramos a forma do reino dos deuses. Neste caso, conseguimos defender a nossa identidade com muita habilidade. Não temos um choque direto, temos uma forma de trazer benefícios aos outros ao redor, mas estamos fixados em uma identidade e temos as sensações de lucro e de perda. A diferença é que conseguimos manobrar tudo e, geralmente, tudo anda bem e todos estão felizes, temos muito mais lucros do que perdas. Um bom exemplo disso é o de um vendedor de sucesso. Quando ele vende, ele não só vende seu produto bem, como seu cliente fica satisfeito. Por isso ele segue vendendo. Tudo vai indo bem, por que parar?

A nossa maior penalidade é ter sucesso. Quando somos derrotados, paramos, pensamos e pulamos para outra coisa. Quando temos sucesso nos fixamos, ficamos presos. Um bom vendedor com muito sucesso nunca vai se mover dali. Ele está preso no décimo elo e o décimo primeiro está funcionando bem. Ele nunca se depara com o décimo segundo porque tem habilidade. Porque ele faz isso, porque tem essa habilidade, desenvolve uma manifestação de auto-suficiência, de orgulho.

Buscamos encontrar um processo de felicidade e de afastamento do sofrimento. Temos uma consciência dual e, no meio disso, encontramos chaves duais, comportamentos duais. Esses comportamentos duais são a decorrência natural daquele esforço de encontrar soluções. Por nos encontrarmos presos na dualidade, só podemos ter soluções duais. Assim, geramos as 6 emoções perturbadoras, que são o orgulho, a inveja, o desejo e apego, a obtusidade mental, a carência e a raiva.

### **Reino dos Semi-Deuses (sânsr. *Asuras*)**

Continuando no exemplo do vendedor, ele está trabalhando no meio daquela experiência, acha que tudo está andando muito bem. De repente, se dá conta de que alguém está melhor do que ele. Surge, então um sentimento que não estava acostumado a ter e com o qual não sabe lidar. Ele sempre achou que estava por cima, nem acredita. Pensa: *“Como pude me enganar durante tanto tempo? Achei que estava bem e não estava. Existem outros que estão bem melhores do que eu. Como pude ser tão tolo!”* Quando isso acontece, automaticamente, ele passa para o reino da inveja, não se dá conta de que acaba de sair do reino dos deuses, onde tudo era feliz, onde tudo estava bem. Ele tem a sensação de que avançou, que está mais esperto. Nesse momento, a

responsividade do reino dos asuras, dos semi-deuses começa a agir sobre ele. Começa a competir e se acha mais esperto do que antes.

### **Reino Humano** (sânsr. *Manushya*)

**E**ntão ele segue competindo e não obtém resultado, porque sempre existe alguém acima dele. Acha que seu problema está nos outros que estão acima ou na sua incapacidade de derrubá-los e reassumir seu lugar, como o melhor vendedor. No entanto, o problema está em sua atitude. Por estar preso carnicamente à responsividade, não percebe o que está se passando realmente. Ele tem uma visão, tem a ocultação, a ocultação da ocultação e o processo de resposta automática que o mantém girando.

Após continuar girando, um dia cai a ficha e ele diz: *“Claro, como eu não havia percebido. Assim nunca vou obter sucesso. Para isso, eu preciso primeiro de...”* Assim surge uma lista de coisas que necessita, uma lista cósmica. *“Eu seria feliz e poderoso se...”* Temos uma lista de desejos e apegos, coisas essenciais para nós. Neste ponto, ele já é humano, já penetrou nesse reino. Estava no reino dos deuses, desceu para os semi-deuses e, agora, está no reino dos humanos. Neste reino a experiência não é mais de *“Eu quero, eu posso, eu vou...”* mas *“Para conseguir eu preciso de...”* Os Asuras têm a experiência de poder. Eles sabem que não têm capacidade total, mas sabem que têm muitas capacidades. Eles não acham que precisam de alguma coisa externa para conseguir algo. Eles dizem: *“Eu vou lá e vou derrotar aquele sujeito!”* Parece que eles podem, pensam que podem, mesmo não conseguindo no final.

No reino humano, já transferimos a nossa fraqueza para coisas externas, para objetos. Achamos que, se tivermos tais coisas, seremos capazes de fazer isso ou aquilo. Novamente, isso é vivenciado como uma experiência de esperteza. O vendedor justifica: *“Claro, eu não tinha aquilo, por isso eu não podia ter ganho.”*

### **Reino dos Animais** (sânsr. *Tyriak*)

**A**pós muito competir, ter necessidades de coisas externas e, ainda assim, não obter resultados, a pessoa cai para o quarto reino, o dos animais. Ele alega: *“Isso não faz sentido, essa lista eu nunca vou obter. Eu sou mesmo um fracasso, um ser inferior. Não tenho como alcançar aquilo. Eu nem mesmo sei o que precisaria fazer para vencê-los...”* Neste momento, desce uma obtusidade mental (sânsrito = moha).

Por que o ser quer ser feliz e quer afastar-se do sofrimento, ele olha para todo o processo, a experiência e acha que não vai conseguir. Esse aspecto de obtusidade mental, *moha*, inclui a televisão, álcool, drogas, depressão, ou seja, todos os aspectos ligados a um recolhimento obtuso. Tudo isso é *tamas*.

Ele se acha muito esperto nesse momento. Olha para os outros e acha que eles, também, não vão conseguir nada, que qualquer esforço não vale a pena. Não só se considera insuficiente, mas acha que todos os outros o são. A diferença é que ele já percebeu e os outros ainda não, por isso se considera muito esperto.

*Moha* é, muitas vezes, traduzido por ignorância. Ignorância, também, é a tradução de *avydia*, mas são categorias diferentes de ignorância. Dentro de *avydia* existe uma inteligência, um brilho. Um cientista muito inteligente está operando sob *avydia*. *Moha*, contudo, é seu pior aluno. Ele olha os livros e nem sabe por onde começar, melhor nem começar. Ele tem um desinteresse.

Na Ayurveda, seria a categoria de *tamas*. *Avydia*, no entanto, inclui *satva* que, por sua vez, não é *vijnana*, nem *prajna*. *Avydia* inclui todos os três *gunas*. *Moha*, por sua vez, inclui especificamente *tamas*. Daí vem, também, a noção de alimentos *tamásicos*, que nos deprime, que nos obscurece a mente. A carne, gordura, por exemplo, são alimentos *tamásicos*, porque eles nos produzem

obtusidade, lerdeza. Os alimentos rajásicos e sátvicos também têm avydia dentro. Sendo que o alimento sátvico tem o poder de preservar a vida humana preciosa, ele tem uma categoria de sabedoria dentro, mesmo sendo esta dual. Está na dimensão de preservar as condições de praticar.

Observando as classes de ensinamentos, percebemos que um indivíduo que pratica satva tem uma compreensão mais elevada. Ainda assim, temos um indivíduo praticando satva. Ainda existe alguém que acha que algo é melhor ou pior. Não está operando com prajna. Um bom praticante pratica satva, mas isso não quer dizer que ele tenha a compreensão de prajna.

### **Reino dos Fantasma Famintos** (sânsr. *Preta*)

**Q**uando estamos dominados pelos componentes de moha, é como se abdicássemos do interesse e da ação do mundo. Quando tal coisa acontece é uma situação muito grave, somos sustentados pelo mundo sem dar nenhum retorno. Todos consumimos água, ar e comida para viver. Se perdermos o interesse por tudo que está ao redor, nossos méritos vão cessando. As mães se cansam, os amigos começam a empurrar. Nossos méritos na relação com o universo cessam.

Voltando ao exemplo do vendedor, de repente ele se vê carente. Falta comida, falta roupa limpa, falta abrigo, faltam amigos, reconhecimento, afeto... Falta tudo. Ele se sente rejeitado, não amado, abandonado. Quando isso acontece, ele passa a ser dominado por uma aflição.

A aflição é característica do quinto reino, o reino dos fantasmas famintos, a condição natural pela operação geral daquele procedimento. Neste momento, ele percebe que os outros têm e ele não. Ele começa a se dar o direito de chegar e pegar, de roubar. Não compreende o aspecto de mérito, não compreende como as coisas giram. Ele está completamente distante do reino dos deuses, onde um dia habitou, onde era capaz de trazer felicidade para outros e para si mesmo. Agora, ele se encontra em uma outra condição.

### **Reino dos Infernos** (sânsr. *Naraka*)

**D**ominado pela aflição, ele começa a ter várias idéias estranhas. Todas elas estão ligadas a acessar aquilo que ele não tem mérito, que nunca poderia ganhar na situação em que está. Porque ele tenta se apoderar daquilo que não merece, será perseguido. Assim começa o reino dos infernos.

Na medida em que essa relação com o ambiente se torna mais crítica, ele começa a ter a experiência de estar cercado de inimigos, de seres terríveis. Ele se sente legitimamente rodeado de inimigos. Por esse motivo, termina por agredir os outros e é, da mesma forma agredido. No meio disso, existem várias graduações.

O inferno mais brando é quando os inimigos são iguais à pessoa. Mesma força, mesmo poder. Ele é derrubado por eles e os derruba em uma luta interminável, sem nunca ter sossego. Quando morre, por estar mentalmente preso ali, renasce no mesmo âmbito. Ele olha para os outros e não tem vontade de abraçá-los ou se alegrar. Pelo contrário, sente muito medo. Sempre que puder, vai agredir, porque está preso à avydia. A liberdade que ele vê é a de agredir o outro ou deixar que o outro o agrida, é tudo. Toda a sua responsividade está ligada a esse âmbito.

**E**xistem 10 graus de bodisatvas. Dentro dos primeiros níveis dos bodisatvas ainda existe a noção separativa e é sobre isso que estou falando. Podemos receber os ensinamentos dentro da perspectiva separativa também, aonde a nossa aspiração é uma aspiração de um bodichita relativa. Relativa porque estamos presos ainda à dualidade; a nossa visão, não está ampliada ainda.

Mais tarde, vamos ainda olhar esses ensinamentos dentro de uma visão mais ampla, quando percebermos a causalidade operando. Ao mesmo tempo, vamos perceber que a causalidade não é uma prisão verdadeira, que existe uma dimensão de liberdade em cada um desses níveis e podemos dissolver a nossa ligação com a roda nível por nível ou de uma forma causal. Vamos, então, entender como esse processo surge, como a delusão se manifesta e como a inseparatividade opera. É sobre este nível que vou falar para vocês. Vou explicar os 12 elos dentro dessa perspectiva, que é a perspectiva mais elevada.

Dentro dessa perspectiva, vou iniciar falando do primeiro ao décimo segundo elo, explicando isso de forma causal. Então vamos entendendo, também, como o processo não causal pode operar e como podemos nos livrar dele. Vamos olhar de várias maneiras e a primeira será de forma causal.

É importante que percebamos a delusão operando por todos os lados. Quando a percebemos, no primeiro nível de compreensão, sentimos uma espécie de amargor. Dizemos: *“Pah! Estou preso nesse processo!”* Este, porém, é só o primeiro nível, não vamos nos fixar nisso. Vamos passar quase diretamente para o terceiro nível. O nível de apreciação, o nível de quase deleite pela operação mágica da delusão, trazendo esse aspecto todo. É o nível de liberdade. Vamos trabalhar nesse aspecto.

## **OS QUATRO NÍVEIS DE ENSINAMENTOS**

### **1. Auto-centramento**

Queremos andar melhor no meio desse filme, queremos uma experiência melhor no meio desse filme da roda da vida.

### **2. Inseparatividade**

Descobrimos que a nossa natureza se torna ampla a ponto de incluir os outros seres. Já não estamos presos em nós mesmos, podemos olhar os outros seres e manifestar interesse para com os outros e sentiremos felicidades ou infelicidades, temos os impulsos de ação de uma forma muito mais ampla do que quando estamos apenas olhando para nós. Vemos que na inseparatividade com o outro, podemos manifestar compaixão, amor, alegria, equanimidade, generosidade, moralidade, paciência, energia constante, concentração da mente e sabedoria. Todas essas qualidades transcendem uma experiência estritamente pessoal.

### **3. Transcendência**

Percebemos que além da nossa identidade existe uma liberdade. Ela se manifesta como a nossa identidade, mas também, como as qualidades que estão além das identidades. Ainda que amemos alguém, esse amor não nos pertence, ainda que pareça ser uma experiência nossa. Da mesma forma que, em uma noite enluarada, veremos a lua refletida na água. Isto não significa que ela pertença ao lago, nem a nós. Uma outra pessoa verá a mesma lua refletida em seu lago. Se perguntarmos a ele como ele vê a lua, ele a descreverá um pouco diferente. Se essa pessoa estiver distante, pode até ser que ela nem acredite que haja uma lua em nosso lago. Ela poderá achar que a lua pertence a ela e que ninguém jamais poderá vê-la, a não ser no seu lago.

Ainda que essa experiência do amor se manifeste em todos os lagos do planeta, não está aprisionada a nenhum deles. Podemos manifestar essas características como possessões pessoais

ou como aspectos ilimitados. Percebendo isso, vemos que a característica do primeiro tipo de ensinamento é quando procuramos à lua certa para dentro do nosso lago particular. Tendo-a encontrado, procuramos manifestá-la em outros lagos, trazendo benefícios a eles.

Nesse momento, a nossa visão se amplia. Percebemos agora que, em lugar de estabelecer essa ressonância com uma lua particular dentro de um lago, estendemos os olhos e reconhecemos essa lua que gera todas as outras luas e buscamos nos conectar com essa dimensão, que ultrapassa o limite da particularidade. Como estamos tão presos às noções de particularidades, a nossa própria linguagem não consegue expressar isso direito. Por esse motivo, usamos metáforas, como essa da lua.

*Que maravilha que a lua que está no seu lago é a mesma que está no meu lago!*

Podemos ainda usar uma outra linguagem, dizendo: “*Eu rezo para Tara*” Buscamos a ressonância com um ser que ultrapassa as características humanas mas que se manifesta com qualidades que está presente em todos os corações. Neste momento, não nos sentimos mais sós, porque passamos a reconhecer essas qualidades nos outros. Reconhecemos que a nossa natureza divina é igual à natureza divina do outro. Em lugar de dizermos “*A lua está só aqui no meu lago*”, dizemos: “*Que bom que a lua que está no seu lago é a mesma que está no meu lago!*”

Percebemos que os nossos problemas também são iguais. Existem naturezas que se manifestam em todos os lagos, não precisamos de uma exclusividade. Nos alegramos em reconhecer o nosso coração e o coração da deidade, de Tara, presente em todos. Quando, então, alguém nos olha com uma cara feia, já não acreditamos mais naquela face, sabemos que ali dentro tem o mesmo coração. Assim, nos comunicamos com aquele coração escondido naquela face e aquela natureza responde. Essa é a razão pela qual fazemos à prática de Tara, é a canção que cantamos para o coração que, muitas vezes está escondido atrás de uma aparência sofrida.

#### **4. Luminosidade**

Veremos muitos sábios de cara fechada. Eles não personificam uma identidade que seja uma personificação de todas essas qualidades. Eles reconhecem incessantemente que todas as manifestações têm a natureza divina. Por onde eles olham, ou ouvem, ou pensam reconhecem a natureza divina completamente presente em tudo o que é sublime, ou limitado, ou infeliz.

Observem que o próprio Buda dava ensinamentos nesses quatro níveis. O Buda sentava diante da Sanga e falava. Enquanto ele falava, alguns discípulos pensavam “*Esse é o ensinamento verdadeiro do Buda*” e guardavam as palavras, as memorizavam. Muitos discípulos faziam isso. Quando o Buda morreu, seus discípulos escreveram seus ensinamentos e, assim, os textos surgiram. Parece que o ensinamento está apenas nas palavras. No entanto, no momento em que o Buda falava, dava mais dois outros ensinamentos silenciosos. O segundo ensinamento é o fato de ele ter interesse por todos. Buda escutava a mente de seus discípulos e sabia quais eram as suas dificuldades e falava em ressonância às dificuldades que via nas pessoas. Logo ele manifestava diretamente, na frente de todos, essa capacidade de alcançar suas mentes, de alargar seu próprio foco e alcançar tantas mentes que quisesse. Ele dizia:

**Esses ensinamentos serão úteis mesmo no último kalpa desse ciclo.**

*Buda Sakyamuni*

Os olhos do Buda se estendem geração após geração até os momentos finais e ele reconheceu a mente dos seres naquela distancia de tempo e deu os ensinamentos pensando nesses seres. Com isso estava manifestando compaixão, que é a segunda forma.

Ao mesmo tempo, silenciosamente, manifestava a terceira forma, personificava as qualidades que estão presentes nos corações de todos. Assim, quando rezamos para Tara, pedimos as

qualidades de Tara e pedimos a proteção de Tara. A deidade manifesta esse conjunto de qualidades e perfeições, assim como, o Buda diante da Sanga manifestava isso. Todos olhavam para ele, faziam circumambulação. A mera presença dele transformava a mente de seus discípulos.

Ele manifestava ainda a quarta forma. Enquanto se dirigia aos seres, expressava nos ensinamentos a natureza divina de tudo. Mais ainda, mostrava como em corpo limitado, manifestar diretamente a natureza divina, ele une céu e terra em sua própria manifestação. Quando sentava, expressava a natureza divina na forma humana. Revelava diretamente, isso acontecendo na cara de todos e ninguém via. As pessoas estão ouvindo palavras, sem se dar conta do milagre incessante de sua manifestação.

A prática de Tara pertence ao processo no qual invocamos a presença das naturezas protetoras que são concretas, que efetivamente produzem transformações.



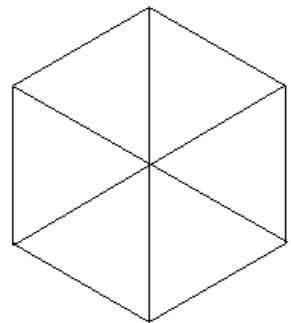
## **1º ELO** **AVYDIA – Ignorância**

### **PRIMEIRO ELO – AVYDIA (TIB. MA-RIGPA)**

**E**sse primeiro dos 12 elos, avydia (*vydia = sabedoria, visão, lucidez; avydia = perda da visão*), é simbolizado por um cego. De um modo geral, todas as rodas da vida simbolizam avydia por um cego, o cego com a sua bengala. Por que cego? Essa é a razão pela qual vou usar esse exemplo, o cubo de Wittgenstein.

Para compreendermos melhor esse processo, vamos utilizar imediatamente o exemplo ao lado, o cubo. Costumo utilizar este exemplo em muitas de minhas palestras, por se tratar de um exemplo muito eficaz.

Vamos examinar o cubo cuidadosamente. É realmente necessário que o examinemos com muito, muito cuidado, porque ele é a chave para a compreensão de avydia. Se pudermos entender isso, ótimo. Não vou dizer que o cubo é o único meio através do qual podemos compreender esse processo. Não, não é assim, a delusão está por todos os lados. Mas vamos usar o cubo como uma porta para acessar essa compreensão. É realmente necessário que compreendamos a operação de avydia.



**Rigpa** é uma palavra muito importante. É usada no sentido de lucidez em meio às condições, mas uma lucidez não separativa, uma lucidez transcendente. Todos estamos caminhando em direção a recuperar rigpa.

Avydia significa ma-rigpa (negação, impossibilidade de rigpa). Tudo o que pudermos meditar sobre isso é de extrema valia. Tentem! Precisamos contemplar longamente, incessantemente essa situação de rigpa e ma-rigpa. Quando conseguimos contemplar e reconhecer ma-rigpa, só podemos fazer isso porque



estamos praticando rigpa. Existem inúmeros exemplos e o método de contemplação disso não é através de uma teoria, mas dos exemplos.

Podemos gerar grades que nos facilitam na experiência de localizar os exemplos. Essa grade vai surgir como o foco da meditação na sétima etapa do Nobre Caminho. Essa grade está perfeitamente descrita no Sutra do Coração e ela tem 46 pontos, cada ponto tem quatro níveis e cada nível tem três condições.

O que são os 46 pontos? Vamos olhar e ver como opera a mente que atua junto com os olhos, como surgem os objetos à nossa frente. A perda de lucidez sobre isso, pertence ao processo de ma-rigpa. Todos estamos envolvidos, em nível de visão, à experiência de delusão, ou seja, ma-rigpa. Estamos vendo o que não está ali e não percebemos que estamos vendo o que não está.

Após uma longa caminhada no meio da neve, um monge chega a um pequeno templo no alto da montanha, entra no local e vê várias pessoas lá dentro, sentindo muito frio, todas sentadas em frente a uma linda imagem do Buda, feita de madeira. No local não havia lenha. O monge, para a surpresa dos presentes, simplesmente pega a imagem e a usa como lenha...

Aquele monge estava além da forma. Essa dimensão está operando diretamente dentro de nós. Avydia nos proporciona essa visão. As outras pessoas de dentro do abrigo não viram a lenha. Um segundo mecanismo que percebemos com avydia é o fato da separatividade. Vejam o exemplo abaixo:

Imaginem uma esfera, como se fosse uma grande pérola, transparente, flutuando, mágica. No momento em que crio a esfera, ela ganha vida própria e ganha uma separatividade com relação a mim. Ela ganha vida própria, porque vocês passam a vê-la também, logo, ainda que ela tenha surgido na minha mente, inseparável de mim, eu a vejo separada. Se eu perguntar para vocês onde a esfera está, vocês vão responder: *“Ela está ali a sua frente, flutuando”*. Eu já não a vejo mais ligada a mim e vocês também não a vêem ligada a vocês, mas vocês estão da mesma forma sustentando-a.

Com isso, fazemos surgir um objeto etéreo. Um ponto muito importante no nível do ensinamento é percebermos que criamos com a nossa mente um objeto, esse objeto só vive na nossa mente e, mesmo assim, parece separado dela. Não só criamos o objeto, mas também a separatividade do objeto em relação a nós.

Quando avydia cria o objeto, junto com a criação do objeto surge a noção de separatividade.

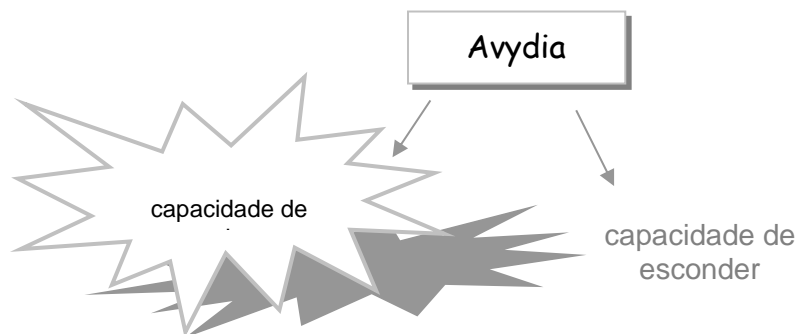
Este é um segredo *secretíssimo* de avydia. Quando olhamos um Buda pintado em um tecido, vemos o Buda no pano, mas, na verdade, ele é inseparável de nós. Se virarmos o pano de cabeça para baixo, pode ser que não reconheçamos mais o Buda. Para onde ele foi? Ele não estava no pano? A imagem não está ali. A imagem, para surgir, necessita de uma dimensão interna, mas, quando vemos a dimensão interna operando, essa mesma dimensão interna produz a experiência de imagem naquele lugar. Desta forma, a separatividade é construída. Precisamos urgentemente contemplar cuidadosamente essa inseparatividade!

Qual é a utilidade disso? Ganhamos liberdades. Quando olhamos uns aos outros, também vemos os outros separados, vemos os outros com qualidades. A situação é muito semelhante com o que fazemos com relação ao pano. Isso é avydia.

## **Luminosidade**

A luminosidade já é a própria natureza da mente operando, ou seja, criamos. Temos a liberdade de criar. Como podemos evidenciar a liberdade de criar? Essa liberdade atua incessantemente. Esta é a razão pela qual podemos dizer que a natureza de buda está em todas as nossas experiências. Curiosamente, porque manifestamos avydia, podemos dizer que temos a natureza de buda. Curiosamente, porque nos enganamos, porque criamos a parcialidade, podemos dizer que a natureza de buda está presente.

Onde a parcialidade se ancora? A parcialidade se ancora na natureza última, na nossa capacidade de criar as coisas. Por que não vemos isso? Por avydia! Pela própria capacidade de esconder que avydia manifesta. Avydia manifesta 2 aspectos: A capacidade de se manifestar e a capacidade de esconder.



Criamos a visão e, junto à visão, criamos a cegueira, NO MESMO ATO!

Só quem vê está cego !

Esta afirmação é muito, muito importante! Vamos ver isso muitas e muitas vezes, vamos constatar isso por todos os lados. Já aqui, por exemplo. Qualquer um de vocês que esteja fazendo alguma outra coisa, perdem facilmente o que acabei de falar. Porque acessamos uma coisa, não podemos acessar a outra, isto é assim. Curiosamente, se vocês estudarem magia, vocês verão que uma das leis essenciais da magia é esta: Quando fazemos uma coisa, não fazemos outra! Toda a percepção da realidade está dominada por esse processo. É um processo importantíssimo. O Buda diz: *“É como o pintor, o pano e as tintas ou como um mágico, que produz seres com galhos e panos.”*

Eu acho que a arte está muito dentro desta área. Vejo a arte como algo que pode realmente nos ajudar a trabalhar de forma sustentada e longa com esse tipo de percepção. O teatro, também, pode naturalmente trabalhar com isso, assim como todas as artes plásticas, porque elas vão operar incessantemente com a delusão. Toda arte opera com a delusão, não tem como não fazê-lo. Por isso, acho que este é um campo muito fértil.

Agora, quando olhamos o cubo, podemos ver vários itens importantes dentro, não é? Por enquanto, estamos trabalhando com avydia, percebendo que tem um nível de luminosidade e um nível de ocultação. Temos o vértice A surgindo. Quando surge o vértice A, parece que está tudo resolvido, vemos um cubo e pronto, isto se torna toda a nossa realidade. Portanto, quando vemos o vértice A, o cubo do vértice B desaparece; quando vemos o vértice B, o cubo do vértice A desaparece. Não conseguimos ver os dois cubos ao mesmo tempo, um oculta o outro.

O aspecto interessante disto é que o cubo não está propriamente no desenho. Se ele estivesse lá, o veríamos de forma permanente. Desta forma, percebemos que existe uma ação mental dentro que faz o cubo surgir – faz surgir à experiência do cubo. Essa ação mental dentro que faz surgir a experiência do cubo é uma experiência que está presente nas mágicas. Ainda que saibamos que a mágica em si é uma ilusão, vemos acontecer, vemos as coisas sumirem ou aparecerem da cartola.

Nesse momento precisamos perceber isso operando. Não se trata de uma descrição: A delusão é isso ou aquilo. Vamos tentar vê-la, localizá-la através de exemplos. Vamos nos assenhorear dessa experiência. Com essa experiência, vamos poder contemplar “*Isso é meditação*”. Vamos ver a delusão operando por todos os lados, esse é o nosso objetivo.

Ao desenraizar avydia, desenraizamos os 12 elos. Cessando os 12 elos, a roda da vida está desenraizada. Esse é o caminho! Vamos acessar uma realidade mágica, não é um processo causal. Estamos penetrando na percepção de um aspecto muito profundo da realidade, que não importa se o cubo é ameaçador ou se o cubo é benigno, não nos preocupamos com o teor do objeto, o que importa é que, seja qual for a experiência do objeto que venhamos a ter, toda essa experiência é inseparável do objeto de delusão. Precisamos olhar esse processo com muito cuidado.

Já percebemos que existe uma ação mental inicialmente oculta. Quando nos damos conta disso, vamos notar um segundo nível mental de ação. O primeiro é justamente a luminosidade, o segundo é a ocultação.

### **Ocultação**

**A** ocultação faz desaparecer o cubo, não só fazemos aparecer alguma coisa, como fazemos desaparecer a outra. Nesse processo, podemos encontrar muitos exemplos. Quando encontramos uma pessoa que se tornou negativa aos nossos olhos, é quase impossível olhá-la de um aspecto positivo. Precisamos de um grande esforço para isso, é uma dificuldade vê-la de outra forma. Quando temos uma visão, aquela visão nos aprisiona em certo sentido, porque nos impede de olhar outras características, de reconhecer aquilo de uma outra forma.

Então, no cubo temos os traços. Esses mesmos traços proporcionam duas imagens pelo menos. Logo, a experiência que temos a partir dos traços não está determinada pelos traços. Ela está determinada por uma operação mental interna. Quando localizamos essa operação mental interna, vemos que ela tem liberdades, ou seja, podemos fazê-la surgir de um jeito ou de outro. Podemos criar um clic interno que nos faz passar de uma experiência para a outra. Essa experiência de poder passar de uma visão para a outra temos de agarrar com muito cuidado, *porque ela é a essência da liberdade*, a essência da liberdade em um sentido muito sutil. Quando abdicamos disso, qual é a liberdade que nos sobra? Temos a liberdade de pintar o cubo, de botar um vidro na frente, de emoldurá-lo... E ainda achamos que isso é liberdade! Mas, neste momento, não temos mais liberdade alguma! Ficamos com a visão congelada, temos a percepção de que o cubo está no papel. Assim surge a separação sujeito-objeto, surge nós aqui e o cubo ali.

Ainda que olhemos assim, o cubo está aqui, não está? Ainda que saibamos que o cubo não pode estar no papel, porque ele depende de uma operação mental, quando essa operação mental se dá o cubo aparece no papel, não é verdade? Então a essência da experiência de separatividade está na dependência da operação mental de avydia. Avydia cria a experiência do cubo no papel. Ainda que raciocinemos e não validemos isso, ainda que saibamos que não pode ser assim. Através desse exemplo, vemos que o cubo não pode estar aqui.

Através do raciocínio, percebemos que o cubo surge de forma inseparável da nossa mente. Quando a nossa mente se posiciona o cubo aparece. Quando a nossa mente se reposiciona o cubo aparece de outra forma. Vocês percebam que isso é uma operação que está oculta. Há quantas vidas estamos operando assim e não percebemos? Não percebemos essa liberdade. É espantoso que um desenho tão simples é capaz de oferecer isso, não é?

Mais tarde, começamos a observar múltiplos exemplos por todos os lados. Nos enchemos de exemplos quando entendemos isso. A partir desse ponto, percebemos o surgimento simultâneo de sujeito e objeto. Gyatso Rinpoche usa uma expressão que eu considero magnífica:

## A inseparatividade é o surgimento simultâneo de sujeito e objeto.

Quando surgimos com uma face, o objeto não aparece com a cara que ele aparece. Quando o objeto aparece com a cara que ele aparece, isso indica uma face interna que geramos. Assim, quando dizemos: *“O objeto tem essa face ou eu tenho essa face”* estamos tratando da mesma coisa. Se quisermos olhar como somos, só precisamos perguntar o que vemos, porque são inseparáveis. Não há como aparecer uma experiência lá, sem que apareçamos aqui.

“Existe uma única experiência. Posso escolher e dizer que essa experiência é a manifestação do objeto ou dizer que ela é a manifestação do sujeito. Não se trata de um sujeito e de um objeto, é uma única experiência e eu é que vou definir como vou descrevê-la, objeto ou sujeito. Porque dentro da dualidade da linguagem só tenho essas duas opções para me expressar.”

Niels Bohr

Naturalmente, quando analisamos a experiência do surgimento do objeto, ele parece que surge lá. Mas se eu disser que eu estou me espelhando lá também não é correto. É uma inseparatividade. *Isto é um mistério!* A contemplação disso é muito, muito importante.

Para o budismo, existe uma armadilha nesse ponto: *“Se eu explicar isso, eu estou perdido! Se eu explico, estou gerando um conceito, que é um objeto mental que eu vejo.”* Esse não é o objetivo do budismo, gerar um conceito que vamos passar a contemplar. Observem que essa armadilha vai nos perseguir. Mas como estamos alertas, não vamos cair nela. O nosso objetivo é, em qualquer circunstância, usufruir da liberdade que está inerente a essa experiência que, usualmente, vemos. O objetivo do budismo é completamente prático.

A partir da estrutura que dá origem a essa palavra, o fenômeno parece que se refere a um observador e um fenômeno que está sendo observado. Estamos escapando disso! Não se trata de um fenômeno sendo contemplado por um observador! O observador se contempla na própria aparência que surge. Quando a aparência surge, ela sugere, ela indica que é algo externo. Quando a aparência surge, surge a dualidade como experiência também. Mas não acreditamos mais na dualidade! Agora, podemos ver dentro da aparência da dualidade a inseparatividade. Tudo isso está dentro da descrição do aspecto da luminosidade. Precisamos ter clareza disso! Precisamos ter lucidez disso! Isso é a base do sétimo passo do Nobre Caminho Óctuplo, é a base do que se chama prajna. Prajna é a medalha de ouro que deveríamos carregar pendurada no pescoço – uma medalha com o nome *prajna*. Essa é a porta de saída da experiência cíclica, é a porta de saída da roda da vida. Avydia é a porta de entrada e a porta de saída. De um lado está escrito avydia, do outro, prajna, mas a entrada e a saída são a mesma porta.

O objeto surge inseparável. A noção de inseparatividade surge palpavelmente, podemos agarrá-la. Até agora, de um modo geral, a noção de unidade ou de inseparatividade era abstrata, como algo que não entendíamos muito bem. Agora, podemos agarrar com a mão e começar a examinar. Então a ficha cai...

Os livros mudam com o tempo lemos um livro, dez anos depois o relemos e percebemos que ele mudou. As fotos mudam com o tempo, as músicas mudam com o tempo, as ruas mudam com o tempo, as estradas, as cidades, as casas, pai e mãe, tudo muda com o tempo. O passado muda. Podemos visitar o passado mentalmente – notem bem que não vamos olhar o que já passou, o revisitamos mentalmente. Quando retornamos ao passado, mudamos, voltamos do passado diferentes. Vemos, então, o presente de uma forma diferente do que há um instante atrás, por não ter ido ao passado. Fomos ao passado, mudamos, e hoje, no presente, tudo também é diferente. Não só o presente mudou, o futuro, também, ficou diferente. O passado parece algo que contemplamos diante de nós. Assim como contemplamos diante de nós um cubo. Mas o passado que contemplamos diante de nós, ele é inseparável da delusão. Quando visitamos o passado e temos uma outra experiência as nossas características internas mudam a forma pela qual vamos ver os objetos surgindo a nossa frente. Assim, vamos percebendo que o passado, o presente e o

futuro são aspectos dinâmicos e eles só existem neste exato instante. Por que o passado não é algo que passou, o passado é algo que está sendo construído neste momento, da mesma forma que o cubo está sendo construído. Assim vamos indo. Todas as direções que olhamos, vamos percebendo incessantemente esse aspecto.

O passado, o presente e o futuro estão aqui e agora. Só que entendemos que o passado que aparece, o presente que aparece e o futuro que aparece têm liberdades que não teríamos visto há um instante antes. A nossa percepção de passado é uma percepção congelada, como a percepção do cubo é congelada. A percepção de tudo é congelada, é rígida! Não vemos as liberdades. Quando pensamos no passado, podemos até dizer como muitos mestres dizem: *“O passado passou, o futuro não veio, o presente é o que existe!”*. Agora eu estou dizendo outras coisas. Eu estou dizendo que o passado não passou, o presente está aqui, agora, e o futuro está aqui, também! O passado é vivo a cada instante, é reescrito a cada instante. O futuro é vivo a cada instante e o presente, também, é vivo a cada instante.

Quando revisitamos o passado com as características que temos, percebemos que tudo muda. As estradas mudam, as cidades mudam. A cidade da nossa infância, quando a revisitamos, é muito menor do que era. A casa da nossa avó é muito menor, o pátio da escola também. Geralmente, tudo é um pouco decepcionante.

Vejamos agora, se incorporamos isso, temos muitas coisas para examinar, surge o *“terceiro olho”*. Surge o olho que reexamina a realidade de uma forma muito mais profunda. Existe uma impermanência interna operando. Existe uma noção de inseparatividade, de liberdade, mesmo quando a experiência parece física – e temporalmente separada de nós, pelo fato de estarmos olhando o passado.

Cada vez que acessamos o passado, ele é recriado. Quando temos filhos, vamos nos lembrar do que as nossas mães fizeram e vamos entender de outra forma. Quando temos uma casa para cuidar, todo um giro financeiro para cuidar, pensamos: *“Como é que meus pais fizeram isso?”*. Quando ficamos bravos com os filhos, entendemos por que os nossos pais ficaram bravos conosco.

Todo esse processo é chamado de delusão e não se trata de uma opinião! Essa compreensão da delusão nos livra de uma característica ocidental, uma característica grave: Pensamos que a explicação resolve, buscamos uma visão teórica que explique. No entanto, a explicação teórica surge da combinação de objetos que brotam da delusão. Temos uma aparente liberdade intelectual, mas os objetos que compomos na liberdade intelectual, todos eles brotam da delusão.

O surgimento do cubo como um objeto externo é uma delusão. O surgimento de um observador separado de um objeto que está sendo contemplado a quatro metros é uma delusão. Qual é o sentido prático da delusão? Ainda que vejamos o objeto como um objeto externo, separado de nós, temos liberdades que não estamos percebendo e podemos usufruir dessas liberdades. Além disso, existe um processo criativo que também não percebemos. Existe uma ação da mente que não percebemos. No ocidente inteiro pensamos que os olhos são neutros, da mesma forma que na física pensamos que os instrumentos eletrônicos são neutros. Eles não são neutros! Ainda que seja um instrumento eletrônico, não há como o processo de delusão não atuar quando olhamos o resultado que vem dele.

Embora saibamos que o cubo não está no papel, o vemos lá. Existe uma experiência mental que nos faz experimentar o cubo no papel. Isto é a delusão! Percebam que não é uma conclusão mental, não é o resultado de um raciocínio. Até mesmo o raciocínio nos diz que o cubo não está ali. Podemos separar o raciocínio da experiência, não é verdade? O raciocínio nega a experiência. Por outro lado, sabemos que não está no olho. O olho nos permite qualquer uma das experiências, percebemos que, quando um surge, o outro desaparece. Existe uma construção que nos oferece uma experiência de um objeto. Essa construção surge inseparável da mente, o objeto surge inseparável de uma mente que usufrui dessa experiência. Esse processo é a delusão.

## Ocultação da Ocultação

A delusão faz surgir, não é verdade? Então estamos usando a delusão para o processo criativo, que faz surgir a experiência, seja do que for. Avydia, porém, tem um elemento a mais. Tem a ocultação. Quando surge o aspecto positivo manifestado através da delusão, não percebemos que algo desapareceu. O aspecto de ocultação parece que fica oculto. O aspecto mais importante de avydia não é o surgimento, mas a ocultação. O surgimento é como uma liberdade, mas a ocultação é a própria essência da prisão.

Avydia opera ocultando, mas, quando opera ocultando, ela oculta que ocultou. Por que ela oculta que ocultou? Porque ela nos ofereceu alguma coisa brilhante, sensacional. Então ficamos presos e temos uma resposta. Vemos um impulso e seguimos com um outro impulso e, então, começamos a girar.



**Avydia oculta Avydia**

Como avydia oculta avydia? Em primeiro lugar, avydia tem o aspecto positivo, o da delusão. Então fazemos surgir o objeto, ele aparece. Quando um objeto aparece, o outro objeto some. Isto é o aspecto de ocultação inerente. Mas quando avydia surge e produz a ocultação, não percebemos que houve a ocultação. Por que não percebemos que está havendo uma ocultação? Porque justamente o aspecto luminoso de avydia ocupa toda a atenção da nossa mente. O fato de um objeto surgir à nossa frente nos domina, toma toda a nossa atenção. Ficamos dominados pelo objeto. Não percebemos que estamos deixando de ver alguma coisa. *Não vimos porque nós vimos!* Porque vimos alguma coisa, deixamos de ver outra. Mas nem percebemos que não estamos vendo, simplesmente não vemos. Todo esse processo é muito sutil. Temos de contemplar esse processo muito constantemente. Meditem sobre isso!

## Tanha

Tanha significa teimosia mental. Quando estamos focando um cubo fica difícil de ver o outro, não queremos passar para o outro. Tentem! É muito difícil mudar, é desconfortável, não é? Quando começamos a pensar de certo jeito não queremos mexer naquilo.

A contemplação de tanha é a base da contemplação dos bodisatvas. Eles vão ver que os seres, não só estão presos por avydia, mas também por tanha. Os seres não conseguem ver, não tem jeito. Então os bodisatvas ficam observando e tentam libertá-los. Ficam tentando sempre de um outro jeito até que aquilo se revela. Então o outro se sente feliz, porque ele tem uma liberdade. Na inseparatividade está também a energia do bodisatva.

O aspecto de tanha é muito importante, porque vamos nos defrontar com essa experiência inúmeras vezes. Muitas e muitas vezes nos fixamos em pontos. Vocês observem que tanha não é a teimosia usual. A teimosia usual é discursiva, ela pode ser verificada. Tanha é uma teimosia cósmica, ela aparece sem avisar. Ela está oculta por ela mesma. Ela é a ocultação que a própria avydia oculta.

No fato de vermos um cubo, nem é noticiado que ali tem uma fixação. Não tem um aviso: “Atenção, você está sob a influência de tanha!” Não tem nenhum alarme. Existe um silêncio, uma convivência. Tanha está oculta. Na verdade, tanha está operando dentro de avydia. O cientista está preso nisto

“Nós só vemos o que pode ser visto, só pensamos o que pode ser pensado...”

*Wittgenstein*

Isso é a essência de tanha, estamos presos às nossas estruturas. As nossas estruturas de expectativas só permite que vejamos através delas. Existe uma dureza inerente nesse processo. Essa dureza está oculta. Os cientistas, por exemplo, estão presos a essa dureza. Albert Einstein dizia que é muito raro um cientista ter uma idéia nova durante uma vida inteira, é raríssimo. Isto acontece porque estamos presos às estruturas. Elas nos impedem, não temos liberdade, manifestamos tudo dentro das estruturas, isto é tanha, é a nossa prisão.

Wittgenstein dizia ainda: *“O que não podemos pensar sobre, não podemos negar.”* Este é um princípio de liberdade magnífico. Ele nos liberta da própria estrutura só com essa frase. Se percebemos que a nossa estrutura não dá conta de certos fenômenos, não podemos negá-los. Por exemplo, a estrutura ocidental de raciocínio sobre o corpo humano não permite que entendamos acupuntura. Logo, não podemos também negá-la, só porque não conseguimos entender aqueles fenômenos. Entendendo os fenômenos a partir dessa estrutura, podemos avaliar se aquilo é ou não possível. Mas se não conseguimos entendê-los, eles não cabem no nosso arcabouço. Não cabendo no nosso arcabouço, não podemos, baseados no nosso arcabouço, negá-los.

A estrutura pura e mental que opera inseparavelmente do nosso processo já permite ver que estamos aprisionados à avydia, que temos uma estrutura de rigidez que vai se manifestar nos cientistas; na impossibilidade dos cientistas dialogarem com a espiritualidade, dialogarem com outras coisas. Porque eles tentam reduzir tudo à própria estrutura que estão operando. Eles dizem: *“Isso não cabe dentro da ciência, isso não é possível.”* Isso é repetido muitas vezes e isso é tanha.

Mesmo a impermanência é uma estrutura budista, ela é um remédio. Mais adiante, vamos ultrapassar a impermanência. No cubo não tem uma volição propriamente. Esse processo parece todo oculto à mente discursiva. Mas, como se fosse uma forma de proteção, parece que tem uma mente que dói e tenta se defender. Todo o processo não é voluntário, opera independente da nossa vontade, opera a nível automático. Então surge a noção de carma. Eu não digo: *“Desejo que apareça um livro à minha frente.”* Eu vejo o livro. O processo é automático. Avydia é a cegueira que brota da visão. Podemos encontrar bons exemplos desse processo por todo lado, na arte, na educação, na psicologia, na filosofia, é só observar.

Vamos usar o exemplo da educação. Ela é libertadora porque nos oferece estruturas que ampliam a nossa visão. Mas, quando essas estruturas surgem, tanha surge junto, avydia surge junto. Mas não é necessário que seja assim...

Como podemos superar esse aspecto? Não será suprimindo as estruturas que isso será superado, mas gerando as estruturas, gerando as visões correspondentes e criticando as estruturas também. É importante reconhecermos os limites das estruturas que estamos operando ou, pelo menos, saber que todas as estruturas têm limites. Precisamos treinar o reconhecimento dos limites das estruturas.

Podemos utilizar exemplos anteriores, entre eles, a física clássica – as várias visões cosmológicas, o sistema heliocêntrico, o sistema geocêntrico. Através desses exemplos podemos reconhecer que, cada vez que uma estrutura se ofereceu, nos permitiu ver várias coisas positivas e, ao mesmo tempo, ocultou as outras possibilidades. Desta forma, poderemos reconhecer avydia operando incessantemente hoje também e esse reconhecimento poderá despertar, pelo menos, o desejo de descobrir quais são as limitações das estruturas que estamos operando.

Não é necessário, porém, achar que basta dinamitar as estruturas com as quais estamos operando. Isto não é o suficiente. As estruturas têm méritos e têm dificuldades e assim é a característica, da mesma forma que as nossas identidades também têm méritos e dificuldades. Só isso nos perdoa o fato de termos a face que temos. Todas as nossas faces são avydia, são limitações, vamos exercer essas limitações por liberdade. Assim, vamos seguindo. Não temos outro jeito.

Podemos reconhecer através de avydia uma dimensão extraordinária que está criando todo esse processo. É a dimensão de brilho da mente, a dimensão mágica que está operando dentro disso. Vendo desta forma, avydia é uma magia maravilhosa! Neste ponto, começamos a contemplar, a trabalhar no sétimo passo do Nobre Caminho. Estou dando esse ensinamento da roda da vida no nível do sétimo passo, e não, no nível do primeiro. No primeiro passo, dizemos: *“Estamos todos aprisionados à roda da vida e essa roda nos leva ao sofrimento inevitável no final. Todos os seres estão submetidos a isso e é melhor que tentemos sair o quanto antes.”* Os ensinamentos no nível do primeiro passo vão nos mostrar como podemos gerar uma motivação para receber ensinamentos e ir adiante.

O meu objetivo ao dar esses ensinamentos no nível do sétimo passo é mostrar, livre da noção de um EU, como nos ilhamos e como nos desilhamos, como entramos e como saímos dessa prisão e como podemos perceber a perfeição que está imersa no processo sutil da prisão, onde está a liberdade em meio à própria manifestação da prisão. Esta é uma outra categoria de ensinamentos, mas com o mesmo foco: os doze elos.



## **2º ELO SAMSKARAS Marcas Mentais**

### ***SEGUNDO ELO – SAMSKARA***

No segundo elo temos as estruturas surgindo. Chamamos essas estruturas de *samskara* (*Skara = cicatriz, Samskara = conjunto de cicatrizes = marcas por hábito*). Como vemos samskara? As estruturas internas começam a surgir a partir de avydia, a partir da criação. Geramos as estruturas a partir da delusão.

Vejamos o exemplo deste retiro, estamos fazendo um pouco disso agora, estamos reconhecendo avydia. O reconhecimento de avydia já é uma estrutura que está operando. Nesse momento, estamos gerando essas estruturas para ver liberdades. Estamos usando o poder da mente para reconhecer essa operação. Antes, essas estruturas foram criadas e nos aprisionavam. Agora, vamos olhando e elucidando essas estruturas, criando assim a liberdade correspondente.

O símbolo utilizado na roda da vida para essa estrutura, eu considero um símbolo muito bonito. É um potista trabalhando com o barro. Analisem: O potista começa com uma bolota de barro, um torno, então ele vai girando aquilo. No final de seu trabalho, ele continua com a bolota de barro, não há outra coisa, senão bolota de barro. A experiência dele, porém, já não é mais a de uma bolota de barro. Ele já está vendo um pote ali. Quando vai descrever a diferença entre a bolota de barro e o pote de barro, vai ter de falar na forma. Essa forma é um aspecto sutil que ele vê naquela bolota. Não vai poder explicar aquela forma na microestrutura do barro, só vai poder ver aquela forma a partir de um processo de delusão que opera na própria bolota. Olhando esse aspecto, acho que até a teoria do surgimento do homem a partir do barro é um aspecto interessante.



Vamos colocar um outro exemplo: Imaginem que uma pessoa começa a trabalhar com a bolota de barro e gera um pote. Mas ela não gostou dele e o desfaz e faz um outro. Ainda não satisfeita, o desfaz novamente e torna a refazê-lo várias vezes, até surgir o pote que tinha em mente, como gosta, que espelha a natureza como ela vê. De onde surge essa aparência do barro? Surge de um aspecto inseparável dela mesma, ela olha para o barro e vê o pote. Da mesma forma que olhamos para os riscos e vemos o cubo. Agora, porém, tem uma estrutura – semelhante à estrutura que se manifesta no cubo. Isto é a delusão operando!

A seguir, ela pega aquele barro e o coloca sobre a mesa para secar, faz isso com três ou quatro bolotas. De repente, as crianças vêm brincar ao redor. Nesse momento, ela manifesta o terceiro item – o surgimento de sua identidade. Isto acontece porque ela se descobre apegada à estrutura, não quer que aquilo caia no chão. É um processo no qual ela olha para si e vê que tem uma estrutura de defesa com relação àquele processo. Quando encontra a sua estrutura de defesa, diz “*eu isso*”, pode falar dela mesmo. Só vamos encontrar as estruturas quando surge a cobra propriamente. O javali já são as próprias estruturas, mas o javali não se revela a si mesmo, a não ser através da cobra e do galo.

### **Os Três Animais**

**N**o budismo, a nossa identidade está representada por três animais, o javali, a cobra e o galo. Agimos dentro das estruturas, que são representadas pelo javali. Mas só vamos poder localizar essas estruturas quando a vemos reagir. Ela não vai aparecer por si mesma. Se alguém nos perguntar se temos alguma fixação, podemos até responder “*Não, acho que não, nenhuma...*” Se olharmos para dentro, não as vemos. As estruturas só aparecem, quando alguém nos faz alguma coisa e reagimos. Neste momento, o javali vai se revelar na cobra ou no galo.

O galo é a atividade incessante. É a nossa atividade de proteção através da ação incessante, contínua. Por exemplo, se quisermos ver se somos boas donas de casa, não precisamos perguntar a nós mesmos. É só olhar para a casa e ver se o galo começa a atuar ou não. Podemos até pensar que somos uma boa dona de casa – uma pessoa pode gerar a opinião que quiser sobre si mesma. No momento em que perguntamos a uma outra pessoa, ela vai ver, por exemplo, um quadro torto na parede, lixo no canto, louça para lavar, etc. e vai provavelmente responder “*É... mais ou menos...*” Por que o outro responde assim? Porque o galo revela. Talvez a pessoa até pergunte: “*Isso não te deixa um pouco nervosa, essa bagunça toda?*”. Se respondermos “*Não, até que não...*”, neste caso, nem o galo, nem a cobra estão atuando sobre nós.

Através desse processo podemos, indiretamente, observar as pessoas. Os Lamas, em geral, usam isso. Chagdud Rinpoche usa muito isso. Para saber como uma pessoa é, olhe quem está ao redor. Olhe como as coisas giram ao redor, não é necessário olhar para a própria pessoa. É ao redor que todas as manifestações vão aparecer.

Samskara são as marcas com as quais estamos operando. Eventualmente, podemos gerar consciência sobre essas marcas. Não é necessário que tenhamos consciência sobre elas, elas atuam, com ou sem consciência. Por esse motivo, não é necessário que tenhamos uma consciência sobre uma identidade para que ela possa operar. Vendo desta forma, livrar-se ou não da identidade não tem grande significado. Lutar contra a identidade não é o ponto. O ponto é gerar uma liberdade. Estamos buscando a compreensão da liberdade desse processo. Como vemos que essa liberdade se torna restrita por avydia, se manifesta como marcas, sabemos que ela está oculta. A prisão está oculta. Olhando assim, sabemos que o processo discursivo não vai nos trazer a liberdade. Descobrimos que em nada ajudará se colocar discursivamente em um ponto de aversão. Pode ocorrer, em certo momento, da pessoa gerar uma função coerente em decorrência das suas marcas. Isso corresponde ao terceiro nível.

### **Classes de Ensinos**

Quando olhamos os ensinamentos, sejam em livros, seja quando os ouvimos, é necessário reconhecermos qual classe de ensinamentos estamos olhando. As diferentes classes falam de forma diferente os mesmos ensinamentos. Existem ensinamentos que olham para a roda da vida como um problema. Eu mesmo dou esses ensinamentos. Em outros ensinamentos, vamos ver a roda da vida como perfeição. É necessário que vejamos em qual classe de ensinamentos estamos imersos. A pessoa só vai ouvir a roda da vida como perfeição quando ela tiver a capacidade de ouvir isso.

Aqui estamos quase que entrando diretamente nisso. Estamos pulando, praticamente, todos os ensinamentos preliminares. Estamos entrando direto na sétima etapa do Nobre Caminho, como se fôssemos meditantes. De um modo geral, para ouvir esses ensinamentos a pessoa precisa ter, no mínimo, a experiência de estabilidade, o que permite penetrar nesses âmbitos todos. Então, de alguma forma, vocês têm isso também, desta ou de outra vida, pois vocês estão entendendo um pouco o que seja esse processo.

Na verdade, o método do Buda é um método de girar a roda. Então, vamos até a décima segunda etapa e voltamos para a primeira. O que vai acontecer quando retornarmos para a primeira? Vamos olhar tudo isso e ficar estupefatos, vamos comparar com os objetivos corriqueiros da nossa vida e vamos dizer: *"Nossa, que estreiteza me limitar ao espaço e tempo, a operar a partir de aspectos tão limitados."* Então entendemos melhor o que significa a decisão de ultrapassar os limites da roda da vida.

Esta abordagem é realmente interessante. Começamos pela meditação e temos uma visão cósmica. Retornamos, então, a nossa vida e com muito mais facilidade dizemos: *"Eu quero ir adiante!"* Às vezes quando estamos imersos no próprio panorama da nossa vida, fica muito difícil dizer *"eu quero ir adiante"*, pois só vemos aquele panorama e os ensinamentos corriqueiros vão nos fazer andar a partir do sofrimento que estamos tendo.

Normalmente não conseguimos ver adiante, mas vemos pelo menos o sofrimento e queremos sair disso. A partir dessa realidade, vamos recebendo os ensinamentos. Esse método, porém, é um pouco lento! Eu prefiro o método como aconteceu comigo mesmo. O sofrimento não era interessante para mim, não era um bom ponto de partida. Eu podia me livrar do sofrimento de muitas outras formas. Foi o aspecto gigante, como esse que estamos olhando, que me atraiu, me deslumbrou. Quando vemos isso, não somos mais os mesmos. Tentamos depois incorporar, manter essa visão na vida o tempo todo e isso nos impulsionam a ir adiante, a fazer prática. Quando a visão se amplia, ela não tem mais como se restringir.



### **3º ELO VIJNANA Consciência (energia)**

## **TERCEIRO ELO – VIJNANA**

Esse é o momento em que a cobra começa a atuar, a ação de defesa começa a atuar. A cobra atua de uma forma explosiva e o galo, de uma forma constante. Observem que a essência do terceiro nível, vijnana, está nos ventos e nas energias internas. Se manifesta no nível de mobilização de energia, de brilho, para a ação. Surge o movimento, surge a ação de defesa. A bolota de barro ganha, então, uma feição. Essa feição surge inseparavelmente das estruturas internas. Quando aquela experiência do vaso está presente, ela se espelha na bolota de barro. É uma delusão, mas se torna sólida. Uma outra pessoa olha para aquele barro e não vê assim, as crianças vão, quem sabe, achar que seria melhor amassar aquele barro e fazer uma outra coisa. Elas estão livres daquele processo que o outro gerou.

Isto é muito comum nas relações entre as pessoas. Pegamos um mesmo objeto que o outro olha com muito cuidado e não reconhecemos aquilo que o outro reconhece, damos um uso que o outro jamais permitiria. Essa é a tragédia nas relações com as crianças, por exemplo. Por quê? Porque elas dão usos inusitados às nossas coisas queridas. Elas manifestam uma liberdade que jamais permitiríamos.

Quando as estruturas surgem, surgem as defesas dessas estruturas e elas começam a manifestar a energia de movimento, a ação começa a surgir. A ação mental de avydia não tem movimento propriamente. Então surge samskara, a aparência incessante de um mundo. Começamos a localizar isto, a localizar aquilo. Juntamente com tanha, surge então, a nossa vontade de sustentar algo. Quando aparece uma ameaça, nos mobilizamos e, desta forma, surge o movimento. Nos movimentamos como quem se movimenta em 3D. Quando surge vijnana, o carma está totalmente presente, porque o carma significa a ação. Todo o carma significa defesa, os processos automáticos que nos leva à ação.

Esses três primeiros níveis estão presentes mesmo quando não dispomos de um corpo físico. São três níveis sutis que nos permitem sonhar, nos permitem ressurgir também, buscar um corpo novamente. De acordo com as marcas com as quais estamos atuando, geramos a nossa aspiração e o nosso movimento. Assim determinamos, através da aspiração que estiver presente, qual o corpo que vamos buscar. A busca do corpo é o quarto item.

---

## **RESUMO DOS TRÊS PRIMEIROS ELOS**

Eu opero avydia e, com avydia, gero marcas mentais, samskara. Quando as marcas mentais estão automatizadas tento defendê-las. Então surge o movimento de defesa, que pode ser a cobra ou o galo. Quando surge o movimento de defesa, a noção de carma está presente. Carma significa ação, o movimento está presente. Isso completa a visão da identidade.

Essa identidade é a identidade sutil que existe independente de um corpo físico. Essa identidade se manifesta em nossos sonhos. Quando sonhamos, sonhamos através dessa identidade. Ela é a origem do corpo que se manifesta na forma física ou em sonhos quando estamos

dormindo. Quando se completa vijnana os três animais estão presentes. Só no nível de samskara ainda não existe a defesa.

.....

Vamos determinar uma marca mental. A marca mental poderia ser *“Amanhã vamos passar o dia inteiro meditando.”* Nesse momento, isso é uma marca. Ainda não avaliamos se isso deve ser assim ou não. Isso é samskara. Daqui a um ou dois minutos, todos já se posicionaram. Se eu disser: *“Muito bem, vamos então fazer meditação”* a metade vai achar a idéia péssima, enquanto que a outra metade vai adorar. Surgiu a nossa identidade. Surge um movimento, surge uma defesa, uma ação. Já poderíamos ver um movimento político aqui. Uns diriam *“Sim, sim, é melhor isso, é pior aquilo!”* Isto é o galo tentando propor e defender, através de um processo de movimento.

Então 80% chegam a uma conclusão e 20% vão apelar para a cobra. Vão dizer *“Eu não vou fazer isso! Isso é um processo de ditadura do grupo!”* Neste ponto, já existe um movimento, não estaremos mais tratando de uma marca neutra. Não estaremos mais olhando aquilo de uma forma livre. Já teremos um posicionamento, um movimento, uma aspiração e uma guerra! O terceiro aspecto é a identidade que brota. Não basta ter a marca, ela pode não ter defesa.

## RESPONSIVIDADE

**R**esponsividade está dentro da descrição de vijnana. Não há responsividade que não gere a própria identidade de um eu. Responsividade substitui a lucidez

Por esse motivo a lucidez é muito difícil. Podemos igualmente dizer que o carma substitui a lucidez. Quando vemos um objeto, respondemos ao objeto. Quando respondemos ao objeto *“Eu quero, não quero, é assim, é assado”*, neste momento, não temos o menor espaço para a lucidez frente ao significado, ao surgimento, frente à coisa alguma. A essência da prisão é o fato de que a experiência do surgimento de avydia já provoca a responsividade. Um pouco mais adiante, ela já se manifesta como outros elementos. E assim vai seguindo.

Todos os reinos estão presos às identidades, à separatividade. A experiência separativa está legitimada e avydia não é reconhecida e muito menos suspeitada. Avydia opera completamente oculta. Oculta pelo que? Pela responsividade. Quando um objeto aparece, dizemos: *“Preciso urgentemente fazer tal coisa!”* Nem percebemos o fato original do surgimento mágico daquele objeto. Quando ele surge, já tem uma seta apontando *“Olhe para lá!”*, olhamos e vem outra seta *“Olhe para lá!”*. Seguimos olhando e vamos girando a roda. Não chegamos a perceber o fato cósmico que é ter aparecido aquela seta. Entramos automaticamente na mensagem da seta.

Estamos examinando agora o que os budistas chamam de “Os 12 ayatanas”. Eles fazem parte dos 46 itens do Sutra do Coração, a última etapa do Nobre Caminho. Vejam que, para fazer isso, é necessário que tenhamos a capacidade de parar. Se não tivéssemos a capacidade de parar e focar um tema após o outro, não teríamos como entender uma coisa dessa. Essa habilidade desenvolvemos na sexta etapa, que é a meditação. O primeiro elemento da meditação é a responsividade. Por quê? Porque a responsividade é o nome da prisão. O elemento que nos aprisiona é aquilo que parece que é a nossa liberdade, é inacreditável! Por isso fica oculto. A prisão só nos engana, porque é muito bem organizada, muito bem feita, é realmente muito fácil de se enganar. Ela só está ali porque é realmente muito difícil de se liberar. Mas não é difícil porque é pesada, mas porque nos engana, prende a nossa atenção. A nossa prisão é a responsividade.

Quando vemos um cartaz, onde está escrito '*Compre sorvetes Kibon*'. Automaticamente, respondemos comprando ou negando. Não olhamos para o fato elementar, original, de que aquilo está produzindo significados. Engolimos o significado e nos posicionamos. Quando fazemos isto, já perdemos a liberdade porque já recebemos a mensagem e ficamos aprisionados a ela.

Se alguém nos agride, tem uma mensagem nessa agressão, e engolimos essa mensagem, agredimos a pessoa de volta ou fugimos. Nem sequer nos damos conta de que a própria mensagem é inseparável de nós, que podemos receber a mensagem assim ou não. Ao contrário, analisamos e chegamos ao resultado de que temos a “opção” de retrucar ou fugir. Com isso, legitimamos a mensagem, não percebemos que a mensagem necessita de receptores em sua linguagem. Esses receptores são o próprio carma. No momento em que atuamos daquela forma, tem uma ressonância com o outro. Naquele exato momento, acabou a liberdade, ainda que pensemos que a liberdade está toda lá, ou seja, fugir ou retrucar.

A prisão se manifesta com a aparência de liberdades, nos oferecendo “opções de liberdade”. Naquele momento, nos sentimos completamente livres para fugir ou para atacar. No momento em que aquilo se oferece, escurece a nossa mente, ficamos cegos. Não vemos a opção original. Não precisamos aceitar aquilo! Existe uma inseparatividade na experiência!

Todos os objetos nos oferecem uma mensagem, perdemos a liberdade porque atribuímos um significado direto sem nem perceber o que fazemos. O fato de termos atribuído o significado se manifesta pelo impulso que nos surge, pela responsividade que surge. Essa responsividade é o próprio galo atuando, é a ação. Temos o impulso de ação, começamos a nos movimentar, mas a ação é o carma, a própria palavra carma significa ação. O carma nos impulsiona para movimentar. É o nosso carma que escolhe os significados, escolhe a nossa ação, nos impulsiona naturalmente de forma que nos cega. Ele oferece certezas.

Precisamos começar a jogar lucidez, item por item, da nossa operação que hoje é inconsciente. Estamos penetrando em uma região obscura. Avydia opera sob uma região obscura, da mesma forma, samskara e vijnana também operam em uma região obscura. Tudo isso está operando dentro de regiões que nunca jogamos luz e nunca examinamos, mas que produz incessantemente resultados. O resultado final disso é o desaparecimento do barro que reveste, que cobre o diamante. Não é que o diamante não esteja ali, ele só está coberto de barro, está opaco.

Quando estamos lúcidos, a delusão já não é mais vista como um processo de engano. Quando a delusão se oferece, ela já é a própria luminosidade da mente atuando. Quando o movimento é feito, não há perda da visão ampla.

**Pergunta:** Como surgiram as manifestações?

**Lama:** Reconhecemos que é uma prática de liberdade, fazemos isso todo o tempo. É a essência do aspecto de criatividade. Temos as liberdades de criar e criamos, movimentamos, fazemos surgir as aparências. Quando as aparências surgem, nesse momento podemos ansiar que esse aspecto que fizemos surgir se torne permanente. Assim, criamos as marcas de uma forma estável. Mais adiante aquilo se torna uma fixação, vai para uma região onde responde automaticamente e começa então a surgir avydia, começa surgir à ocultação. De repente, não vemos mais nada. É um processo passo a passo, onde vemos surgir todos os aspectos, podemos observar etapa por etapa surgindo. A etapa mais original, a primeira, é o exercício de liberdade, que podemos fazer todo o tempo. Essa mesma liberdade estamos exercendo constantemente nas várias conexões.

Como tudo começa? No sentido budista, porém, isso é uma extrapolação da nossa mente cotidiana, de uma mente causal. A causalidade não é o fator original. Quando explicamos qualquer coisa de uma forma causal, necessariamente explicamos com base

em uma outra característica que tem de ser assumida de forma não-causal. Se assumirmos isso de forma não-causal, você vai perguntar “Mas, por quê?” É o mesmo processo do que dizer: “Deus criou o mundo.” “Mas por quê?” Porque Deus exerceu sua vontade. Mas por que Deus exerceu sua vontade? Porque ele é todo poderoso, ele pode fazer isso. Mas por que Deus é todo poderoso?

Isto é um vício de pensamento associado à linguagem, é um processo causal. Como processo causal ele vai necessitar disso. Como é que na lógica e na filosofia isso é resolvido? Criamos um paradigma, um postulado. Assumimos condições sem condição. A ciência não tem como se exercer sem isso. Existe um início que não é discutido. É um processo que é sempre luminoso. O processo não é para ser aberto de forma causal. Se abirmos aquele aspecto de forma causal, vamos remeter a um outro início, que é não-causal. Não existe outra possibilidade.

No sentido budista vamos abandonar todos os processos causais, eles não são muito importantes. Temos uma possibilidade muito maior no aspecto de luminosidade do que no aspecto causal. O aspecto causal não manifesta todas as liberdades. Só conseguimos eliminar o carma num processo não-causal.



#### **4º ELO NAMA-RUPA Nome e Forma (aspiração)**

### **QUARTO ELO – NAMA-RUPA**

J á temos três marcas sutis operando: avydia, samskara e vijnana. Surgimos com uma identidade, mas não temos ainda a materialidade. Esse é um ponto muito interessante. É esse ponto que nos leva a botar quadros na parede, pintar as paredes, decorar a casa com objetos, escolher os móveis, etc. O que significa isso? Quando olhamos para um quadro, por exemplo, temos uma experiência sutil. Como guardar essa experiência sutil? Guardando o quadro. Nesse momento, começamos a operar com o fato de que certos objetos nos remetem à sustentação de aspectos sutis. Os aspectos sutis flutuam, mas se colocarmos objetos que nos evocam esses aspectos sutis passamos a torná-los mais permanentes.

Os aspectos mentais abstratos se beneficiam de uma materialidade. Começamos, então, a procurar a materialidade com a intenção de sustentar os estados mentais sutis. Por esse motivo, por exemplo, procuramos lugares serenos, quando queremos serenidade. Também os locais oferecem esse poder. Se tomarmos avydia, samskara e vijnana como base, naturalmente vamos ver que os objetos têm poder sobre nós. Ainda que não raciocinemos dessa maneira, temos esse impulso. Como se fosse uma lucidez da nossa mente, dizemos: “*Tais objetos são especiais*”. Uma refinação disso está no Feng Shui. O objetivo no Feng Shui não é a liberação, é um processo que utiliza o nosso aspecto cármico para provocar resultados cármicos. O objetivo é, através da combinação de elementos, provocar um efeito. Se dentro da nossa casa, por exemplo, existir qualquer desconforto e não sabemos bem a origem, eles podem examiná-la. Pode ser que eles descubram que elementos em nossa casa nos trazem perturbação. Alguma coisa assim só se dá a nível cármico. Os grandes mestres meditam em cemitérios. Qual é o Feng Shui do cemitério? O mais inauspicioso de todos – a morte.

Quando entramos no quarto elo, inconscientemente descobrimos que certas coisas são agradáveis e outras não. Percebemos claramente que os objetos, a materialidade, têm o poder de sustentar estados mentais específicos. De um modo geral, estamos inconscientes disso. Nesse ponto, de nama-rupa, ainda não temos o objeto. Começamos a desejar o objeto, por isso esse elo é simbolizado por um barqueiro. Temos a aspiração, mas ainda não encontramos o objeto correspondente que possa sustentá-la. É como o barqueiro navegando no rio buscando encontrar um lugar – o barqueiro ainda o está procurando.

A pessoa tem uma boa idéia. É como se ela dissesse: *“Eu vou montar uma escola”*. Então vai procurar, nos classificados, um prédio, ainda não o encontrou, mas tem a idéia. O aspecto sutil está lá. Ela não vai conseguir descansar enquanto aquilo não estiver materializado. O barqueiro vai se deslocando pelo rio da vida com um olho que já tem um *“filtro”*, as marcas mentais. Esse filtro é definido pelos três aspectos anteriores, avydia, samskara e vijnana.

Como sabemos que o encontramos? Existe uma energia que brota, uma ressonância. Essa energia é o selo, é a marca. Existem abundantes exemplos para esse processo: *“Eu gosto mais de lençóis azuis”* ou *“Eu prefiro carros grandes, ou pequenos, ou vermelhos”*. De onde surge essa preferência? Existe uma conexão. Experimentem passear pelos shoppings observando isso, vocês vão perceber que cada objeto tem um teor.

Nama-rupa é simbolizado pelo barqueiro, estamos vagueando no rio da vida, portados de um *filtro*, esse *filtro* aciona o processo. Ele opera na expectativa de estabilizarmos os estados mentais que desejamos através do poder da discriminação, do objeto. Ele causa isso e não nos damos conta. Quando presentearmos alguém também é assim. Tentamos dar um presente que traga um estado mental à tona, oferecemos um estado mental ao outro.

**Pergunta:** Tudo isso faz parte da mente discriminativa?

**Lama:** Não, isso não pertence à mente discriminativa. É um processo mais sutil do que os vedanas. Não é a sexta mente operando, não é o sentido mental observando um aspecto simbólico que já foi determinado, localizado. Não existe uma arquitetura mental nisso. O que existe é um processo de ressonância. A pessoa vai passando e vai vendo se tem ressonância ou não. Está em uma sutileza maior. Ainda não é o pensamento, ele ainda não surgiu.

O objeto estabiliza um estado mental, com o qual temos uma ligação cármica. A nossa identidade está ligada ali. O amor é outro bom exemplo. A forma pela qual as coisas acontecem, um olha para o outro e brota um estado interno. Olhamos para aquilo e dizemos: *“Aquilo sou eu”*. Surge uma identidade realmente próxima.

Tudo o que conectamos no nível de nama-rupa parece conosco mesmos. Observem que os filhos parecem ser nós mesmos. O mesmo acontece com a nossa casa, com a nossa bolsa, o nosso corpo, a nossa roupa, e assim por diante. O nosso corpo surge exatamente assim. Nama-rupa produz a experiência de que morreremos juntos quando perdemos algo precioso, como o nosso corpo, por exemplo. E morremos junto... Nos identificamos com certos objetos, porque eles sustentam componentes que acreditamos ser nós mesmos.

No momento em que tudo se desmorona, surge o pavor da dissolução. Vamos usar um exemplo com um de vocês. Vamos supor que um de vocês perdesse o marido ou esposa, perdesse todos os filhos, perdesse o emprego, a casa, o país... Como vocês se sentiriam? A pessoa se pergunta: *“Que faço? Quem sou? Eu sou alguma coisa?...”*. Ela olha para as estrelas e as estrelas não são mais as mesmas, as montanhas não são mais as mesmas... tudo ficou cinza, nada adquire mais o valor ou a atração que havia antes. O mundo morre, desaparece. A pessoa vagueia, flutua. Se tirarmos todos esses aspectos, que são a estabilização dos nossos estados mentais, isso pode realmente acontecer.

.....  
Todos temos o mesmo vaso, a mesma natureza de buda.

Quando os ensinamentos são oferecidos há uma dimensão sutil e uma dimensão explícita nisso. Na dimensão sutil há uma ressonância, porque, para o outro entender o ensinamento, tem que gerar aquele som dentro dele.

Esse gerar o som significa que ele está atuando com o mesmo sino. É como, também, se ele tivesse vários sinos, quando um sino toca, só um sino dentro dele é que vai ressoar.

Aquele sino é o sino da natureza de buda na sua originalidade.

Quando entendemos alguma coisa é um aspecto muito sutil, porque a base surge

.....



## **5º ELO SHADAYATANA A Esfera dos Sentidos**

### **QUINTO ELO – SHADAYATANA**

Quando surge nama-rupa, ou seja, a busca, o elo seguinte, shadayatana, se capacita. Na roda da vida, shadayatana é simbolizado por seis casas, ou uma casa com seis janelas, que representa a nossa materialidade física. Estávamos buscando a materialidade, agora, encontramos. A materialidade surge, ela está ali, nós escolhemos. Qual é o conteúdo da materialidade? Já é a delusão da materialidade, a delusão que ela traz. Quando olhamos para aquilo, vemos que está dotado do conteúdo sutil, que brota da aspiração de nama-rupa, que brota, inevitavelmente, ligado a vijñanas e a samskaras. Quando fitamos a materialidade, nesse momento, a delusão é possível. Quando olhamos a materialidade, brota o conteúdo das aspirações anteriores, que são todas ocultas. Junto com a materialidade aparece a delusão.

Quando estamos operando com avydia, vemos que se trata de um processo de construção de escolhas. O aspecto de delusão necessita que tenhamos uma conexão com a matéria. O sentido que vamos atribuir está ligado às nossas aspirações. Nos identificamos com aquela matéria, ela está ali.

Podemos também analisar shadayatana pelo ponto de vista de um cientista que cria um instrumento. Ele primeiro concebe o raios-X; mais tarde, detecta o raios-X. Ele não vai encontrar o detector antes da concepção. Niels Bohr examinou esse caso com todo cuidado. Por esse motivo, ele dizia que o equipamento experimental, shadayatana, é inseparável da estrutura acadêmica que o fez aparecer. Não existe shadayatana, sem que haja uma estrutura acadêmica anterior. As teorias, os postulados, as visões, todas elas estão manifestadas no equipamento.

**O equipamento experimental não se separa do cientista.**

O equipamento experimental surge no universo mental do cientista, espelhando seu universo mental. Quando o equipamento experimental atua, ele encontra objetos. Esses objetos, também, são inseparáveis das próprias teorias. Depois de shadayatana temos spasha.





**6º ELO  
SPASHA  
Contato**

**SEXTO ELO – SPASHA**

**S** hadayatana é como se fossem seis construções, que simbolizam os seis sentidos. Spasha já é a utilização desses seis sentidos, o encontro dos sentidos com seus objetos. Spasha é quando usamos a materialidade como se fosse a nossa expressão.

Na roda da vida, spasha é simbolizado por um bebê no seio da mãe ou por um casal de namorados. Quando surge spasha, surge o corpo que está operando no seu universo. A delusão está operando firme. Por isso é que o corpo da mãe provoca uma delusão que o corpo de uma outra mulher talvez não provocaria. Existem todos esses níveis atuando e spasha é o contato, especificamente.

Na medida em que há o contato, ou seja, spasha se exerce, surge vedana.



**7º ELO  
VEDANA  
Sensação (de gostar, não gostar  
ou indiferença)**

**SÉTIMO ELO – VEDANA**

**N** ós podemos achar que é bom, ruim ou indiferente. Vedana é simbolizada por uma pessoa enfiando uma flecha no próprio olho. Nesse momento, ficou cega pela segunda vez, já estava cega por avydia. Todas as etapas anteriores eram inconscientes. A partir desse momento, elas se tornam conscientes. Tudo o que poderá ver será o gostar ou não gostar. Ela simplifica todo o processo anterior pelo gostar ou não gostar. É o que fazemos, não é verdade?

**Pergunta:** Gostar ou não gostar do quê?

**Lama:** De um modo geral, ela sente apenas. Quando uma pessoa toca na mão de uma outra que ela ama, ela diz que gosta. Mas isso não está na pele, não é verdade? Se você toca em alguma coisa e gosta. Então você descobre que aquilo era uma cobra, qual é a sua reação? Onde estava aquele gostar? Onde estava aquela sensação agradável? Ela não estava no objeto, estava em um aspecto sutil.

De um modo geral, tudo isso está no inconsciente. A pessoa acha que sensualidade é contato físico. Na verdade, é um outro processo mais sutil. A pessoa pode perceber isso ou não. A pessoa acha que a beleza está no aspecto de visão, na forma, mas também não é.

Com vedana, simplificamos todo um conjunto de operações mentais e, então, surge o gostar e o não gostar. Assim, ficamos cegos da camada para baixo. As pessoas têm muitas certezas... Elas se movem dizendo: *“Eu gosto disso, eu quero isso, ou não quero isso”*. Aquilo dá um sentido de propósito, uma sensação de vida, de identidade, de movimento.



**8º ELO**  
**TRISHNA**  
**Desejo/Apego**  
**(decisão de agir/fazer)**

## **OITAVO ELO – TRISHNA**

**C**omo seguimos adiante? Com base em vedana, o que fazemos? Achamos que vedana é ótimo. Seguindo o exemplo de um vedana positivo, se achamos que uma coisa é boa, tentamos sustentar e reproduzir aquilo. Quando não gostamos de algo, tentamos também sustentar a nossa proteção frente àquilo. Seja como for, tentamos construir, elaborar. A etapa seguinte, tomando vedana por base, seja agradável ou desagradável ou indiferente, pensamos sobre aquilo, elaboramos, construímos de novo, pomos luminosidade a operar. Descobrimos que *“para isso funcionar, nada melhor do que...”*. Aí, temos um bom propósito, que não sabemos bem qual é,

depende das circunstâncias. Vejamos o exemplo de uma pessoa que tem um trailer de cachorro quente. No momento em que percebe que tudo vai indo bem, ela planeja ter dez trailers. É o momento em que faz a conta no final do mês e percebe que está ganhando dinheiro. Agora, quer multiplicar.

Trishna é potencializar. Está representada na roda da vida por uma pessoa tomando chá. Também poderia ser representada por amigos conversando na mesa de bar, planejando, plantando, construindo. Podemos, também, dizer que trishna é a aspiração da expansão daquilo que se provou. Podemos, neste caso, incluir a ação também – a ação de “plantar a árvore”.



**9º ELO**  
**UPADANA**  
**Apego (fixação)**

**NONO ELO – UPADANA**

**P**orque planejamos, plantamos, vamos com certeza colher. Neste elo, estamos diante de uma árvore colhendo os frutos, ou seja, deu certo! O planejamento deu certo. É como se tivéssemos plantado uma árvore e, agora, estamos colhendo os frutos. Por que plantamos a árvore? Porque um dia provamos do fruto e gostamos, agora queremos mais, então, planejamos um pomar. Aquilo está produzindo e nós, muito felizes, estamos colhendo o resultado.



**10º ELO**  
**BHAVA – Existência**  
Surgimento da identidade

**DÉCIMO ELO – BHAVA**

**B**hava é representado por um casal fazendo amor. Poderia também ser perfeitamente representado por uma pessoa contemplando um cosmos inteiro. Nesta etapa, surgimos dentro de um universo. Solidificamos nosso universo. Em um sentido, se trata de um nascimento. Entretanto, o sentido de nascimento não precisa necessariamente ser representado por um casal que vai tornar isso realidade. O melhor sentido de nascimento é quando uma pessoa se descobre dentro de um universo. É alguém fitando o céu, sem perceber que ela e o universo são inseparáveis. Surgimos pela experiência de upadana.

Também surge uma soberba. Dizemos: *“O mundo eu conheço, eu sei como as coisas funcionam, eu tenho experiência. Eu vou lhe explicar, o mundo é assim. Se você quiser ter sucesso, faça como eu.”*. Temos uma soberba. Quando descrevemos o mundo, descrevemos a nós mesmos. Vamos encontrar muitas pessoas com sucesso na vida e todas elas descreverão o mundo, mas os mundos não coincidem, porque são mundos particulares. Todos esses mundos são perecíveis. Na verdade, nos vemos como uma identidade, dizemos: *“Eu...”* e aí nos descrevemos bem. Descrevemos o mundo como nós somos e explicamos porque somos assim. Explicamos porque aquilo é esperto, porque aquilo é inteligente. Temos a emoção daquilo também. Nos sentimos integrados, estamos realizados na vida.

A experiência que temos é perecível. Como sabemos que essa experiência é perecível? Vejamos o passado. Podemos ver que as nações eram cosmos e elas desapareceram. Os deuses desapareceram, a teoria clássica da física desapareceu. As visões cosmológicas desapareceram, tudo desapareceu, uma coisa após a outra. Tínhamos a cosmologia grega e desapareceu, a cosmologia geocêntrica desapareceu, a cosmologia de Descartes desapareceu. Uma por uma dessas cosmologias foram desaparecendo.

A visão bíblica de mundo também não é mais levada ao ponto de concretidade material. Vocês vejam que um dos argumentos contra o Copérnico, quanto à teoria heliocêntrica, foi que Josué tinha feito o sol parar com suas trombetas. Se na bíblia diz que o sol parou, então, era o sol que se movimentava em torno da terra. Assim sendo, é uma heresia, uma afronta à bíblia, um livro completamente sagrado, imaginar que a terra se movimenta em torno do sol. Como pode uma mente humana diminuta ter a pretensão de se posicionar de forma diferente! Esse tipo de visão também sucumbiu. Imaginem como essa visão era forte. Essa visão é forte hoje. Vocês vejam que também isso vem e vai.

Isso diz respeito à bhava. Quando, por exemplo, um ex-oficial nazista está sendo julgado, está sendo julgado fora do contexto dele. Quando ele matou, seu universo era completamente diferente, estava dentro de uma construção totalmente diferente da construção na qual está sendo julgado. Isto diz respeito à bhava, aquele mundo desabou, morreu.

Em bhava, a pessoa está suscetível à tragédia. Dentro de bhava cometemos ações. Quando olhamos as nossas ações de um outro bhava, aquilo parece trágico. Se olharmos a nossa infância à luz dos dias de hoje, também temos visões completamente diferentes. Essa é a razão pela qual o passado muda. Os bhavas mudam!

Bhava é um conceito muito importante. Ele é, ao mesmo tempo, identidade e mundo. Os dois são inseparáveis. É um processo de delusão, mas uma delusão já cósmica. A delusão se oferece em vários níveis, desde avydia estamos com delusão. Ela vai se oferecendo em camadas e vai selando os níveis inferiores que, então, têm uma conexão por um aspecto muito simples. Agora, neste momento, selamos novamente. Selamos todas as nossas experiências anteriores, o “gosto e não gosto”, está tudo selado. Agora, tudo brotou na forma de visão de mundo, visão de identidade. Surgimos com uma identidade em um mundo. O “gosto, não gosto” já quase que desaparece porque simplesmente, automatizamos o processo, “sabemos como as coisas são, como elas funcionam”.

“Eu, sentado aqui no jardim Jatawana,  
percebo os mundos ilimitados em todas as direções.  
Em cada um desses mundos existe uma roda da vida específica,  
existem seres específicos, existem Budas específicos,  
existe uma lucidez que dissolve a avydia específica.

Da coroa da cabeça de cada um desses Budas

brotam luzes que me conectam a eles e a todos.  
Essas luzes se espalham e se reconvergem no topo da cabeça  
e atingem todas as manifestações incessantemente.

Quando essas luzes atingem todas as manifestações,  
todas as manifestações dançam a música do Dharma.  
Todas as ondas do mar oscilam com o som do Dharma,  
todas as plantas, todas as cores,  
tudo oscila com a música do Dharma.  
Todos os cantos dos pássaros, todas as manifestações  
oscilam revelando o som intrínseco de Avaloktेशvara.

O som que cura todo o sofrimento,  
o som que pacifica toda a ansiedade, toda a dualidade.  
Toda a realidade aparece cosmicamente bela  
e toda ela se revela completamente perfeita  
e completamente emancipadora.

Quando o Buda está sentado em um lugar espaço temporal  
ele olha e seus olhos abarcam tudo,  
porque o universo inteiro, ou a soma dos universos, são um diamante.  
Os olhos não param nas paredes.

Esse olho que estamos desenvolvendo,  
compreendendo, ele ultrapassa as paredes."

*Buda Sakyamuni*



## **11º ELO**

### **JETI – NASCIMENTO**

Atividade incessante de nossa vida

## **DÉCIMO PRIMEIRO ELO – JETI**

**J**eti significa “circunstâncias da vida”. É simbolizado por uma criança nascendo, ou seja, ela vai passar por nascimento, crescimento, envelhecimento, decrepitude e morte. Mas o ponto importante das circunstâncias da vida é o fato de que estamos sempre ocupados, tentando equilibrar alguma coisa. É esse elo que vai nos provocar a sensação do décimo segundo elo. Enquanto crescemos, estamos buscando estabilizar alguma coisa. O mesmo acontece quando amadurecemos e envelhecemos. Tudo isso faz parte desse processo. Os aspectos de crescimento, envelhecimento e decrepitude são o aspecto externo somente. O que movimenta tudo isso? É o nosso esforço de nos manter equilibrando aquele universo.

Esse elo poderia ser perfeitamente simbolizado por um equilibrista girando pratos. Ao longo da vida, ele tenta aumentar o número de pratos até que atinge um ponto. Depois, no envelhecimento

e na decrepitude, o número de pratos que consegue cuidar começa a diminuir. Então, chega um ponto em que está girando um só prato, seu corpo, come e dorme, é tudo. Mais tarde, eventualmente, ainda vai precisar de um apoio mecânico para ajudar o prato a girar. Mais adiante, nem assim dá, então morre. O envelhecimento é caracterizado pela perda de habilidades, pela redução das facilidades de se mover em meio ao bhava e a sua identidade. Tudo aquilo começa a não mais funcionar direito.



## **12º ELO JANA-MARANA Envelhecimento e morte**

### **DÉCIMO SEGUNDO ELO – JANA-MARANA**

**E**m um certo ponto, vemos que não existe um retorno no processo de estreitamento de nossas habilidades. Nesse momento, temos a sensação de que estamos começando a morrer. Mais tarde, ocorre a morte biológica. Com a morte biológica parece que tudo termina – mas não.

Nem precisamos considerar a morte biológica, basta pensar em um outro exemplo, como perda de emprego, separação, coisas assim. Podemos nos certificar que também ocorre da mesma maneira. Tudo aquilo vai se estreitando, estreitando e, de repente, não é mais possível ser sustentado, tudo termina.

Quando nos referimos à morte aqui, queremos dizer que morre o décimo elo inteiro. Morte significa dissolução de bhava, ou seja, a identidade e o mundo correspondente. Isso pode ser um processo individual ou mútuo. Pode acontecer também com muitas empresas, quando estas abrem falência. Pode ainda afetar uma nação inteira ou culturas. Imaginem a situação dos índios aqui no Brasil, a situação das missões que foram destruídas. São universos que desapareceram. Observem os espanhóis chegando ao México e construindo catedrais onde, antes, estavam os templos. A história humana é a da destruição sucessiva de bhava. Todas as construções passam por isso, as teorias científicas também passam por isso.

Quando o décimo segundo elo se encerra, o que surge dentro de nós? Já não temos mais possibilidades, mas temos ainda duas qualidades, que preservamos até o momento final. Essas duas qualidades cruzam conosco na morte.

Quando nos aproximamos da morte, sabemos muito bem o que não queremos que aconteça novamente. Temos raivas, dores, rancores, aversões. Dizemos: *“Tudo isso aconteceu por causa de...”*, poderíamos fazer uma lista. Ao mesmo tempo, dizemos: *“Eu perdi as seguintes coisas maravilhosas, eu não gostaria de ter-me privado de...”*. Nesse momento, surge na nossa mente todos os seres queridos, todas as situações favoráveis que naquele momento não temos mais.

No momento da morte, temos duas aspirações: uma de nunca reencontrar as condições negativas que tivemos de passar, e outra, que é a de nos fixarmos de uma maneira realmente lúcida, nítida, decidida, com os aspectos positivos. Assim, com essas duas aspirações, entramos no sonho do

bardo. Estávamos no sonho da vida e agora entramos no sonho do bardo. A nossa mente vagueia, ela voltou a uma circunstância, onde a materialidade não estabiliza mais os estados mentais. Não podemos mais contar com a materialidade para estabilizar os nossos estados mentais. Esses estados mentais são como o sonho à noite, a nossa mente vagueia sem estabilidade. Mas temos duas aspirações, uma de rejeição e outra de aproximação. Com base nisso, vamos redefinir o próximo renascimento.

Após a morte, saltamos diretamente para nama-rupa, porque essas duas aspirações representam a estrutura de avydia, samskara e vijnana, que se preservam. Desejamos apenas estabilizar as estruturas que nos garantam a felicidade e o afastamento do sofrimento. Assim, saltamos para algum dos seis reinos, que é visto como a melhor solução. Dessa forma, reiniciamos a roda, tudo se repete, tudo recomeça.

## **O Bardo da Morte**

Existem seis bardos. A palavra “bardo” foi usada por mim nesse momento como o bardo da morte – supressão da biologia, da materialidade. Como surgiu a materialidade? Queríamos estabilizar estados mentais a partir da materialidade. Sem essa estabilidade, a mente fica volátil novamente, como a mente de um sonho. Como a mente que sonha à noite, ela salta de um lugar para o outro e não precisa de lógica nesse processo, porque opera por luminosidade e não por causalidade. Ela simplesmente salta de um lugar para o outro.

Operamos com essa natureza luminosa, se percebermos a natureza luminosa nesse momento, isso é a própria liberação. Uma experiência muito oportuna, se pudermos perceber isso. Podemos atingir a liberação completa nesse momento!

Se não percebermos, estaremos sob o efeito das duas emoções. Então vamos querer uma ação causal, precisamos de um objeto que estabilize as emoções positivas e precisaremos de uma garantia com relação às emoções negativas. Nesse momento, vamos olhar a nossa mãe como aquela que proporciona isso e o nosso pai como aquele que nos perturba, no caso dos meninos. No caso das meninas, justamente ao contrário, o pai seria visto como fonte de felicidade e a mãe, como fonte de perturbação.

Quando completa os doze elos, saltamos novamente para uma aspiração. Queremos, então, a concretude de nossa aspiração. Vejam vocês a grande lucidez do Dalai Lama, deveríamos fazer prostrações a ele neste momento. Vejam a grande esperteza dele e do budismo em geral. O Dalai Lama enfatiza esse ponto incessantemente.

**Todos os seres desejam a felicidade e desejam se afastar do sofrimento.**

*S.S. XIV Dalai Lama*

Isto é a herança da nossa morte anterior! Todos os seres desejam a felicidade e desejam afastar-se do sofrimento! Não importa em qual dos reinos eles estejam, só querem isso! O Dalai Lama pega isso, que é o que nos conduz para baixo e inverte o processo. Ele diz: *“Ok, você quer felicidade e quer se afastar do sofrimento, então examine o processo que você está utilizando para obter a estabilidade da sua felicidade!”*. Ele começa, então, com um processo dialético que vai nos levar a subir, que nos empurra para cima. Ele pega a semente da desgraça e a transforma na semente da iluminação. Só um grande mestre consegue fazer isso!

A prisão em que nos encontramos é totalmente virtual, não é verdadeira. Entretanto, para quem está dentro dela, ela é totalmente verdadeira e fixa. Só um grande mestre pode chegar diante dos seres que estão livres, mas não experimentam a liberdade, e mostrar o caminho lento em direção à liberdade. A cada momento, os seres têm responsabilidades, por esse motivo, eles não conseguem experimentar a liberdade.

Quando compreendermos esse ponto, podemos voltar ao primeiro dos oito passos do Nobre Caminho, ou seja, o que temos feito? Qual é o nosso propósito de vida, o que andamos fazendo? Esta é a pergunta no primeiro passo, só conseguimos compreender melhor isso, quando passamos pelos doze elos e vemos o que temos feito. Nesse momento, pode surgir um propósito, uma motivação mais elevada, que é o objetivo disso.

Tendo chegado ao final do décimo segundo elo, ainda não examinamos como ultrapassar essa experiência. Vimos apenas como essa roda gira. Reconhecemos, também, que esse aspecto dos doze elos é o mais sofisticado dentro da roda da vida. Olhamos, no início, os três animais, depois, olhamos a impermanência que está ali, que é uma coisa aparentemente simples de entender.

Ainda que não compreendamos bem porque a impermanência surge, podemos reconhecer que ela está presente. Depois, olhamos os seis reinos, que pode se transformar em uma prática de meditação, ou seja, encontrarmos os nossos impulsos correspondentes aos seis reinos incessantemente. Este é um ponto importante, o de contemplar o fato de estarmos sempre agindo na possibilidade dos impulsos dos seis reinos, reconhecermos isso dentro de nós.

Então, olhamos os doze elos. Mas olhamos da perspectiva da construção, como saímos do primeiro e chegamos ao décimo segundo elo. Saímos de um plano muito sutil e chegamos a alguma coisa muito concreta, que é a experiência de dissolução, morte, aflição. No meio disso, ficou claro que nama-rupa (4º Elo) desempenha um papel importante, na medida em que determina as motivações sutis que produzem a nossa identificação com a matéria, com a materialidade que nos sustenta os diversos estados mentais. Então, toda sensação de morte está ligada à dissolução do shadayatana (5º Elo) e, portanto, a frustração daquele esforço, que é nama-rupa.

Na próxima etapa vamos olhar esse processo como o Buda explicou, que é a meditação sobre a dissolução da experiência. Essa dissolução se dá em dois níveis. Este é um tema realmente muito importante. Isso é a essência do processo de liberação. O processo de prisão são os doze elos, o processo de liberação é a liberação dos doze elos.

## Os Doze Elos da Originação Interdependente

### (Dissolução a Nível Causal e de Luminosidade)

Lama Padma Samten – Fundação Peirópolis, Agosto 2000  
(transcrito por Eliane Steingruber)

## Introdução

Começamos no décimo segundo elo para voltar, para dissolver. Nesse ponto, quando iniciamos no décimo segundo elo, podemos examinar aquilo que está trazendo dor. O décimo segundo elo é sempre experiência de dor. Por definição, aquilo que não queremos que se mova, se move, aquilo que não queremos que aconteça, enfim, acontece; o inevitável acontece. Quando chegamos nesse ponto, temos vários níveis de experiência.

No mundo temos muitas liberdades, podemos nos deslocar de um lado para o outro. Entre as múltiplas liberdades, podemos entrar em um Shopping. Quando fazemos isso, tudo estreita



um pouco, entramos naquele Shopping e não em outro. Dentro do Shopping, vemos muitos cinemas. Estamos vendo aqueles cinemas e não os cinemas dos outros Shoppings. Entre os múltiplos filmes, podemos escolher um. Feita a escolha, entramos em um dos filmes. Quando nos sentamos e vemos aquele filme, estamos vendo aquele e não os outros.

Quando nos deslocamos pela cidade e vemos um Shopping, consideramos isso liberdade. Quando entramos no Shopping, consideramos isso liberdade. Quando vemos os vários cinemas, tomamos por liberdade. Quando vemos os múltiplos filmes oferecidos, mais uma vez, consideramos como liberdade. Quando escolhemos um filme e começamos a assisti-lo, isto também é uma liberdade. Porém, quando estamos dentro do filme, temos a liberdade de estarmos só ali. Da mesma forma, também temos a liberdade de ficar presos a um só universo, sofremos e nos alegramos de acordo com a experiência do filme.

A Roda da Vida também é um exercício de liberdade:

Existe uma liberdade ilimitada, cósmica. Eu vejo um planetinha azul; dentro do planetinha azul, o continente; dentro do continente, o país; dentro do país, a cidade; dentro da cidade, aquela família; dentro daquela família, aquele ventre.

Ainda assim, a nossa natureza segue ilimitada. Da mesma forma que, durante o filme, podemos comer pipoca e tomar refrigerante, vivemos duas realidades, a da sala e a do filme e ainda temos a realidade humana, podemos achar que entramos no filme errado e sair.

Temos vários níveis de realidade operando. Do mesmo modo, em plena experiência da Roda da Vida, temos as liberdades originais, apenas não as reconhecemos. Quando estamos imersos em uma experiência invasiva, como um filme eletrizante, não nos parece oportuno levantar e sair. Desta forma, ficamos presos por um mecanismo interno, natural. Ao mesmo tempo, estamos livres, apesar de não termos essa experiência, sentimos que devemos continuar operando daquela forma.

De tanto em tanto, percebemos que a liberdade existe. Principalmente após algo que estivemos ligados por muito tempo e que pela impermanência se rompe, como as nossas ligações à casa, ao trabalho e às pessoas. Tudo aquilo parecia impossível ser de outra forma. Apesar disso, naturalmente tudo gira e a impermanência acontece. Nesse momento, nos damos conta de que aquela rigidez que antes experienciávamos, na verdade, nunca existiu. O mesmo acontece com as situações que estamos imersos hoje. Apesar de agora elas nos parecerem fixas, sólidas, elas na verdade não o são e essas são as características da Roda da Vida.

A nossa natureza divina não passa pelas circunstâncias que as nossas identidades passam e o nosso corpo pertence à categoria das identidades.

*Lama Padma Samten, Palestra em Guarulhos 08/12/00*

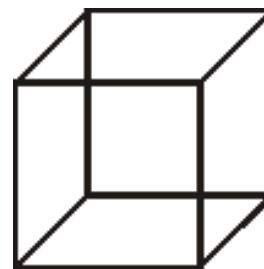
Vamos fazer um percurso dentro desses doze elos no sentido inverso, como se fosse uma meditação, propriamente. Sugiro a vocês que pensem sobre um problema que provoque algum tipo de sofrimento, não importa qual seja. Esse problema deve ser bem complicado, um daqueles aparentemente sem solução. Esse problema deve ter uma conexão tanto física, quanto mental, quanto emocional, ou seja, que afete a mente, vire, estrague o coração e estrague a saúde. Deve ser um problema que realmente lhes causem mal. Começaremos estudando, analisando os dois métodos de dissolução que o Buda ensinou. Depois, vamos examinar o problema escolhido. Vamos fazer uma meditação dos doze elos na dissolução de dores.

Existem dois métodos de trabalhar esse problema, o causal e o direto, no qual a luminosidade, a natureza última é compreendida e reconhecida. Vamos desenvolver esses dois métodos, começando pelo método direto, de luminosidade.

## **O Método de Luminosidade**

Voltemos ao exemplo do cubo de Wittgenstein:

Quando vemos o cubo, podemos lucidamente dizer: “*Eu vejo o cubo*”. Sendo assim, podemos claramente dizer: “*Tenho a experiência de ver o cubo*”. O verbo ver é um verbo separativo. Quando dizemos: “*Eu vejo...*”, notamos que o verbo falseia completamente a realidade. Aparentemente, de uma forma neutra, parecemos constatar algo externo, como se o cubo fosse algo separado de nós, temos a experiência de ver algo separado de nós. Nós já raciocinamos e vimos que não é assim. Por esse motivo, vamos substituir o verbo ver pela experiência de ver “*Eu tenho a experiência de estar vendo*”. Examinando dentro da experiência de estar vendo, localizamos que existe a delusão. existe Avidia.



Nós sempre dizemos “*Quando eu era criança, eu era assim; quando eu era adolescente, eu fazia tais coisas; quando eu cresci, eu era assim*” Observem que éramos diferentes em cada etapa. Se formos descrever hoje, já será diferente e, no futuro, nem podemos dizer nada concreto. Vamos nos definindo no decorrer do tempo. Mas quem é que fala isso?

### **Nós estamos um passo atrás de nossas identidades...**

Temos a capacidade de recuar frente às nossas identidades e olhá-las, não somos nenhuma delas. Se dissermos que hoje somos funcionários de uma determinada empresa, não é correto. Deveríamos dizer “*Nós estamos*”. Tudo o que definirmos como nós, podemos definir como “*Eu estava, eu estou...*” Podemos definir todas as propriedades como conjunturais. E nós mesmos? Que cara temos, então?

Imaginem se chegarmos amanhã no trabalho e encontrarmos uma cartinha de demissão sobre a mesa. E agora? Aquela nossa identidade desaparece, morre. Voltamos para casa e pensamos: “*Eu acho que vou morrer*” No entanto, reconhecemos que não morremos, não somos, nem nunca fomos aquilo, aquela forma de manifestação anterior. Continuamos completamente lúcidos, vivos, tudo brilhando, funcionando perfeitamente.

Nos lembramos que, antes de entrar naquele emprego, já tínhamos esse brilho, esse jeito. Sempre fomos assim e essa é a nossa cara, temos essa vida, esse brilho. Esse brilho está antes da vida e depois da morte, a capacidade de parar e de fazer tudo operar. É esse brilho que faz com que sigamos da morte em direção à vida novamente.

Já olhamos os vários aspectos de avidia, que são, os aspectos de luminosidade, de delusão, de ocultação e de ocultação da ocultação. No entanto, existe um aspecto, no qual não nos aprofundamos muito. Trata-se de um aspecto muito importante – o mais importante – no qual vamos jogar lucidez neste momento. Esse aspecto é o fato de que no processo de delusão, existe uma luminosidade da mente atuando. Quando olhamos os objetos, deixamos de reconhecer o fator que vai nos trazer a responsividade. Quando olhamos um livro, por exemplo, de um modo geral, o olhamos tentando adivinhar seu conteúdo. Nos movimentamos com relação ao livro, movidos pela responsividade, como com todos os objetos. Olhamos e automaticamente pensamos: “*Oh, que interessante, um livro! Qual é o título? Já ouvi falar deste livro, será que é bom? Acho que vou ler...*” Todas essas conclusões são responsabilidades. Passamos os olhos nos livros e podemos aferir e nos mover através da responsividade que brota.

A partir de agora não vamos mais agir assim. Vamos olhar o livro e reconhecer que existe esse brilho, reconhecer que existe essa natureza que faz brotar essa experiência do livro, e que ela movimenta uma energia. Não é o conteúdo do livro que nos interessa neste momento, mas o fato de que contemplamos o surgimento dessa energia, desse brilho. O objeto que contemplamos agora não é mais o conteúdo do livro, mas o surgimento do impulso, o

surgimento da responsividade. Esse é o nosso objeto de interesse. Reconhecemos que cada objeto nos traz um brilho, nos traz uma manifestação de resposta, de potencial que seja. Não estamos mais olhando seu conteúdo, não vamos mergulhar nele. Apenas percebemos que ele surge e, com isso, contemplamos o fato de que a mente tem o poder de jogar um brilho. É como se ela magnetizasse as coisas.

Um livro não pode ser explicado pelo papel e pela tinta. Agora podemos reconhecer isso um pouco melhor, através do reconhecimento de que nama-rupa faz surgir shadaiatana, que é a base material. No estágio de nama-rupa, estamos buscando uma experiência de materialidade que estabilize o estado mental. O poder que atribuímos aos objetos está além da própria constituição do objeto. Quando olhamos para os objetos, olhamos com os olhos de nama-rupa e, assim, quando encontramos o que estávamos buscando, aquilo fica imantado pelo significado que colocamos.

Quando olhamos um objeto, o fato de ele estar magnetizado ou não, não é percebido pela sua aparência. É como se tivéssemos adicionado ao objeto uma propriedade invisível, uma energia. Os objetos passam a gozar propriedades que não são aferíveis visualmente, que estão ocultas, mas que estão se manifestando.

Nós vimos os primeiros elos operando até o surgimento de nama-rupa. Quando chega nama-rupa, vimos que, na situação anterior, a mente flutua e goza de uma propriedade que é se estabilizar pela experiência dos objetos. A mente busca uma materialidade. Essa aspiração de materialidade está sempre presente quando os nossos olhos percorrem alguma coisa. É ela que nos faz dar diferentes significados às coisas. Vamos supor que eu precisasse de uma mesa. Então eu pegaria duas pilhas de livros e, com uma tábua em cima, surgiria à mesa desejada. Assim, eu tenho os olhos de nama-rupa buscando uma mesa. Eu olho as pilhas de livros e vejo mesas a partir disso. Sem aquela aspiração de nama-rupa, isso não seria possível. Se formos olhar pilhas de livros, com certeza, não encontraremos nenhuma mesa lá. Eu, porém, magnetizo a pilha de livros a ponto de ela virar uma mesa. Esse é o aspecto de delusão. É assim que a delusão opera, ela tem essa propriedade, a mente tem essa propriedade. Eu vou chamar essa propriedade de luminosidade da mente, fazemos surgir junto com nama-rupa. É muito importante que sempre lembremos disso.

Se manifestarmos isso de forma inconsciente, sem a devida lucidez no processo, vamos ficar presos ao objeto e ele vai virar um hábito. Vamos acabar olhando para o objeto e dizendo solidamente que ele é isso ou aquilo. Porque temos sempre aquela experiência, ele se torna aquilo que o tomamos por ser. Quando começamos a olhar toda essa questão, podemos ver que atribuímos significados aos objetos e eles ficam dotados dos significados que atribuímos. Muitas vezes, as pessoas que estão ao nosso lado não vêem isso. Uma imagem sagrada, por exemplo, para uma pessoa que não tenha uma tradição religiosa, não tem valor algum.

Podemos verificar que existe uma dimensão sutil que cria, magnetiza, que dá significado. Essa dimensão sutil produz na experiência de objeto a propriedade de criar responsividade. Essa é a essência do magnetismo.

**Pergunta:** O que é exatamente responsividade?

**Lama:** A responsividade é o efeito que o magnetismo provoca. Por exemplo, quando olhamos os desenhos de nossas crianças, os achamos lindos. Uma professora já os compara com os outros desenhos de outras crianças e pode até dizer que já viu melhores. Isso significa que respondemos emocionalmente, que surge uma energia dentro de nós. Isso movimenta a nossa ação. A resposta já está pronta, ela não passa no processo cognitivo, não nos perguntamos: "Respondo ou não respondo?" Olhamos e reagimos inconscientemente. Isto está no nível mais sutil do que os níveis que atuam ligados à mente. Isso está associado aos próprios sentidos, a responsividade já está magnetizada.

*A delusão se manifesta produzindo a responsividade correspondente ao objeto que é experienciado. Quando vemos um filme, por exemplo, se nos mantivermos lúcidos de que tudo aquilo não passa de luz e sombra, em princípio, não vamos colocar o magnetismo, não vamos nos aterrorizar com as imagens. Se colocarmos o magnetismo, as imagens vão ganhar poder. Eu chamo essa dimensão, o fato de atribuímos poder às imagens, de luminosidade da mente. O monstro não está na tela, nem na luz, mas temos uma experiência de monstro. Como é que sabemos que o monstro surgiu? Porque temos uma responsividade, também a nível biológico.*

Agora já podemos compreender e perceber que existe dentro da delusão essa propriedade que imanta os objetos. Existem meditações sobre isso. Uma delas é sobre o nosso corpo, ela é um pouco dura. Começamos percebendo os quatro elementos atuando no nosso corpo. Percebemos um elemento de solidez atuando dentro do corpo que mantém a estrutura; percebemos um elemento de fluidez, que é responsável pela flexibilidade, percebemos o elemento de calor, que sustenta a temperatura e percebemos, ainda, o elemento de ar, os espaços vazios, os gases que operam dentro do corpo. Após essa contemplação, existem dois possíveis rumos. No primeiro, percebemos que a nossa natureza, ou seja, cada um desses elementos vai se dissolver. O elemento sólido está hoje presente, mas amanhã vai se dissolver; o elemento líquido, também, vai se dissolver; o elemento ar está presente agora, mas cedo ou tarde, vai se dissolver; o elemento fogo, também, vai se dissolver. Esse é um tipo de meditação sobre o próprio corpo. Enquanto meditamos sobre isso, podemos perceber que os quatro elementos estão imantados e surgem com a nossa identidade, mas não podemos ser reduzidos aos quatro elementos. Ao mesmo tempo, percebemos a impermanência desses quatro elementos.

Existe uma outra forma de meditação sobre o corpo. Nesta meditação, podemos contemplar sobre o próprio corpo ou sobre o de uma outra pessoa. Quando imaginamos o corpo, nos damos conta de que ele nada mais é do que dentes, unhas, cabelos, sangue, nervos, fezes, urina, vermes, excrementos, etc. Neste ponto, podemos perceber que, quando estamos nos relacionando com alguém, não estamos nos relacionando com os ossos, pele, carne, etc. Podemos, então, perceber que temos uma percepção magnética. É muito importante percebermos isso. Deveríamos contemplar isso o tempo todo, nunca devemos esquecer disso!

### **Nós nos movimentamos em um mundo magnético...**

Quando uma pessoa folheia uma revista com muitas fotos, ela está apenas passeando por dentro da sua região que produz magnetismo, que provoca os significados correspondentes. Ela não está lidando com os objetos, mesmo assim, os significados estão aparecendo. A mesma coisa acontece em um filme, não importa qual o seu teor, ali só tem tela e luz. Os significados, no entanto, estão todos lá. Portanto, nos movimentamos dentro de um mundo magnético, e não, em um mundo de matéria. É necessário que percebamos isso. Isso precisa ser contemplado muitas e muitas vezes. Podemos afirmar que o cinema não é real, que as fotos não são reais, mas a realidade é idêntica!

### **Qual é a diferença entre uma foto e a pessoa real?**

Nenhuma! A delusão frente à imagem real e frente a uma foto é a mesma. O conteúdo efetivo dos objetos está no plano magnético, e não no plano físico. Caso contrário, os cinemas não funcionariam, tampouco as músicas ou as fotos. Podemos nos assustar com uma foto ou com uma passagem no cinema. Mas, essencialmente, o susto ou não susto depende de uma dimensão magnética que estamos atuando. O mesmo acontece com certas imagens que nos trazem

sentimentos agradáveis. Por que a imagem da namorada ou namorado tem o poder de produzir um magnetismo?

O maior mérito das crises afetivas está ligado ao exame do magnetismo, *ao exame inevitável do magnetismo* e isso é maravilhoso! Contemplem tanto o surgimento, quanto o desaparecimento do magnetismo. Aquela pessoa teve durante certo tempo aquele poder de magnetizar, depois muda. É uma outra conexão que surge. O magnetismo pode mudar aceleradamente e, às vezes, até para a própria sobrevivência da pessoa.

Existem ainda situações híbridas, que são as piores. A pessoa não sabe ainda se o outro será incluído na categoria de monstro ou se ele vai voltar. Se voltar, será um anjo; se não... A pessoa ainda não sabe se o empurra para os infernos ou se o puxa para uma outra dimensão. Nesta etapa, o magnetismo toma uma forma muito estranha, pois a pessoa não sabe como imantá-lo. Neste momento, podemos melhor avaliar todo o processo. Nele, podemos também incluir colegas, sócios, parentes, etc.

### **Vacuidade é forma, forma é vacuidade**

Vamos chamar de luminosidade a percepção desse magnetismo. A luminosidade é aquilo que provoca o magnetismo. Ela é uma dimensão construtiva, uma dimensão de operação. Ao mesmo tempo, quando contemplamos essa luminosidade, inseparável disso, contemplamos a vacuidade. Só temos o efeito magnético, porque as aparências não surgem por solidez, elas surgem por magnetismo. O fato das coisas surgirem por magnetismo, isto mesmo é a vacuidade. A vacuidade não é um buraco. Porque a luminosidade atua, ela denuncia, ela indica, ela expressa, nesse atuar, a vacuidade. A mesma palavra pode ser usada para as duas.

Por que dizemos que a luminosidade é inseparável da vacuidade? Pelo próprio fato de que a experiência de realidade brota do magnetismo que estamos vendo. Isto significa que a experiência da realidade não brota de ossos, pedra, pau, papel ou paredes. Se compreendermos a luminosidade, compreenderemos a vacuidade, compreenderemos a liberdade, porque a vacuidade, também significa liberdade. Assim sendo, compreenderemos o carma, porque seu surgimento é uma experiência condicionada, sem que notemos a sua presença. Aquilo pode ser assim, mas desde que acessemos aquela região. Podemos usufruir a liberdade com relação ao carma, não precisamos mais responder carmicamente.

Quando percebemos a luminosidade, percebemos que, porque a luminosidade existe e ela traz a experiência de realidade, a experiência de realidade é etérea. Isto significa vacuidade. Se a luminosidade é aferida experimentalmente pela responsividade que brota, a vacuidade é aferida experimentalmente pela liberdade, que passamos a reconhecer. Percebemos que a luminosidade opera, porque ela nos provoca impulsos, movimentos. Por outro lado, se a realidade surge através desse magnetismo, isso mesmo é a vacuidade. Como observamos de forma experimental a vacuidade? Porque olhamos para aquele fato e vemos que existem liberdades, não precisamos ficar presos à face que surge. Podem surgir outras faces. Só o fato de surgir uma face, a mesma já manifesta a liberdade.

Para atuar, o carma precisa da inconsciência de todo esse processo – *“Estou vendo, tenho as experiências e digo que as coisas são sólidas. Não reconheço a luminosidade, não reconheço a vacuidade. Reconheço objetos externos, como monstros, aparecendo diante de mim e, como não sou trouxe, vou sair correndo.”* – Todo esse quadro está nítido. Quando isso está nítido, atuamos carmicamente, temos as respostas, validamos a responsividade, dizemos que está muito correta, escolhemos qual a responsividade que melhor se encaixa a situação e, assim, nos movimentamos dentro da Roda da Vida.

O processo cármico se dá quando não reconhecemos a luminosidade, não reconhecemos a liberdade, não reconhecemos nada. Então reagimos dentro do filme. A responsividade é criada pelo carma, ele ganha significado a partir dela. O que determina qual o tipo de experiência que vamos ter é o carma. Se tivermos lucidez, estamos livres do carma, porque reconhecemos a beleza, a perfeição de todas as coisas. Se não temos a lucidez, o carma atua de forma oculta e ainda podemos até pensar: *“Oh, como sou esperto, percebi isso, percebi aquilo!”* Tudo isso são, simplesmente, manifestações do carma, nada mais.

Vamos supor que uma pessoa precise atravessar São Paulo, sem conhecer a cidade. Tenta a primeira vez e, perdida, pergunta aqui e ali, até que consegue atravessar. Um mês depois, ela se encontra na mesma situação. Percebe, então, que reconhece alguns lugares, mas ainda precisa perguntar muito até conseguir atravessar novamente. Um dia, a pessoa percebe que, se tentar várias vezes e passar, pelo menos mentalmente por lá, tudo vai ficando mais fácil, até que, um dia ela não precisa mais perguntar. Isso é o poder da prática.

Na prática, alguém atravessa conosco de mãos dadas uma vez. Depois atravessa novamente. Um dia a pessoa precisa tentar atravessar sozinha. Essa é a diferença entre a explicação e a prática. É muito importante que pratiquemos. É necessário que pratiquemos várias vezes, para que tudo fique mais nítido, para ganharmos o poder de andar pelas condições duais com lucidez. Por isso se pratica.

**Se vocês quiserem agradar um Lama é muito simples, pratiquem!**  
**Chagdud Rinpoche**

Eu até diria que é um desrespeito não praticar. O Lama gasta parte de sua energia vital ensinando. Essa energia não volta mais. O Lama explica e a pessoa pega, agradece e vai. Aquela energia vital passou! A outra pessoa vai pegar por um mínimo. Talvez, na próxima vida, ela vai conectar-se mais facilmente. Então o Lama, pacientemente, explica tudo novamente. E assim vai. Mas aquela energia vital dele não volta mais. Aquilo foi um momento único. Se a pessoa recebe um empurrão, é bom que ela use. Não se sabe se sua energia vital, enquanto ela está ouvindo, vai poder voltar também. Este é o sentido da prática. Pegamos aquilo que recebemos e usamos uma vez, duas, três até conseguir cruzar por aquilo.

## **Dissolução no nível de luminosidade**

Agora, vamos voltar ao nosso problema insuperável. Vamos analisá-lo com a mesma visão de estudo que estávamos examinando, ou seja, a tragédia na forma de um filme, como os filmes são: Uma experiência de tragédia. Podemos dizer isso em relação aos nossos problemas?

Olhamos, agora, a nossa tragédia como uma experiência de tragédia. É comum que, a princípio, alguém tenha um bloqueio nessa parte. Contudo, se olharmos de forma livre, podemos transformar e dizer: *“Tragédia é uma experiência de tragédia”*. Quando percebemos que uma tragédia nada mais é do que a experiência de uma tragédia, então, podemos olhar o item seguinte. Neste momento, vamos reconhecer a delusão operando, a experiência de tragédia surge pela delusão, ela nada mais é do que uma delusão. Quando olhamos a delusão, percebemos que a experiência de delusão é uma experiência de luminosidade. Quando percebemos a experiência de luminosidade, vamos perceber que a luminosidade é uma liberdade, que manifestamos a liberdade de manifestar isto assim.

Se duvidarmos, podemos retornar ao cubo, retornar à noção de avidia. Estamos vendo uma coisa e não vemos a outra por ocultação. A própria ocultação está oculta. Quando a luminosidade se oferece, ela oferece uma visão. Não conseguimos ver de outra forma por causa de avidia. Porque vemos de uma maneira, não podemos ver de outra. Não vemos as alternativas, porque estamos presos à avidia. Avidia é o processo que oculta as alternativas e cerra essa ocultação. Precisamos contemplar isso! Só teremos a capacidade de contemplar a tragédia desta forma, no

momento de uma experiência de tragédia, se já tivermos treinado isso muitas e muitas vezes em outras situações. Só então, fica mais fácil.

## **Contemplação de uma Tragédia**

### **1. Experiência de tragédia**

Começamos buscando a solidez da experiência. Contemplando como a tragédia é sólida no nível de corpo, fala e mente.

### **2. Substituição da solidez pela experiência de solidez**

Como já fizemos vários raciocínios em vários trechos, fica, então, mais fácil de imaginar o que seja substituir a solidez pelo reconhecimento de que é uma experiência de solidez.

### **3. A experiência da tragédia é a delusão da tragédia**

Já vimos também, que a delusão da tragédia nada mais é do que a luminosidade criando a delusão da tragédia

### **4. Luminosidade é liberdade**

Surgimento de uma aparência já é a expressão de liberdade.

### **5. Contemplar a liberdade**

Nosso objetivo é tornar a liberdade prática, utilizá-la de forma prática, através da contemplação da mesma. O que significa utilizar a liberdade de forma prática? Significa que podemos seguir com a experiência de tragédia ou com uma experiência de liberdade.

Vocês vão ver mestres que choram, o Marpa chorou! Ele não disse: *“Eu vou evitar chorar, pois se eu o fizer, o que os meus alunos vão dizer?”* Ele não vê nenhum tipo de prisão em manifestar a luminosidade. Ele a manifesta de uma forma totalmente livre, não usa antídotos, não usa qualquer processo de desvio, que naturalmente poderia usar. Ele opta por cruzar por dentro e cruza. Ele manifesta a responsividade de forma livre, reconhecendo-a como liberdade, manifesta o reconhecimento das paisagens mentais com liberdade e tem os efeitos normais daquilo, manifesta tudo àquilo sem transformação.

## **Todas as manifestações de delusão são perfeitas**

Existem liberdades e ele sabe que pode optar. Reconhecendo que esse é um processo de delusão, ele pode optar pela forma de delusão que achar apropriada. Elege um critério e o usa livremente, pois tem aquilo nas mãos. Quando ele manifesta o sofrimento, o manifesta como liberdade. Se optar por não manifestar o sofrimento, manifestará a liberdade de não sofrer. Ele pode manifestar outras liberdades!

## **Antídotos**

1. As dificuldades podem se manifestar como dificuldades ou como dissolução.
2. A dissolução pode ser vista como fonte de dor ou de liberdades adicionais. Quando uma nova situação surge, ela não é necessariamente positiva ou negativa. Por ser uma nova situação, ela encerra outras restrições e outras liberdades.

3. Havendo a dimensão de luminosidade, inevitavelmente, temos a dimensão criativa novamente se exercendo: Novas criações, novas identidades, novo universo surgindo, nova paisagem.
4. Vimos que, quando a crise é tão grande que isso não é reconhecido, podemos olhar o passado, situações que já aconteceram conosco, que pareciam insuperáveis, mas com o passar do tempo, tudo foi mudando. Então vemos que não é o tempo passando, é uma transformação de paisagem. Para essa transformação de paisagem, não precisa ter um tempo passando, ela pode, simplesmente, se oferecer. Podemos, então, reconhecer uma liberdade. Desta forma, recuperamos aquela dimensão a partir da lembrança de uma situação passada que se resolveu. Sabemos que não é uma questão do tempo.
5. Quando isso também não é possível, podemos ainda examinar situações de outros seres, de outras culturas. Através dessa experiência vimos como, muitas vezes, as tragédias são o início de outras coisas. Descobrimos que, ao longo da cultura humana, existem camadas de tragédias que servem como bases para reconstruções de outras formas.

Observem! Quando percebemos o aspecto de liberdade, podemos usufruir dele. Como pode ser? A circunstância de tragédia que estamos vivendo encerra aspectos de restrição, de dissolução. Caso contrário, não haveria a experiência de tragédia.

Toda dissolução é dissolução de algo construído. Todo aspecto construído significa uma fixação. Toda fixação significa uma prisão. Quando o aspecto de dissolução surge, significa, também, a dissolução de uma prisão. Quando aquela prisão desaparece, existem outras liberdades que surgem no mesmo momento. Sendo assim, podemos olhar as liberdades que estão surgindo. Isso acontece nas separações, nas demissões.

Podemos, então, pensar: *“Tudo bem, a demissão aconteceu. Mas pode ser que o próximo emprego seja melhor, todas as circunstâncias serão melhores, tudo vai ser melhor.”* Podemos olhar desta forma. Podemos construir isso assim. Temos o domínio da lucidez, da luminosidade e podemos exercer isso.

Continuando com o exemplo do emprego. Quando o conseguimos, as paredes do local de trabalho pareciam douradas. Alguns meses depois, apesar de elas ainda continuarem as mesmas, mais parecem as paredes de uma prisão. Isso acontece freqüentemente.

Temos esse poder e podemos usar essas liberdades no ponto de vista convencional. A liberdade se manifesta mesmo a nível convencional. Uma pessoa que estudou tem liberdades porque estudou, mas está presa, limitada ao que ela aprendeu. A pessoa que não estudou não tem a liberdade de ter o estudo, mas também, não tem a prisão do que ela não aprendeu.

Nunca podemos dizer que algo é concretamente negativo ou positivo. Da mesma forma como não existe uma situação negativa que não podemos transformá-la de forma completa em aspectos positivos pelo poder da nossa luminosidade. Assim, o primeiro aspecto de dissolução do sofrimento que escolhemos da tragédia é esse.

Se seguirmos olhando, vamos perceber Maharaja no meio disso. Maharaja, o agente da tragédia. No entanto, Maharaja está rompendo “o que pode ser rompido”. Ele nunca vai romper o que não pode ser rompido. Tudo o que ele rompe está ligado a um aspecto construído, visões parciais, paisagens parciais. Se ele não rompesse, seguiríamos presos às nossas fixações. Todo sofrimento, inevitavelmente, aponta para fixações que tínhamos. Maharaja, a impermanência, a dissolução, é o nosso mestre sacudindo nossos grilhões.

Podemos usar liberdades até mesmo para sustentar a experiência de sofrimento. Ainda assim, a sustentamos, ainda temos a lucidez dessa sustentação. Podemos também ir até o outro extremo,



onde vamos olhar a experiência de sofrimento e substituí-la por uma compreensão mais ampla, onde estamos vendo liberdades, estamos vendo características que nos permitem um ressurgimento de um outro mundo.

Maharaja é como se fosse a personificação do atropelamento pela desgraça. De um modo geral, quando estamos presos à experiência cíclica, não assumimos ter qualquer responsabilidade perante a desgraça. Reconhecemos um agente externo responsável por ela. Esse agente externo chamamos de Maharaja, o grande senhor, o vemos como uma personificação do agente da desgraça.

Podemos olhar Maharaja de muitas maneiras. No sentido convencional, ele é o agente da tragédia, ele é o nosso grande inimigo, destrói todas as nossas queridas construções. No outro extremo, vamos olhá-lo como o Buda incansável, que não esmorece até nos apontar todas as nossas áreas de fixação, porque a experiência de sofrimento está diretamente ligada à fixação. Não há sofrimento sem que o javali esteja atuando. O javali surge por delusão, delusão é liberdade, que é luminosidade.

Olhando com uma visão muito ampla, vemos o sofrimento atuando só sob condições específicas. A dimensão de nossa mente ultrapassa espaço e tempo. Então, a dimensão de sofrimento perde totalmente o poder da responsividade.

**Pergunta:** *O sofrimento, então, ele não acaba. O que muda é a maneira com que o vemos?*

**Lama:** O sofrimento retorna cada vez que retornamos à paisagem correspondente. Quando a paisagem correspondente não puder ser evitada, isso não significa que a lucidez não seja possível. Reconhecemos, ainda assim, que aquilo está na dependência daquilo. Não é necessário eliminar o sofrimento no sentido da experiência dele. O que fazemos é igualar sofrimento com qualquer outra experiência. Todas as experiências brotam por delusão, todas elas se manifestam como luminosidade, e sofrimento é uma delas. A liberação do sofrimento não está na negação do sofrimento.

O Dalai Lama poderia ter dito "*Que bom que os chineses invadiram o Tibete!*". Mas ele disse "*Que horror que os chineses invadiram!*". Ele não vai dizer que tudo está bem. Ele não tem nenhuma pretensão desse tipo, isso é o reino dos deuses. São os deuses que fazem isso. Eles evitam o sofrimento.

Pertencemos a uma cultura na qual temos a exigência de não sermos derrotados e nem sofrermos. De um modo geral, sofremos pelo fato de sofrer. Quando sofremos, temos de explicar, não só as circunstâncias todas em que estamos envolvidos, mas como é que falhamos e estamos agora sofrendo. Existe um sofrimento duplo nisto.

Se formos demitidos, sofremos por não ter como pagar as contas no final do mês e sofremos por que as outras pessoas vão achar que fomos derrotados, porque fomos demitidos.

Tendo sido demitidos, podemos pensar: "*Eu tenho qualidades que podem trazer benefício aos outros seres ou não?*" Vamos sorrir imediatamente. A resposta é sempre positiva. Todos podem ser úteis, podemos trazer benefícios, podemos alegrar alguém. Temos a energia vital, temos o brilho, temos a lucidez. Se alguém não nos ama mais ou se o chefe não nos quer mais, talvez isso seja uma perda para ele. O que vamos fazer, então? Vamos olhar para os seres e ver onde podemos ser úteis, sempre podemos ser úteis de alguma forma.

Vamos, então, nos reintroduzir no mundo, de preferência, com um voto de bodisatva. Se ainda não temos essa lucidez, vamos nos reintroduzir como pudermos, mas a melhor forma é com o voto de bodisatva.

Existem vários exemplos disso. Conheço, por exemplo, uma pessoa que teve câncer, que ficou mutilada, teve de cortar pedaços. Essa pessoa tem seqüelas graves, inconvenientes em sua vida, mas no entanto, diz que isso foi a melhor coisa que passou em sua vida, por incrível que pareça.

Maharaja foi lá e bateu forte. A pessoa teve de parar. Se Maharaja não tivesse batido, a pessoa nunca teria se dado conta da fixação que iria liquidar com a sua vida. Ela acordou!

Realmente temos essa capacidade de lidar com Maharaja. Depois que a tragédia passa, tudo começa a tomar um outro rumo. Isso é extraordinário! Isso é verdadeiro e é emocionante porque nos mobiliza. Nos alegra e entristece ao mesmo tempo. Isso é irrevogável, a vida segue. As mesmas pedras das construções caídas serão utilizadas como o elemento principal das novas construções. Precisamos ter coragem para cruzar por isso. A vida é assim, tudo morre, mas nós não morremos, dos escombros nos levantamos. No dia seguinte, podemos até querer estar mortos, muitas pessoas realmente se suicidam. Mas, na realidade, nem mesmo aqueles que se suicidam morrem!

Quando nos encontramos ainda vivos no dia seguinte, precisaremos, então, usar a luminosidade e seguir. Quando pensamos “*desse sofrimento eu não me livro*”, cada vez que surgir essa descarga de dor dentro de nós, vamos usá-la em outra direção. Se estamos marcados, se não podemos mais agir normalmente, sentar e ler um livro, ver televisão; se há uma voz de dor, de desespero dentro de nós, vamos, então, usar isso para avançar, para benefício dos seres. Qual é a melhor forma de usar essa dor?

Assim surgem as fundações, surgem as coisas maravilhosas, surge o brilho nos olhos da pessoa! Surge àquela coisa que faz a pessoa mover-se de outra forma, ela começa a fazer coisas incríveis. Ela está mobilizada por uma energia muito grande, ela não para. Quando, eventualmente, essa pessoa olha para trás, ela percebe que estava morta, que só agora é que está viva.

Os deuses usam suas capacidades para evitar o sofrimento, eles têm esse poder. Eles são aqueles que usam ao extremo a liberdade para manter as coisas como estão. Em certo momento, porém, tudo desaba mesmo, não tem mais jeito. Suas vidas são muito longas. Mesmo assim, Maharaja não desiste. Ele fica de plantão, espetando os deuses, sabendo que um dia eles não vão ter mais esse poder de se defender. Maharaja conhece a impermanência. Um dia, tudo aquilo termina e, só então, os deuses se dão conta que perderam muito tempo, que não utilizaram seus poderes para a lucidez e que agora irão renascer em reinos inferiores, porque estão marcados por aspectos mentais de dor e rancor. Eles se dão conta do que estão sentindo, mas não têm mais como evitar. Sabem que, por isso, vão nascer em reinos inferiores. Então eles sofrem porque sabem para onde vão.

**O controle de qualidade da liberação do item correspondente pode ser aferido pelo fato de que não brotam as emoções perturbadoras, nem impulsos das dez ações não virtuosas. Uma pessoa pode dizer que está liberada, mas estar roxa de raiva. Isso não é liberação!**

## Dissolução a Nível Causal

### Décimo Segundo Elo - Jana-Marana

Quando formos tratar a nível causal, o que vamos dizer? “*Não, você precisa entender, eu construí aquilo com o meu suor...*” Desta forma, explicamos exatamente como estamos presos. Quando explicamos isso, o que fazemos?

Quando dizemos que isso não dá, quando dizemos “*Você não está entendendo...*” vamos descrever o décimo primeiro elo, as circunstâncias da vida. Vamos descrever toda a luta que tivemos para conseguir aquilo que, agora, está desabando. Vamos descrever toda a construção do apego, todas as tentativas de equilíbrio que já fizemos e todos os sucessos parciais que já obtivemos e, finalmente, há quantos anos estamos fazendo tudo aquilo.

Quando descrevemos o porquê de não podermos aceitar aquilo, descrevemos o décimo primeiro elo. Esse é um processo causal, ou seja, atribuímos a nossa experiência de sofrimento a alguma coisa. Não explicamos o sofrimento como uma delusão, como um brilho, uma liberdade, mas mostramos causalmente. Vocês vão observar que, por esse processo, vamos voltando até avidia.

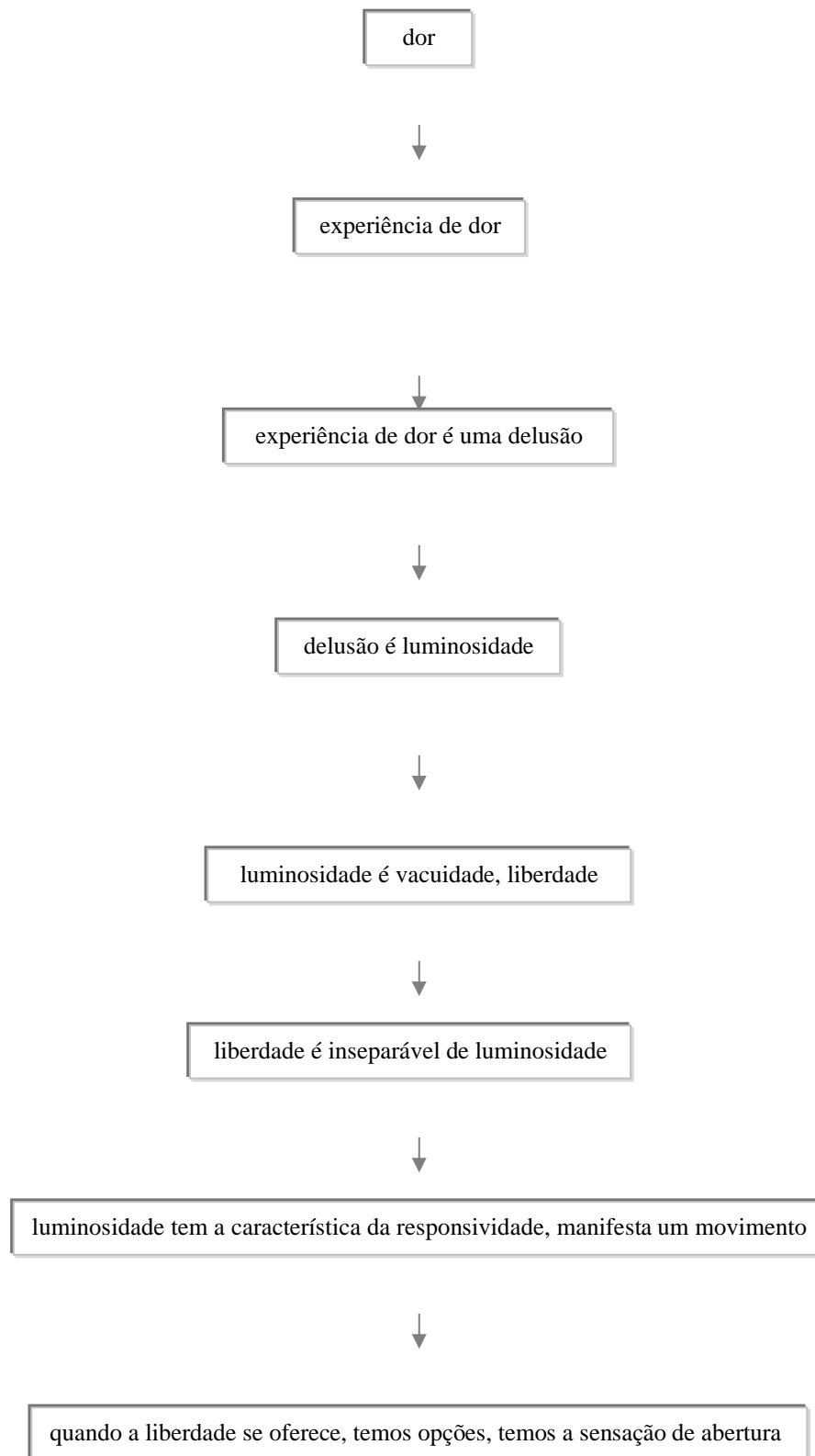
“Porque atuamos de forma causal durante longo tempo, tentando sustentar o insustentável, quando o insustentável desaba, sofremos. Essa é a razão pela qual dizemos que o carma é implacável. Se criamos a motivação de sustentar o insustentável, quando o insustentável se revela como é, nos frustramos, porque durante um longo tempo tentamos conter o vento, assoprando contra o vento. Durante certo tempo tivemos algum sucesso, mas inevitavelmente, aquilo afunda. Porque aquele esforço foi feito, o sofrimento e a frustração correspondente surgem. Essa é a inevitabilidade do carma”. Buda Sakyamuni

O carma atua sempre a nível causal. Enquanto estamos examinando esses doze elos, estamos operando sempre com o *calote cármico*, a sabedoria de saber como não pagar, que é o caminho mais curto, ou seja, a luminosidade.

Aparentemente, o carma é muito sólido. Naturalmente, se a pessoa investiu naquilo longamente, ela vai ter a frustração correspondente. Mas, se neste momento, retornarmos ao aspecto luminoso, diremos: “*Eu investi longamente, por isso, tenho sofrimento – ou não!*” Se entendermos qual é o significado de “*ou não!*”, estamos liberados, ou seja, “*Investi longamente e agora aquilo desabou. Sendo assim, eu tenho sofrimento - ou não!*”

Temos ou não liberdades? Temos! Após algum treinamento, percebemos que o sofrimento é apenas a experiência de sofrimento, que sofrimento é luminosidade, que estamos em uma paisagem e toda essa paisagem é sustentada pela delusão correspondente. A luminosidade se esforça para sustentar aquela visão, mas a visão em si não é permanente. Com o passar do tempo, ela vai desvanecendo. Isso é a evidência de que toda essa situação tem que ser sustentada para sobreviver.

Se a experiência é construída, ela é impermanente – tudo o que é construído é impermanente! Então usamos esse fato, usamos a impermanência dentro do reconhecimento do aspecto sutil da mente construindo e sustentando a experiência. Já vimos isso acontecendo. Novamente estamos comparando o aspecto causal com o aspecto de luminosidade. Vemos que aspecto causal é artificial, ele não precisa ser legitimado. Não precisamos ficar fixos naquilo, podemos liberar. Mais uma vez, usamos a *fórmula mágica* que aprendemos de como contemplar uma tragédia:



Toda essa característica é uma característica de liberação por luminosidade, ou seja, reconhecemos sempre as liberdades, a capacidade de construir. Reconhecemos que tudo o que é

construído é por luminosidade. Aquilo é uma manifestação de liberdade e a reexaminamos. Se compreendermos essa possibilidade, estamos liberados. Caso contrário, terminamos por argumentar.

Diremos, então: *“Bom, mas isso é fácil falar. Eu vivi tais coisas e, para mim, é impossível abrir mão disso”*, ou seja, justificamos a impossibilidade de superar o sofrimento. Quando fazemos isso olhamos, na verdade, para o décimo primeiro elo. Como podemos justificar a impossibilidade de superar o sofrimento? Alegamos *“Você diz isso, porque você não construiu isso tudo que eu construí. Não posso permitir que isso que eu passei anos para construir desmorone, não posso abrir mão disso.”* Justificamos isso pelo décimo primeiro elo. A própria justificativa já é a descrição do décimo primeiro elo, ou seja, circunstâncias da vida. Porque, muitas vezes, equilibramos e fizemos certa ação, se negarmos aquele sofrimento, estaremos negando toda uma vida, ou décadas, que ficamos equilibrando ou sustentando aquilo. Aquela derrota não é a dor daquele instante somente, é a dor do tempo que investimos tentando equilibrar aquela situação.

A dor da pessoa está ligada aquele aspecto. Durante o tempo em que ela fez esforço, ela acumulou carma. Ela fez esforço esperando pelo resultado. Examinamos, também, aquelas frustrações que ocorrem e a pessoa eventualmente abandona sua religião ou blasfema. Ela pode até dizer, por exemplo: *“Eu rezei durante 20 anos inutilmente. Porque o sujeito da frente que é vendedor de cerveja, trapaceia com todo mundo e os filhos dele estão ótimos, enquanto que os meus passaram por tais problemas. Então, eu fui à missa inutilmente.”*

Esse sofrimento está ligado diretamente ao investimento anterior, a pessoa o conecta com o investimento anterior. O Buda descreveu isso. A pessoa opera incessantemente de uma forma cármica, sustentando o insustentável, contando com alguma coisa que, em certo momento vai falhar, porque não há como sustentar indefinidamente, então, nesse momento, a pessoa entra em sofrimento, rancor, raiva e passa por dificuldades.

## **Décimo Primeiro Elo - Jeti**

No décimo primeiro elo, se vamos operar dentro da perspectiva da luminosidade, vemos a situação da seguinte maneira: *“Estou em uma paisagem mental. Nessa paisagem mental eu tenho urgências, ou seja, tenho que levar as crianças para o colégio, tenho que trabalhar, preciso fazer tudo girar, preciso pagar as contas...”* Todas essas exigências são sólidas, isso é a nossa vida, não pensamos como poderia ser de outra forma. Não temos nem mesmo tempo para avaliar, seja lá o que for.

Sentimos claramente que temos mais exigências práticas do que somos capazes de atender. Temos exigências que adiamos para quando nos aposentarmos, aspirações para um fim de semana ou umas férias que nunca surgirão. Ficamos com aquilo guardado. Temos as urgências, temos as coisas médias que tocamos para frente de uma forma incompleta, insuficiente, e temos coisas que deixamos para um futuro que talvez não surja. Consideramos todas essas exigências naturais, normais, corretas, legítimas.

Esta é a situação da prisão no décimo primeiro elo. Quando analisamos isto de forma causal, alguém vem e nos diz que isso não precisa ser assim, alegamos: *“Não, você não está entendendo.”* Neste momento, começamos a descrever o décimo elo. Nos justificamos com o elo anterior. Dizemos, neste caso: *“Eu sei como a vida é, eu sou um professor, portanto, tenho minhas tarefas, tenho minhas responsabilidades, que não são poucas. Eu não posso fugir das minhas responsabilidades.”*

Quando descrevemos porque estamos fazendo as coisas no décimo primeiro, descrevemos o décimo elo. Descrevemos o universo e a nossa identidade dentro daquele universo. Dizemos: *“Porque sou assim, (...) e o universo é assim (...), eu preciso fazer (...).”* A nossa ação prática e o nosso impulso de movimento estão totalmente justificados por uma visão de mundo e pela nossa identidade. Se a nossa visão de mundo for, por exemplo, preguiça, também está justificada. Dizemos: *“Olha, eu não vou nem me mexer, com licença”*.

É muito incrível o fato de que, quando explicamos a nossa situação em um elo, sempre começamos a descrever o elo anterior. Vamos descendo os elos um por um. Isso acontece naturalmente, sem nenhum esforço. Estamos estruturados dessa forma. O Buda olhou isso e viu. Não foi ele quem criou a Roda da Vida, ele só percebeu que a estrutura da Roda da Vida se dá dessa forma. Para nós é necessário furar isso. O Buda fura de duas formas que, enfim, são a mesma. Podemos entender do seguinte modo:

**Existe uma preguiça ativa. É como se houvesse um movimento incessante e nada resulta de fato. É apenas uma ocupação, é como se fosse uma indolência ativa. Não tem nada efetivamente acontecendo ali, mas tem um lufa-lufa, tem uma ação incessante, tem um tempo ocupado, mas é como se fosse sempre uma atividade circular que não produz um resultado sólido. O tempo passa, a vida humana preciosa passa e a pessoa diz: “Não posso praticar, não posso isso, não posso aquilo, porque estou ocupadíssimo.” Então ela menciona milhões de coisas que, na verdade, não seriam prioritárias, mas para ela, se tornaram. Sogyal Rinpoche**

Estamos no lufa-lufa da vida, nas atividades, sejam elas de indolência ou de movimento. No décimo primeiro elo surge a atividade que consideramos incessante. Dizemos: *“Eu preciso fazer isso!”*. No entanto, nunca surge aquela pergunta *“Ou não!”* Se colocarmos o *“ou não”* surge uma dimensão de liberdade que, quem sabe, vamos ousar.

Muitas vezes não nos damos conta de que ninguém é insubstituível. Pensamos que se faltarmos o universo desaba. No entanto, quando estamos ocupando uma posição, estamos impedindo que outra pessoa ocupe a mesma posição. É necessário percebermos o outro lado da moeda também. Pode ser que não sejamos a melhor pessoa naquela posição. Quem sabe uma outra pessoa vai desempenhar aquela função melhor do que nós. Estamos ocupando aquele espaço até por uma necessidade de uma identidade, de uma indexação. Precisamos de uma face.

Olhando com cuidado esse aspecto, dizemos: *“Eu tenho tais urgências.”* No entanto, podemos melhor (ou mais corretamente) dizer: *“Eu tenho a experiência de ter tais urgências.”* Olhamos, então, o décimo primeiro elo como aquilo tudo sendo uma experiência de urgência, experiência de um propósito completamente definido e rígido. Depois olhamos para aquilo e dizemos: *“Essa experiência é uma delusão, é um processo inseparável da minha própria estrutura, de uma paisagem mental, na qual eu estou operando.”*

Isso surge não como uma conclusão mental, mas de uma forma visível. É como se víssemos. Neste caso, estamos vendo com a mente. É um objeto da nossa mente, estamos vendo, estamos constatando aquilo. Não parece que haja qualquer raciocínio, aquilo é auto-evidente. Tudo o que é auto-evidente está manifestando avidia, quando vemos uma coisa, não vemos outra e provoca a responsividade. Avidia tem, inevitavelmente, a dupla ocultação. Tem a ocultação e mais a ocultação de que uma ocultação está ocorrendo. Assim ficamos realmente presos naquilo, pois não vemos qualquer alternativa. Porque não vemos qualquer alternativa, isso mesmo é a manifestação de avidia. O não ver não é a ausência de ver, mas um fenômeno construído, é a cegueira do primeiro elo. O não ver é uma ação e não uma ausência de ação.

Então percebemos que tudo isso é a luminosidade e que a luminosidade é a ação correspondente da mente. Nesse momento, vemos que isso também é uma liberdade. Podemos escolher nos

manifestar assim, fazer surgir essa paisagem mental, operar ali dentro, fechar a sensibilidade para certas coisas, ocultar a não sensibilidade, operar focados em certo aspecto. Então todos os significados brotam e a nossa ação segue. Podemos escolher fazer isso. Quando dirigimos, por exemplo, é melhor que não olhemos a paisagem. Deixamos à paisagem na ocultação, pois temos de olhar a estrada. Nós percebemos, nos restringimos para termos sucesso em diversas ações. Enquanto nos restringimos, isto é a ação de avidia. Descobrimos-nos passando pela infância dos filhos e não olhando para eles. De repente eles já cresceram. Às vezes temos a noção de que estivemos cegos por anos e isso é realmente uma cegueira, é a cegueira legítima, é avidia – a cegueira com os olhos abertos, com tudo funcionando.

A loucura é uma espécie de loucura desse tipo. A pessoa afunda para dentro de um mundo de ações e perturbações e cada placa que ela encontra manda ela urgentemente em certa direção. Assim a pessoa fica fazendo círculos dentro de um mesmo universo. Ela não está louca, só está presa.

Como romper isso? Às vezes o processo causal não dá, porque a pessoa está especializada nesse processo, ela está presa em uma armadilha que ela não sai pelo processo causal. Então, precisa usar um outro processo. É necessário descobrir se ela tem receptores para escapar, se tem receptores para qualquer coisa fora daquele circuito. Os receptores, neste caso, são chamados de méritos. Quem for ajudar, precisa parar e olhar aquela situação. O mérito que eventualmente exista em uma pessoa, é o receptor que poderá retirá-la daquela situação. Até então, ela esta com toda sua sensibilidade presa no circuito.

Isto acontece conosco também. Estamos igualmente com as nossas sensibilidades presas dentro de circuitos. Como saímos disso? É necessário que alguém venha e nos fale. Os quatro pensamentos que transformam a mente estão voltados a ativar os receptores para nos retirar desse processo. Todo esse exame dos doze elos também, é o que estamos fazendo, ativando os eventuais receptores que estejam ali para nos retirar.

O grande mérito que eu vejo no discurso do Dalai Lama é essa extraordinária habilidade de pegar os dois receptores que temos para desgraça, ou seja, o caminho para desgraça, que é o desejo de obter felicidade e o desejo de se afastar do sofrimento, o processo dual de reconhecer isso. O Dalai Lama pega isso e transforma no caminho de transcendência. Ele pega a porta da prisão da Roda da Vida e a transforma na porta da liberação. Por uma série de argumentos e por uma série de raciocínios ele faz isso acontecer. A pessoa vai contemplando isso de uma forma cada vez mais profunda e vai utilizando isso como alavanca para o caminho espiritual.

**“Eu não sou budista, minha religião é bondade, amor e compaixão.”**

O que é a ética para o terceiro milênio? Todos os seres desejam felicidade e desejam se afastar do sofrimento! Isso constrói a ética. Isso é uma prática diária, incessante. Ela não é a prática formal, mas pode ser também a base para as práticas formais, mas é uma prática incessante. Podemos produzir profunda e rápida transformação.

Nesse livro o Dalai Lama diz: “Todos os seres têm receptores para isso, mas nem sempre têm receptores para tornarem-se budistas, mas isso não é tão importante.” O que importa é que eles tenham receptores para esse aspecto. Ninguém precisa passar por um caminho específico para isso. O importante é que a pessoa cruze por isso. Isto é libertador!

O próprio Dalai Lama diz ainda que, talvez, as tradições religiosas sejam dispensáveis...

***A Ética Para o Terceiro Milênio, S. S. Dalai Lama***

A ação do Dalai Lama já é um bom exemplo de como atuar no décimo primeiro elo de forma livre. Ele está manifestando uma forma, ou seja, o décimo elo – *“Eu sou isso e estou no mundo como eu vejo”*. Ao mesmo tempo, ele está manifestando isso com uma liberdade. Ele não está fixado nas urgências, no processo do elo. Ele está livremente manifestando aquela liberdade de agir, de se movimentar, de trazer benefício aos seres.

Ele também manifesta isso quando diz: *“Eu talvez seja o último”*. Ele diz isso sem dor. Ele poderia se preparar para se manifestar como o décimo quinto, não é? Poderia preparar o caminho para que o próximo tenha um andamento mais fácil do que o dele. No entanto, ele não está pensando assim.

Todos nós na nossa vida, na medida em que nos engajamos em nossas atividades, ficamos dominados por avídia, ou seja, nossa atividade é o aspecto aparente, o aspecto de ocultação. Porque focamos aquilo, usufruímos a experiência do cego, que é o símbolo do primeiro dos doze elos, avídia. Porque focamos alguma coisa, perdemos a amplidão da visão. Como focamos algo, aquele algo nos faz surgir o impulso de movimento. Quando este se oferece, esquecemos, perdemos a percepção de que a nossa visão não é mais ampla. Isto é a ocultação do que estava escondido. Ocultamos o fato de que estamos ocultando alguma coisa. Então a visão é selada. Aí aparece a visão de mundo completa. Aquela visão do mundo parece suficiente, não tem dúvidas. Aquilo responde tudo, o nosso coração está preenchido, nos sentimos com todos os propósitos.

Vamos ver uma pessoa de manhã no mercado financeiro chegando alegremente com uma pasta preta e dizendo: *“Bom dia!! Vocês querem comprar as ações...”*. Ela está presa em um tipo de mundo. Não tem nada ali dentro. Não há alguma realidade naquilo mas a pessoa está inteira lá dentro.

Podemos observar às 08:00 da manhã diferentes pessoas fazendo diferentes coisas e todas inteiras. Aquelas que não levantaram, também, estão inteiras, dormindo. As urgências todas fazem sentido e as pessoas estão presas, cada uma em um mundo específico. Quando elas se encontram, elas se olham e os mundos não se misturam. Um trazendo cafezinho para o outros, mas nem mesmo aquele café, eles não o vêem da mesma maneira. São mundos, universos. E quando os universos são separados, a linguagem não funciona muito bem. A linguagem não é o som, ela é a delusão associada ao som e a delusão associada ao som está na dependência dos universos que dotam o som do significado. Temos receptores para som.

Assim, podemos seguir contemplando tudo isso. Quanto mais contemplarmos mais entenderemos. Vamos contemplando e escrevendo livros. Quanto mais claro isso fica para nós, melhor.

Estamos limitados em um processo deste tipo. Qual é a origem dessa limitação? Como podem duas pessoas caminhar lado a lado, viverem na mesma casa ou dormirem na mesma cama em universos diferentes? Isso acontece, é incrível! Como é possível esse fechamento? O outro, de repente, nos sacode e pergunta: *“Em que mundo você está?”* E respondemos, surpresos: *“Como? Eu sou eu mesmo... Não estou em mundo nenhum.”* O outro diz: *“Você não reage, você não me vê, olhe para mim!”* O outro não entende mais nada, ele está em um outro universo e não se dá conta disso.

Como surge o fechamento? Temos que contemplar muito avídia, ele é mágico, atua de forma mágica. Temos de nos dar conta disso, perceber isso! Quando uma coisa aparece, produz uma ocultação e essa ocultação fica oculta, selada. A ocultação da ocultação se produz pela responsividade. Quando um objeto surge, tem a delusão e tem o impulso da ação correspondente. Dentro disso tem tanta, que é a qualidade de hábito, de teimosia. Como podemos ver tanta agindo? Precisamos de exemplos para isso.



**Pergunta:** Não existe um conceito filosófico que explique como tanta age?

**Lama:** Se utilizarmos conceitos filosóficos, logo em seguida, nos perdemos. Quando usamos conceitos filosóficos, não percebemos que aquilo, também, é um estreitamento. Como esse estreitamento acontece? Porque não estamos experimentando. Quando vemos exemplos, para entendê-los, temos de nos colocar dentro e caminhar um pouco por dentro. Portanto é como se fosse uma experiência. Olhamos o conceito filosófico como olhamos um copo. Começamos a contemplá-lo, o viramos de um lado para o outro, é diferente, não precisamos experimentá-lo. Logo temos inseguranças. Então, corremos para uma biblioteca, para ver o que já disseram sobre o tema. Então vamos terminar fazendo pós-graduação e continuar não entendendo, porque a experiência sempre vai faltar.

Avidia é a estreiteza da visão. Uma estreiteza tão interessante, que parece amplidão. Tem todo um panorama que se descortina. É o paradoxo da educação, *“quando eu entendo, nesse momento, estou aprisionado. Posso não estar, mas estou”*. Então esse posso não estar é a nossa porta de saída, prajna. Podemos operar daquela forma, mas reconhecer que estamos operando.

Quando entendemos isso, então, avidia fica perfeita. Podemos fazer prostrações para ela, dizemos: *“Que espantoso, que maravilhoso, claro, isso é maravilhoso. Se avidia não existisse, tinha de ser inventada!”* Aquilo que nos permite focar a mente, operar no mundo, operar ali dentro é avidia. Imaginem um cinema sem avidia! Como poderíamos entrar no filme? Avidia é um milagre, é espantoso, é uma liberdade que a nossa mente tem. Treinamos as crianças a focarem uma coisa e não olharem para a outra, sempre. *“Não faça isso, não vá a festa, não saia com os amigos, estude!”*

O cinema é um bom método de meditar. Parece uma brincadeira, mas percebemos exatamente quando entramos naquilo e a responsividade começa a atuar. Podemos testar isso para os seis reinos. Toda sala de dharma deveria ter uma locadora, já classificada com os seis reinos...

Então estamos no cinema e começamos a sofrer. Mesmo que tenhamos um pacote de pipoca em uma mão, uma coca-cola na outra, estamos sofrendo. Como isso é possível? Isso é avidia operando, está ali! Não estamos mais vendo pipoca ou coca-cola, estamos presos no filme e tudo aquilo está operando, e choramos, ou rimos...

**Pergunta:** Devemos, então, evitar aqueles filmes que gostamos e preferir aqueles que não conseguimos ver, como para muita gente filmes de terror ou psico, etc.?

**Lama:** Tanto faz. Aqueles que gostamos têm as emoções positivas que são também aprisionantes. A televisão também funciona. Este tipo de meditação não precisa ser muito longa. Podemos ligar a televisão e usar dois tipos de meditações. A primeira é olhar dentro da tela e observar todas as emoções surgindo. Essa forma de olhar dentro, já é o sétimo passo do Nobre Caminho.

No segundo tipo de meditação, não focamos a tela, mas um pouco abaixo e deixa a tela aparecer. É muito surpreendente. Quando olhamos abaixo, tentamos nos concentrar, como a meditação do tigre na floresta. Ele está contemplando o movimento da floresta, mas ele não se move, ele não se envolve com o que está acontecendo ao redor. Esta meditação corresponde ao sexto passo do Nobre Caminho Óctuplo, onde estamos treinando estabilidade. Paramos e vemos as imagens surgindo, mas elas não têm a força. Essencialmente estamos treinando o nível de Avidia propriamente, de responsividade, está vendo a luminosidade. Como ela está focando abaixo e está concentrada, a energia dela está ali embaixo, ela não está na construção da delusão da imagem. As imagens estão ali como palha, não construímos. De vez em quando nos perdemos, então vemos que construímos. E voltamos. A esse nível percebemos direitinho que não tem aquilo que está ali, quando ela passa a olhar, ela está atuando automaticamente com o processo que produz significados, ela vê as emoções surgindo, começando a dançar no meio daquilo. Podemos então dizer: *“Isso é o magnetismo. Esse magnetismo eu atribuo. Isso é luminosidade. Esse é o conteúdo do mundo inteiro.”*

Se a televisão existisse naquela época, o Buda iria certamente apontá-la como um bom exemplo, como uma boa prática. Ele usou as coisas semelhantes da época, a pintura e o teatro.

Outro exemplo maravilhoso é, quando vemos um filme de guerra, com bombardeios, tiros, após o término do filme, podemos examinar a tela e veremos que ela não tem um furo. Como pode ser? Da mesma forma, a nossa natureza também não leva tiros. Apesar de todas as peripécias que passamos, a nossa natureza que faz surgir às coisas, essa natureza não nasce e não morre. É uma meditação muito importante percebermos a atribuição do poder sobre os objetos.

### **A nossa natureza não nasce e não morre...**

Começamos a ver um filme, temos vontade de chorar e pensamos: *“Essa minha vontade de chorar é completamente tola.”* No entanto, se desviarmos o choro, isso é uma construção, se chorarmos é uma construção da mesma forma. Às vezes, quando vemos em um filme uma circunstância que parece a circunstância de nossa vida, choramos e paramos, achando-nos ridículos. Depois, voltamos a chorar. Mais uma vez, nos sentimos ridículos, achamos que não precisamos daquilo e paramos novamente. Assim, vagueamos por várias paisagens.

Se tivermos lucidez nesse processo todo, poderemos optar por chorar ou não, tanto faz. O importante é estarmos lúcidos. Tendo lucidez podemos pensar: *“O choro é perfeito, também... Dentro desse conjunto de situações eu estou dentro dessa paisagem e dentro dessa paisagem o choro é completamente natural.”* Para elucidar o processo, podemos avançar por dentro daquela paisagem. Podemos também chorar para perceber toda a experiência de sofrimento que os seres estão imersos. Neste caso, não estamos com a ocultação da ocultação, não estamos presos, propriamente. Andamos por dentro daquilo, temos aquelas experiências, aquilo produz o efeito todo, mas temos uma liberdade no meio disso.

O espantoso nisso é que nesse processo de prisão, avidia é que oferece a solidez das paredes. Como avidia tem a ocultação e a ocultação da ocultação, aquilo que vemos parece que é a única realidade. Como aquilo parece que é a única realidade, a nossa ação parece plenamente justificada, a responsividade parece plenamente justificada, e reagimos. No meio dessa reação, nos comportamos dentro de cada um dos reinos. Nesse momento, cada um dos seis reinos nos parece completamente sólido, não vemos outra coisa, tudo está nítido. Todos nós justificamos: *“Isso é assim!”* Descrevemos, desta forma, a nossa realidade de forma completa. Se alguém vier e disser que não precisamos passar por isso, dizemos que a pessoa está delirando. *“Isso é assim!”* Não vemos saída, estamos presos no processo.

Quando olhamos esse processo da prisão, ele não parece tão complexo. Mas ele se completa em corpo, fala e mente. Quando choramos, as lágrimas descem, não é verdade? O corpo está ali atuando! A fala, ou seja, a emoção está atuando! A mente está presa naquele processo, tudo está completo! O processo pode ser completamente abstrato. A prisão é irreal, mas temos os inimigos. Os inimigos podem não ser verdadeiros, a outra pessoa pode não considerar-se inimiga, por exemplo. Ela não deseja causar mal, mas estamos com essa sensibilidade, dizemos que o outro está buscando nos causar mal. Assim podemos até adoecer! A sensação, a constatação de que existe alguém nos desejando mal já nos provoca uma forte reação dentro do corpo. Se isso se torna repetitivo, vamos certamente adoecer. Quando a pessoa vem e diz: *“Mas eu tenho o maior carinho, o maior respeito por você...”* Com essa constatação, temos um grande alívio, podemos, finalmente, respirar novamente. Vemos o peso que tínhamos em cima cair, dissolver. Esse peso, porém, era um peso que vinha da delusão, de avidia.

**“Eu ensinei o Dharma de sonho para seres de sonho, imersos em sofrimento de sonho...”** Buda Sakyamuni

Se isso é assim, também temos liberdades. Se há realmente alguém com um olho ‘pesado’ em cima de nós, não precisamos reagir! Aí vem a liberdade da ação, a liberdade da prece. Temos liberdades nesse processo. Essa liberdade vai até o ponto da morte, temos liberdade frente à morte. O processo, a experiência de viver vem a partir da experiência que nos brota dos sentidos físicos, ou seja, estamos presos a um corpo. Essa é uma prisão que tem o conteúdo de avídia, também. Por esse motivo, o Buda, no final de sua vida disse: “*Eu não vim e eu não vou...*” Ele nunca esteve preso. Se não percebemos que o sofrimento tem esse conteúdo, nunca teremos como ajudar.

A emancipação de avídia é o reconhecimento da liberdade. Nesse ponto, vamos olhar avídia como uma maravilha, como uma experiência realmente extraordinária. Tanto avídia, como ocultação, como a própria ocultação da ocultação, quando se revela, olhamos aquilo e achamos aquilo espantoso, tudo maravilhoso. Podemos seguir contemplando...

Acredito que, nos tempos em que estamos vivendo, veremos isso incorporado na cultura. Acredito realmente que isso vai acontecer. Isso vai se tornar domínio público. Não tem razão para não ser, não existe nenhuma razão para isso estar oculto. Isso aflorou em certa medida dentro da física quântica, na arte... É um processo lento que vem vindo, assim. Quem se conecta com isso ganha uma *chave*, os olhos brilham. Vejo que novas identidades humanas surgem a partir disso, é um processo. Em uma linguagem do terceiro milênio, vamos dizer que isso é *um portal* que a humanidade cruza e esse portal já está aberto. Não há mais obstáculos para cruzar isso. Quem cruza é uma outra pessoa, ela se torna um outro ser. Ela vai olhar a realidade de uma forma muito mais profunda, muito mais hábil e a compaixão natural surge. Sem acontecer o cruzar por isso, a compaixão natural não tem como se exercer. Para que isso aconteça, temos de entender qual é a dor dos seres, que é a prisão, a origem de todas as dores.

Se o processo de lucidez exigisse esforço, talvez não tivéssemos chance. Mas o processo de lucidez é prazeroso, é alegre, ele ofusca o processo de obtusidade mental. Quando o processo de lucidez surge, não queremos mais a obtusidade. Isso significa que na luta do bem com o mal o bem ganha. Por outro lado, na luta do bem com o mal, o mal não tem raiz. Onde é que está a raiz do mal? Só tem a liberdade e ela é à base de tudo, ela é quem constrói a prisão. Não tem dissolução, não tem destruição. Mesmo que os universos sucumbam, a natureza última está sempre livre.

No décimo primeiro, estamos examinando a prisão aos propósitos da vida, avídia atuando como o nosso horizonte de urgências. Se não conseguimos liberar isso, através desse processo de reconhecimento, se não conseguimos reconhecer a nossa liberdade natural, nem tão pouco a liberdade de seguir fazendo o que estamos fazendo como expressão da própria liberdade, vamos justificar as nossas urgências “*Faço isso porque o universo é de certo jeito.*” Neste ponto, descrevemos a nós mesmos e o nosso universo. Não nos damos conta de que são inseparáveis, que o universo é inseparável de nós, que o universo é a experiência de universo.

Estamos dominados por avídia. Se alguém tentar nos convencer de que aquela visão não é a visão correta, o que vamos usar como elemento de solidez? O nono elo, upadana. O décimo é a descrição da nossa identidade e do mundo. O nono, upadana, é simbolizado por uma pessoa colhendo com sucesso os frutos de uma árvore.

## **Décimo Elo - Bava**

Quando surgimos, o mundo surge inseparável, ele depende da forma como estamos inseridos. Ele surge aos nossos olhos à nossa maneira.

Existe uma prática, que é a de olhar um ponto logo à frente. Quando olhamos um ponto à frente, não necessariamente, vemos o que está ali. Podemos olhar à frente, mas sem mover os olhos, focar os objetos ao lado esquerdo, ao lado direito, acima, abaixo... Podemos pousar o nosso foco em diferentes pontos. Não só isso! Para cada ponto, podemos olhar com diferentes olhos, atribuir diferentes significados, diferentes interesses.

Temos um mundo multi dimensional. Quando estávamos vivendo em uma época anterior, escolhemos certo aspecto, certa forma, desse aspecto multi dimensional. Essa certa forma produz uma experiência de mundo. Nós não escolhemos a forma de olhar, porque é uma forma cármica. Não escolhemos nem o que focamos, nem o que escolhemos para atribuir significado ao que focamos.

Simplesmente olhamos para as coisas e vamos vivendo isso de uma forma que parece completamente natural. Mas ela não é natural! Conforme o tempo passa, aquele universo que se produzia como experiência de certa forma, deixa de se produzir daquele modo, então, estranhamos, porque temos aquilo na memória e agora precisamos reconstruir aquele universo de uma outra maneira.

Por que estou lembrando disso? Porque quando estamos presos a um universo específico, com uma identidade específica, pode ser que não nos demos conta disso. Tudo aquilo parece muito sólido, enquanto experiência. No entanto, quando olhamos as experiências passadas, que pareciam muito sólidas, não são mais o que um dia foram. Chegamos à conclusão que, no passado houve essa liberdade e agora também existe essa liberdade. Nós é que não a estamos vendo agora, assim com também não a vimos no passado.

O que nos produz a experiência de que o universo é dessa maneira? Avidia! Quando olhamos para as coisas, vemos as coisas se desenhando de certa maneira. No décimo elo surge em si mesmo pelo poder de avidia.

Dizemos: *“O décimo elo é completamente natural. Isso são as evidências da vida”* Estamos, assim, usando a causalidade *“Eu tenho a experiência, portanto o mundo é assim”*. Não percebemos que não precisamos fazer esse raciocínio. Se percebermos o décimo elo em si mesmo como liberdade, a limitação de nossa visão como avidia, a ocultação que isso proporciona e a ocultação da ocultação. Se tivermos instruções sobre isso, podemos bater na testa e dizer: *“Realmente!!!”* Assim temos liberdades e podemos simplesmente transitar. Se transitamos para uma outra paisagem, o sofrimento correspondente do décimo elo é uma opção. Podemos seguir com o sofrimento ou não, porque temos a liberdade das paisagens. Quando temos a liberdade, extinguimos o décimo elo pelo reconhecimento de avidia atuando ali. É como se déssemos um pulo do décimo para o primeiro elo.

**A sílaba “A” é a luminosidade da mente, o poder de mágico de avidia.** Se percebermos que a própria experiência de universo é a manifestação da sílaba “A”, passamos a ter a possibilidade de repousar a nossa mente no reconhecimento da sílaba “A”. Se fizemos isso, nos livramos da experiência da Roda da Vida, porque a sílaba “A” está além da Roda da Vida. Ela é a construtora da Roda da Vida, mas não pertence a ela, não pertence à ação da Roda da Vida.

A sílaba “A” não permite a pessoalização, ela é luminosidade, todos os seres têm a sílaba “A” operando. Todos os seres se enganam. O engano é muito bonito, é maravilhoso, ele aponta diretamente a sílaba “A”. Por quê? Porque temos uma experiência de realidade como um pássaro que bate em um vidro. Por que ele se enganou? Porque ele produziu uma experiência de realidade e aquilo não funcionou, mas ele viu aquilo, teve a experiência daquilo. Ele é capaz de voar por uma experiência de realidade que ele mesmo produz. Essa experiência pode ou não funcionar. Quando funciona, tudo bem.

O mesmo pode acontecer conosco, quando dirigimos um automóvel. Por isso acontecem acidentes. Acharmos que uma curva é para a direita e ela é para a esquerda; acharmos que o cruzamento está livre, mas tem um carro no caminho. Ninguém se acidenta porque quer, todos se acidentam pelo poder da sílaba “A”, nos enganamos.

Nos guiamos pela região sutil da sílaba “A”, é ela que produz a experiência de realidade. É muito importante percebermos que estamos sempre dentro de paisagens sustentadas por essa energia. A morte também é uma paisagem desse tipo, todas as alternativas de vida são assim. Logo, isso é o antídoto para as paisagens, pois quando experienciamos uma paisagem e sabemos que ela é o produto de avidia, quando temos aversão a alguma pessoa, ficamos cegos para suas qualidades. Isso é avidia, somos cegos porque vemos. Lucidez significa reconhecer incessantemente a sílaba “A” atuando em todas as experiências.

Lama Padma Samten, Guarulhos, 09-10/12/00

Se não percebermos isso, se não temos a liberdade das paisagens e das identidades, esse processo de prisão precisa ser tratado de uma forma causal, porque estamos rígidos. Dizemos: “*Não, eu sei como é que é...*” Neste caso, vamos analisar o nono elo.

Podemos hoje mesmo escolher onde vamos renascer, podemos renascer agora. Renascemos a cada instante, porque nos recolocamos com uma identidade a cada instante, logo essa experiência está disponível.

Amanhã, segunda-feira, vocês vão renascer em ambientes já definidos de um modo geral, ou não. Essa liberdade é um pouco assustadora, mas é verdadeira. Por que precisamos renascer da forma que temos renascido a cada segunda-feira? Podemos renascer em uma condição de trazer benefício aos seres. Se renascermos em uma condição de lutar por algo que iremos perder mais tarde, estamos carregando água em cesto de palha, perdendo tempo, o que é quase sempre o caso.

É muito importante percebermos que, mesmo as circunstâncias através das quais reconhecemos o mundo e a nossa própria identidade são sustentados pela sílaba “A”. Achamos isso bom ou não, isso não vem ao caso. O importante é reconhecermos que isso de fato é assim. Melhor ainda, testar se isso é assim. Na medida em que testamos, veremos que realmente é assim.

## **Nono Elo – Upadana**

Porque colhemos com sucesso os frutos de uma árvore, a árvore é o mundo. Dizemos: “*Eu sei me relacionar com o mundo! Do mundo eu obtenho o que eu preciso. O mundo é assim e eu sou assim*”, sabemos o que o mundo é. Logo, a nossa experiência de mundo não é sem base. Ela tem por base a experiência do nono elo, de upadana.

Existem vários exemplos que podem caracterizar esses universos operando. Um deles é a soberba da cavalaria polonesa na segunda guerra mundial. Todos os cavalos gordinhos, tudo funcionando muito bem. Toda aquela hierarquia operando bem e aí vêm os tanques. Foi uma guerra rápida, os poloneses não tiveram a menor chance. Outro exemplo é o da soberba tibetana frente aos chineses. Não tiveram nenhuma chance, também. Os chineses construíram primeiro as estradas e, depois, entraram com as divisões blindadas...

No entanto, quando estamos montados num cavalo com uma lança na mão sabemos o que podemos fazer. Temos sucesso naquilo, fazemos demonstrações, participamos de competições, tudo está legitimado. Estamos colhendo os frutos de uma árvore, mas essa árvore já está morta. Aquele universo inteiro já não existe mais. No entanto, continua produzindo frutos.

Tudo aquilo é um universo, podemos criar um ranking “*eu tenho sucesso, eu sei fazer isso, eu sei fazer mais rápido do que todos.*” No entanto, aquele universo inteiro que está produzindo frutos não alcança mais do que certo tanto, é limitadíssimo. Mas quando estamos presos naqueles frutos que estamos colhendo, nem nos damos conta disso. Então surge o décimo elo,

que é um universo inteiro limitado. Mas esses universos existem paralelamente, eles se chocam como continentes que se chocam, tudo voa em pedaços. Quando estamos colhendo frutos, é bom que olhemos de que tipo de árvore estamos colhendo, é bom que nos demos conta de que aquilo é uma opção.

De novo, podemos olhar aquela experiência de sucesso como liberdade, ou seja, uma ação sob um universo de avidia, que está oculto. Quando olhamos e reconhecemos as liberdades, constatamos que podemos escolher a árvore a que estamos vinculados ou não. Se não tivermos a experiência de escolher a árvore, seguimos colhendo os frutos e parece que aquilo está perfeito. A nossa vida fica presa naquele tipo de árvore que estamos focando. Isto não quer dizer que não funcione. Funciona! Estamos fixados naquela árvore, produzindo aquele movimento e os frutos vão surgindo e temos a satisfação correspondente. Tudo está perfeito até Maharaja aparecer...

Podemos encontrar diferentes métodos de fazer isso. Se jogamos lixo pela janela, produzimos satisfação, nos livramos do lixo. Podemos, então, continuar jogando lixo pela janela, produz resultado. Se dissermos que não produz, não é verdade. Mas temos de ver o que estamos fazendo, se queremos esse caminho para produzir felicidade ou não. Este é o ponto que o Dalai Lama enfatiza.

Quando colhemos frutos de uma árvore, não necessariamente significa que os frutos são bons. Significa que eles são desejáveis, mas nem todas as coisas desejáveis são efetivamente positivas. Se as coisas desejáveis não são positivas, elas são sustentadas no aspecto desejável por quê? O que as sustenta? Vemos que elas também são sustentadas pela sílaba "A", como o engano surge.

Mais adiante, carmicamente a pessoa tem as conseqüências aparecendo. No entanto, no momento em que a pessoa usufrui a experiência, parece que aquilo é favorável, por isso ela se sente colhendo frutos. A essência desses frutos, porém, é o engano básico. Se a pessoa perceber que é o engano básico, ela reconhece a sílaba "A" atuando e pode, naturalmente, se perdoar disso. Se ela não reconhecer a sílaba "A", ou seja, o processo não causal, ela vai justificar sua ação pelo treinamento, pela aspiração anterior.

Lama Padma Samten, Retiro em Guarulhos, 09-

10/12/00

Se percebemos a liberdade, tudo bem. Caso contrário, vamos justificar: *"Não, me custou muito para montar tudo isso. Eu planejei tudo com muito cuidado, isso não veio porque caiu do céu. Eu pensei, estudei, organizei. Nunca vou abrir mão disso..."* Assim está a cavalaria funcionando. Ela funciona e está perfeita. As locomotivas a vapor, também, funcionam. Os computadores de dez anos atrás continuam funcionando. Só que ninguém precisa mais deles, aquilo passou. Mas não percebemos isso porque estamos fixados. Assim, justificamos a montagem de tudo aquilo como a razão pela qual não vamos abrir mão da árvore que está produzindo frutos.

Se, no nono elo, reconhecermos a luminosidade, a liberdade e avidia, voltamos diretamente do nono para o primeiro elo e, de lá, saímos. Caso contrário, significa que estamos fixados e descemos para o oitavo.

## Oitavo Elo – Trishna

Voltamos de forma causal para o oitavo item, trishna. Quando chegamos no oitavo item, podemos, de novo, perceber *"Sim, claro, planejei isso. Da mesma forma, poderia ter planejado outras coisas. Eu construí isso, mas não precisava ter sido assim."* Outra vez, existem abundantes exemplos de que isso é uma liberdade que tínhamos, que exercemos, mas não

precisamos ficar presos. Vemos que enquanto estamos planejando aquilo, estreitamos a nossa visão. Assim está avidia operando. Avidia produz ocultação, que por sua vez fica oculta. Nos damos conta de que aquele processo é uma delusão, a delusão é luminosidade, que é liberdade atuando... Então, reconhecendo todo esse processo, podemos sorrir para ele, vemos que ele está atuando, vemos a beleza disso... Podemos até continuar com aquela árvore, se for o caso. Caso contrário, seguimos.

Quando vamos ampliando a nossa visão, pode ser que os casamentos passem a sofrer dentro dessas ampliações. Vamos descobrindo que essas árvores podem ser dissolvidas ou não, é uma opção nossa. As próprias árvores surgiram por opção. Podemos seguir sustentando essas opções dentro da perspectiva do diamante, não perdemos a lucidez. Não vamos escurecer a visão novamente. É uma decisão nossa, fazer as coisas desta forma, até então não tinha sido.

Talvez um casamento, neste momento, vá se tornar, enfim, um casamento. Até agora, não havia tido a opção. O padre perguntou “*sim ou não?*” e a pessoa respondeu que sim, mas ela não tinha tomado aquela decisão, de fato. Agora sim. Agora ela tem a liberdade.

A própria restrição é uma liberdade. Se a liberdade for uma restrição a restrição deixa de ser uma liberdade. A liberação é mais bem aplicada. A liberação permite o efeito pontual. A pessoa está operando com uma restrição de liberdade, mas aquilo é uma liberdade maior do que a própria liberdade, porque aquilo é liberação. Só porque ela tem liberação, ela pode utilizar uma liberação à liberdade. A pessoa percebe, por exemplo que, se ela opta pela liberdade, aquilo é uma opção, como qualquer outra.

**Se o ilimitado não pudesse se fazer limitado, ele não seria ilimitado.**

O Buda surge com braços e pernas, ele manifesta o infinito por se fazer finito. Essa é uma dimensão muito importante, devemos nos lembrar sempre disso. Isso é a razão pela quais os bodisatvas retornam. A expressão de nirmanakaya está ligada a isso “*O ilimitado se faz limitado, o infinito se faz finito*”. Ainda assim, quando o finito se dissolve, ele diz: “*Eu não vim, eu não vou.*” Ou seja “*Eu nunca fui finito, eu só manifestei o infinito na aparência finita!*”

No oitavo elo, planejamos a árvore. Estamos planejando como vamos fazer para colher todos os frutos, um após o outro. Se alguém tentar nos mostrar que tudo isso não é necessário, contestamos dizendo: “*Não, você não entende porque você não provou chocolate. Se você tivesse provado, você saberia por que eu tenho uma fábrica agora.*” Vamos, então, encontrar pessoas fazendo coisas que, um dia, sucessivamente elas gostaram de fazer. Talvez já não gostem muito, mas, durante um período aquilo as mobilizou. Como justificamos o planejamento, a nossa construção? Pela sensação anterior. Tivemos uma sensação de que aquilo era bom. Essa sensação é o sétimo elo.

Na vida, praticamos muitas ações incorretas, inadequadas. Só vamos conseguir perdô-las se nos dermos conta disso. O mesmo acontece com todos os outros seres, sem exceção. Eles também fazem ações incorretas. Mas a essência de suas aspirações não está em tijolos; essa essência não é pedra, nem cimento, nem concreto. Ela é etérea, por isso é possível uma mudança.

Mais importante do que mudar, é perceber que essa essência é a manifestação de uma natureza que não está dentro da vida e da morte. Ela é a manifestação de uma natureza mais sutil, está atrás da própria Roda da Vida

Lama Padma Samten, Retiro em Guarulhos, 09-10/12/00

## Sétimo Elo – Vedana

Vedana é simbolizado por uma flecha no olho, ficamos cegos pela segunda vez. Simplificamos todas as etapas anteriores e baseamos todas as etapas seguintes em uma sensação. Baseamos todo o estreitamento de visão em uma sensação. Ocultamos, então, as seis etapas anteriores. Não olhamos mais a micro estrutura. O fato de termos uma sensação boa justifica tudo. Avidia ganha um grande poder neste momento.

Socialmente, culturalmente, se uma coisa é boa, agradável, já está justificada por si mesma, não é? Isto significa a flecha no olho. Observem as pessoas que usam drogas. Elas dizem que a droga é muito boa. Até querem sair disso, mas o problema da droga é que ela é, realmente, muito boa. Temos um mecanismo de fixação. O fato de alguma coisa ser boa nos tira toda a defesa. Temos esse referencial *“Quando aquilo é bom, ótimo, está bom!”*

Estamos aprisionados ao processo de vedana. É muito difícil gerarmos liberdade com relação à vedana, porque não queremos, não estamos interessados. Tudo está indo bem, estamos gostando, estamos satisfeitos. Ao contrário, o que queremos é garantir vedana.

A dificuldade no primeiro passo do Nobre Caminho se solidifica a partir disso, porque o nosso referencial é vedana. Se, para seguir um caminho espiritual, tivéssemos de abandonar vedana, 90% das pessoas desistiria ali. Entramos em um caminho espiritual porque queremos nos sentir bem. Esse é um ponto muito delicado. É um ponto onde os santos se defrontam direto. Eles dizem que se sentir bem ou não, não importa. Na verdade, até preferem não se sentir bem. Isso não é uma boa solução, porque isso não é liberação. Eles continuam usando o mesmo referencial, só que eles apontam em outra direção.

Esse processo é muito delicado, novamente chamo atenção para avidia. Vemos algo, aquele algo simplifica tudo, oculta a profundidade e oculta que ocultou. Nos oferece os propósitos, então, surge o sentido de carma operando e assim segue. Ele nos retira o desejo de liberação. O processo substitui o desejo de liberação pelo impulso de atender a satisfação, que parece vir de outra direção e, assim, giramos a roda.

Ainda assim, tudo isso está perfeito. Reconhecemos todo o processo, reconhecemos a delusão operando, reconhecemos que a delusão tem uma energia mágica que chamamos de luminosidade. Reconhecemos que, quando a luminosidade se oferece produz significado, produz impulso, produz beleza e, ao mesmo tempo, porque aquilo se oferece de certo jeito, reconhecemos que não está no objeto o que vemos nele, nem a satisfação que ele produz, nem o brilho, nada disso está dentro dele. Isso tudo é a natureza da delusão. Quando percebemos isso, reconhecemos que a essência da delusão é o aspecto magnético dela. Ela é etérea ou similar a um sonho, mas atua.

Quando percebemos que a essência não está no objeto mas atua, isto significa compreender a vacuidade do objeto, compreender a liberdade. Porque vemos o objeto se manifestando com a cara que ele tem e entendemos como ele aparece com aquela cara, nesse momento, percebemos que a luminosidade produz nele esse efeito. Isso acontece porque há liberdade para que esse efeito possa ser produzido e outros também. A maior prova de que a liberdade existe é que a aparência aparece. Vacuidade não é um buraco, uma ausência de aparência. Não! Quando a aparência aparece, isso é prova de que a liberdade de produzir aparência está ali. Aquela aparência não tem solidez. Curiosamente, no mesmo fenômeno, vemos luminosidade e liberdade. Vemos prisão e liberdade se manifestando como prisão, tudo junto.



Se conseguirmos reconhecer isso, nesse momento, sorrimos para vedana. Podemos, então, pegar um quindim e comer, dizendo: *“Isso é a prova da vacuidade, quindim é vazio!”* Ainda assim, acontece um milagre, comemos quindins e o estômago se enche. E engordamos!

**Pergunta:** *Não existe o risco de usarmos essa desculpa para legitimar os apegos?*

**Lama:** Claro, se usarmos sob o ponto de vista conceitual apenas, pode ser. Não podemos deixar de observar que, nesse nível, Maharaja está de olho, ele está nos observando. Então dizemos: “Estou comendo este quindim sem nenhum apego, ele é pura vacuidade.” De repente, alguém vem e diz: “Esse quindim é meu!” E respondemos: “Não, é o meu!”

Pronto, Maharaja apareceu e mostrou a realidade. Se temos liberação, temos liberação. Caso contrário, Maharaja oferece rapidamente a experiência. Quando não temos liberação, temos ligação cármica, a dor aparece imediatamente para nos avisar.

Olhamos o aspecto de vedana sob a ótica da luminosidade, observamos como isso surge. Reconhecemos os vedanas – gosto, não gosto; quero, não quero – como um processo que não pertence ao objeto que estamos contemplando. Sabemos agora que a experiência do gosto, não gosto sempre se refere a algum dos objetos dos cinco sentidos físicos ou do sentido abstrato. Esses objetos passam a ganhar essa característica, respondemos a eles com um gosto ou não gosto; quero ou não quero.

Sendo assim, percebemos que o gosto, não-gosto é uma experiência de gostar ou não gostar. Então, começam as etapas. Ao invés de gosto, não gosto, eu tenho a experiência de gostar ou não gostar. Nesse momento, percebemos que temos uma liberdade, uma experiência. No item seguinte, olhamos para a experiência e dizemos: *“Essa experiência é uma experiência de delusão”*. Quando percebemos uma experiência de delusão, não dizemos mais *“eis uma maldita delusão!”* mas *“eis uma maravilhosa delusão!”* Porque já percebemos o aspecto criador, o aspecto de brilho, de magia que existe na característica que passamos a ver no objeto. Gostamos, temos uma atração – ou uma aversão.

Temos abundantes exemplos, podemos contemplar por todos os lados dessa maneira. Existe uma prática, a de tsog, na qual nos alimentamos e vamos contemplando os variados sabores dos alimentos e a delusão que está associada à experiência de cada alimento. Da mesma forma que contemplamos isso a partir do sabor, podemos contemplar a partir da visão, da audição, do olfato, do tato e, assim, vamos classificando as coisas.

Podemos agir da mesma forma com os objetos abstratos. Dizemos: *“Tais coisas são terríveis!”* Percebemos uma perspectiva, uma paisagem mental atuando em um por um desses itens. Essa paisagem mental dá significado, serve de base para aquela característica que estamos vendo. Aquela característica é uma experiência, a vemos sendo sustentada. Existe uma energia sustentando aquilo. Podemos espereitar essa energia surgindo ou não surgindo.

Existem vários tipos de métodos. No momento, estou utilizando a linguagem verbal, ou seja, estou *empurrando o carro*, se o carro pegar, vocês vão conseguir meditar sobre isso. Se não houver o empurrão, pode levar muito tempo para o carro pegar sozinho. O ponto de como proporcionar para outros a experiência daquilo é o grande problema de um professor, seja ele de matemática, português, geografia, história... É como empurrar o carro para o outro começar a operar.

Eu vejo todo esse processo como caminhar. Quando caminhamos, repousamos sobre um pé e, depois, sobre o outro e assim vai indo. Eu considero que todos os métodos são como remédios.

Eles têm contra indicações e efeitos colaterais. O que podemos fazer, eventualmente, é combinar remédios, para tentar evitar os efeitos colaterais e tentar equilibrar. Ainda assim,

neste nosso encontro, se vocês tiverem alguma confusão ao final, eu considero isso um bom resultado.

Este é um método também usado no Zen. O Zen utiliza o método de criar uma dúvida não resolvível. Quando essa dúvida não resolvível opera, Tokuda San diz: *"É como uma bola de ferro incandescente. Não consigo nem engolir, nem vomitar e aquilo segue queimando."* Esse é o melhor método. Ele não nos permite mais parar. Dentro dessa perspectiva, se estamos aqui agora olhando isso e isso vira de perna para o ar a nossa compreensão, a nossa identidade, as nossas relações, etc., então, isso é um bom resultado. Vamos seguir pensando.

Vamos avançando e vamos encontrando alguns elementos de segurança. Esses elementos começam, enfim, a nuclear a nossa compreensão e vamos re-estruturando tudo a partir deles. Esse método é bem específico para o reino dos deuses.

**Se você começar a prática, mas o resultado estiver em contradição com a sua aspiração, você não vai obter resultado.**

Essa conciliação do resultado com a aspiração, curiosamente, é uma etapa muito difícil. É muito comum às pessoas entrarem e a aspiração delas não é o que a prática vai oferecer. A prática vai criando uma outra dimensão e eles estão querendo manobrar dentro. Algumas pessoas lucrariam mais se fizessem um curso de PNL.

O que elas estão buscando é um processo sutil de manipulação das condições, de maneira que elas consigam construir o que elas acham que é a fonte da felicidade no espaço e no tempo. É muito difícil de se livrar disso, muito difícil. Na verdade, não conseguimos nos livrar desse obstáculo antes de chegar na oitava etapa do Nobre Caminho. Antes de cruzar por Prajna não temos chance. Só quando cruzamos pelo reconhecimento de Prajna na Roda da Vida, nos doze elos, é que vemos a insignificância da dimensão mental que estamos operando e, só então, podemos desejar ir além do que estávamos operando.

Existem várias armadilhas como, por exemplo, um fazendeiro de Mato Grosso, um empresário de São Paulo ou um empresário americano, ou mesmo, um caminho maravilhoso. Isto é tão sutil, facilmente trocamos o resultado do caminho pelo caminho! Isto é chamado de materialismo espiritual.

Voltando ao exemplo da televisão, podemos parar diante dela, ou de um filme e não olhar para ele propriamente. Vamos vê-lo apelando, chamando e vamos ver apenas sons e imagens. De repente nos ligamos, olhamos e nos vinculamos. Então, percebemos que não são mais sons e imagens apenas, agora tem uma magia atuando. Voltamos mais uma vez a nos concentrar fora da tela e desligamos o processo, nos estabilizamos novamente. Depois, voltamos novamente e observamos o processo ocorrendo.

Na época do Buda não tinha televisão e a liberação era muito mais lenta. Agora temos a bênção da televisão. Na época do Buda, as pessoas andavam a pé, também. Os cenários iam mudando com muita lentidão. Naquela época, existiam pessoas que passavam suas vidas inteiras presas em um vale. O idioma de um vale não era o mesmo do que o do vale ao lado.

Hoje, especialmente no ocidente, temos uma diversidade incrível, uma diversidade de quadros. A realidade virtual é completamente natural para nós. Acredito que o dharma no ocidente vai adquirir uma feição realmente brilhante, em toda a sua história. Isto se sobrevivermos a nossa loucura.

Existe um brilho de luminosidade que é característico do ocidente. O ocidente afundou no materialismo que brota da materialidade e o oriente no materialismo que brota da vacuidade. No ocidente, geramos uma corrupção das aparências e o oriente gera uma corrupção da liberação das aparências, ou seja, de uma insensibilidade, de uma não resposta. Nos refugiamos no mundo externo e eles, no mundo interno. Ambos têm equívocos. Para entender o equívoco do mundo

interno, basta ouvir o Trungpa Rinpoche falando. Para entender o equívoco no mundo externo, basta olharmos para nós mesmos.

O mundo externo brota da luminosidade. A nossa habilidade é trabalhar de forma cada vez mais sutil, sustentando luminosidades cada vez mais sutis. Atingimos muitos sidhis nisto.

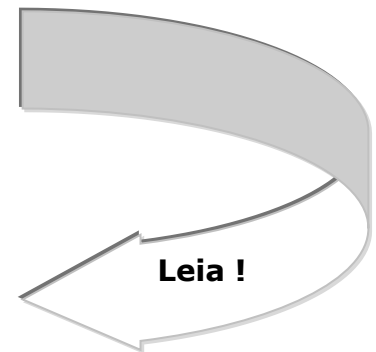
Transformamos pedras em naves espaciais, a enviamos para Marte, pegamos as imagens disso e espalhamos pelo planeta inteiro ao vivo.

Estamos examinando esse aspecto criativo e vemos que avidia está ali dentro. Quando avidia se manifesta como gosto ou não gosto, produz uma ocultação que, por sua vez, fica também oculta. Assim ficamos presos, independente do reino em que estejamos.

Voltamos ao exemplo do cubo. Quando um cubo surge o outro desaparece. O aspecto mais importante não é o surgimento de um cubo, mas o desaparecimento do outro. Nesse processo é importante perceber que não é apenas um cubo que desaparece mas qualquer outra coisa quando focamos uma.



O outro aspecto que sela o primeiro é a ocultação da ocultação. Avidia oculta e oculta o fato de ter ocultado. Com o cubo que agora vemos, surge uma realidade inteira e nós reagimos a ela, nós temos a responsividade. Quando o objeto surge, é como setas dizendo: “Faça tal coisa!” Nós, então, olhamos a mensagem e fazemos. Esse “Faça tal coisa” é a mensagem sutil de dentro do objeto. Essa mensagem sutil nos cega frente ao fato de que já estamos cegos, ela oferece um propósito. Nós não percebemos a realidade que é a própria experiência do surgimento do objeto.



O chocolate não é uma boa opção. Mas o chocolate me *olha* e posso comê-lo ou não. No entanto, eu não posso evitar a atração do chocolate. Eu não olho sua atração como um fato em si. Tem uma avidia operando na atração do chocolate e eu não vejo esse fato mas apenas me comporto frente ao fato, *posso me filiar ou gerar aversão ao chocolate*. Nem percebo que existem liberdades dentro da própria aparência do chocolate. O fato de que o chocolate se oferece como chocolate eu considero completamente natural e ali está a prisão. Ela não está em comer ou rejeitar o chocolate. Quando eu tenho essa opção, já é o chocolate me enganando. Existe uma ocultação deste fato. Quando o chocolate aparece, ele oculta o fato de que ele está aparecendo. Toda a nossa experiência sensorial é legitimada pelo fato de que ele aparece.

### **Desde os tempos sem início, tratamos os ladrões como filhos preciosos...** **Buda Sakyamuni**

Dentro disso atuam seis ladrões. Eles roubam a nossa liberdade, sem que percebamos. Quando dizemos: “*Eu vejo tal coisa e ela é linda!*” estamos achando isso maravilhoso. O ladrão está nos oferecendo aquilo, nos enganando, tirando-nos toda a liberdade e ainda consideramos todo esse fato maravilhoso. Esta perspectiva de ver avidia é como se fosse hinayana, consideramos então a delusão um obstáculo. Não precisamos nos posicionar desta forma. A única forma de superar esse processo é reconhecer que a liberdade segue e que temos uma operação maravilhosa da mente produzindo essa experiência.

## **A vacuidade está na própria aparência do objeto...** **Chagdud Rinpoche**

Porque a própria aparência do objeto surge, essa é a razão pela qual podemos reconhecer na aparência a vacuidade. Por quê? Precisamos fazer todo o raciocínio para entender que a delusão está operando, que o teor daquele objeto é virtual. A luminosidade cria aquela aparência, vemos que aquela aparência está ali, mas não está na materialidade do objeto. Quando vemos a aparência, só a vemos porque temos a liberdade de criarmos isso daquela forma.

Cada um desses itens, desses doze elos, quando aparece é um produto deste tipo. Desde a experiência de sofrimento, a experiência de propósito da vida, de mundo e identidade, a experiência de sucesso, de planejamento e, agora, a experiência de Vedana. Quando surge o eu gosto, só mesmo o fato de surgir um *eu gosto* é um objeto para o meditante. Para quem não é meditante, quando surge o *eu gosto*, ela vai reagir à mensagem com um *devo fazer isso, não devo fazer aquilo*. Para ela surge automaticamente um propósito natural. O meditante diz “*Nossa, que espantoso! Eu gosto!*” Ali está o praticante contemplando essa experiência. Assim fazemos à prática de tsog, com alimentos ou frente a todos os sons. Isto é a prática dos ridzins, a prática de atenção, de lucidez, a prática dos bodisatvas mahasatvas, a prática do Sutra do Coração. No Sutra do Coração temos uma cartografia, um mapeamento, utilizamos 46 itens para mapear a nossa possibilidade de ação.

Durante todo o tempo, dia e noite, durante os sonhos, antes de acordar de manhã, antes de dormir à noite, a todo momento vocês precisam contemplar a dissolução de cada um desses elos através do processo de luminosidade, do reconhecimento da liberdade!

Não tem como o processo discursivo substituir essa experiência. Vocês precisam tentar fazer isso, experimentar isso. Quando vocês tiverem uma grande dor ou uma grande alegria, precisam experimentar esse processo. Isso só pode ser entendido corretamente através de uma experiência.

Quando não entendemos o procedimento de luminosidade, vamos usar o procedimento usual. “*Para mim é muito simples, eu tenho essa sensação porque eu ponho o quindim na boca e, é muito simples, eu gosto!*” Não adianta querer complicar as coisas, eu sempre gostei de quindim e sei que é gostoso” Observem como isso é concreto. Passamos assim imediatamente para o plano causal. Como explicamos a nossa sensação? Pelo elo anterior, spasha, contato.

O próprio gostar está relacionado com a sílaba “A”, esse aspecto de sustentação. Se não fosse assim, não trocaríamos o gostar pelo não gostar ou pela indiferença.

A cada manhã recriamos o ser que está ao nosso lado e essa é a sílaba “A”. Cada vez que reencontramos alguém, ressurgimos positivamente. Ressurgimos, recriamos a própria pessoa e o universo ao redor. Sempre temos o poder de recriar.

## **Sexto Elo – Spasha**

O ponto do contato é muito interessante, também. A experiência de contato é como a experiência de percepção. Percepção nada mais é do que uma outra palavra para delusão.

Vamos olhar esse tema a partir da ciência. O cientista diz: “*O experimento é neutro*”. Contudo, na física quântica essa idéia, essa afirmação já está ultrapassada. Niels Bohr diz: “*O objeto que encontramos a nossa frente é inseparável do instrumento que gera o experimento. Não há como*

*separar o instrumento do objeto. O instrumento e o objeto criam um fato e depende de mim, a decisão de chamar aquilo de manifestação do instrumento ou manifestação do objeto!”* Quando chamamos aquilo de manifestação do objeto, qual é o papel do instrumento? O instrumento não fez nada? Se é assim, por que o utilizamos?

O instrumento está ali representando inseparavelmente os conceitos, as concepções, as perguntas do cientista, que, por sua vez está inseparavelmente ligado à estrutura cognitiva dele que, por sua vez, está ligada aos pressupostos que ele está operando. Estes, por sua vez, são inevitavelmente inseparáveis da linguagem e da cultura que ele está operando. Então temos a linguagem, a cultura, os pressupostos, as teorias, a concepção do experimento, o surgimento do equipamento, a leitura do equipamento. Então vemos o objeto e, quando ele surge, esquecemos de todo o resto. Não tem mais equipamento, não tem mais conceito, não tem concepção, nem cientista, não tem mais nada. Aquele fato revela propriedade como se fossem só do objeto. Isto é uma simplificação grosseira, a própria delusão. Hoje em dia, infelizmente, os cientistas ainda não estão lúcidos. No entanto, Niels Bohr já chegou a essa conclusão em 1925 e ele foi *ocultado* pelas teses.

Olhando sob o ponto de vista de luminosidade, spasha é muito fácil, porque o contato é a própria percepção. Quando fazemos o contato, a percepção (samjana) e o contato (spacha) parecem à mesma coisa. Desta forma, temos a operação da delusão (avidia).

A partir de toda essa análise, podemos perceber que tem a delusão, que vemos como liberdade, vemos o aspecto criativo da delusão, reconhecemos que junto com a delusão tem avidia, que é um sentido mais geral – a delusão é o aspecto criativo, quando surge, surge também o aspecto de ocultação, que é avidia; o aspecto de ocultação, ele mesmo fica oculto, pelo fato de que, junto com a luminosidade, brota um significado, um sentido, um impulso, um raciocínio, uma seta que nos indica *“Faça isso!”*. Quando brota essa responsividade, isso apaga o fato de que a delusão surgiu e avidia estava se manifestando.

### ***Tractatus (Wittgenstein)***

#### ***O mundo é tudo o que é o caso...***

Aqui Wittgenstein está incluindo o observador, ou seja, o mundo é a soma das coisas que consideramos pertencentes ao mundo. Essa é uma perspectiva muito diferente da perspectiva científica, onde é afirmado que o mundo pré existe a nós, o que não se sustenta. Essa visão científica não explica nem mesmo como podemos ver o Buda pintado em uma tela. No entanto, se alguém não tiver a estrutura do Buda dentro só vai aparecer pano e tinta.

*...e se as coisas são o caso ou não, depende de uma estrutura anterior...*

Todos os objetos que compõem o mundo dependem de uma estrutura que os compõe.

*... os objetos surgem em espaços de objetos. Os espaços de objetos podem ser vazios, mas não há a possibilidade de surgir um objeto que não em um espaço de objeto...*

Temos internamente espaços de possibilidades. Só conseguimos ver os objetos surgindo nos espaços que eu imaginei. Logo, estamos presos pelas estruturas lógicas que estamos operando.

***... se o meu universo não permite eventos, esses eventos eu não posso negar. Eu só posso negar o que é possível dentro do meu universo e não ocorre...***

Um pensador dentro de um outro universo não tem a possibilidade de reconhecer eventos operando dentro de outros universos, mas não é culpa do evento, mas do universo mental onde o pensador está operando. estamos aprisionados a estruturas e é necessário reconhecermos esses aspectos.

Lama Padma Samten, Guarulhos, 09-10/12/00

Voltando à televisão, que é um meio poderosíssimo de meditação, vamos analisar a questão de como ligamos uma imagem à outra. Como isso ocorre? Temos uma sucessão de estados mentais

que surgem. Uma imagem nos coloca em um estado. Quando estamos naquele estado a imagem ganha significado. Assim vai indo, nem nos damos conta disso.

Charles  
Bronson

**Uma mocinha bonita, frágil e indefesa está dirigindo um carro por uma estrada deserta.**

**Um ser terrível está preparando, mais adiante, uma armadilha.**

*"Não, como ela é linda! Não pode ser verdade, isso não pode acontecer com ela..."*

**A mocinha bonita e frágil segue calmamente no seu carro, cantarolando.**

**O ser terrível já está com tudo preparado – é impossível que alguém possa escapar.**

*"Não tem ninguém para salvá-la? Não é possível... Não pode ser verdade!"*

**Charles Bronson caminhando tranquilamente.**

*"Ele é o salvador! Cara, acorda! Você tem que salvar a mocinha!!! Não vai dar tempo!"*

**Enfim, o ser terrível derruba o carro da mocinha e a ataca.**

*"Não, isso não poderia ter acontecido! Pobrezinha... Charles, onde está você que não aparece!!!"*

**O telefone toca. Charles Bronson o atende e é informado do caso. Imediatamente se dirige ao local.**

*Corre, não vai dar tempo! Corre!!!*

**A mocinha está resistindo "socorro, socorro!"**

As cenas acima não têm nada haver umas com as outras, mas nós é que, automaticamente, as ligamos, as conectamos. Nós ligamos tudo isso. Nem precisamos de legendas ou som. Se olharmos um pouco acima da televisão, veremos o Buda acenando para nós e gritando:

*"Acorda! Atenção, tudo não passa de uma delusão!"*



### **Quando as mãos se batem, qual é o som que vem só de uma mão?**

A ciência aborda esse ponto, mas o simplifica. Albert Einstein acha que é possível gerar o som só de um lado sem nenhuma influência da mão. Ele persegue o fato de que podemos bater aqui, isolar o efeito disso e manifestar só um lado. Ele diz que podemos isolar uma partícula, podemos ver a partícula em si mesma, sem nenhuma perturbação. Essa é uma diferença entre ele e Niels Bohr. Este afirma que temos o evento. Esse evento nós medimos, podemos dizer que aquilo é o instrumento ou objeto se manifestando, é a nossa escolha. O objeto, por sua vez, só se manifesta inseparável do instrumental e das concepções e das perguntas.

Na física quântica formalizamos isso. vamos colocar essa questão como formalismo matemático, onde as perguntas estão presentes. É uma estrutura lógica que é utilizada, é diferente. Essa inseparatividade também está presente nessa estrutura matemática.

**Da mesma forma que eu só penso o que pode ser pensado dentro dos meus espaços, a filosofia só pensa o que pode ser pensado. Logo, a filosofia não tem importância, ela não tem mérito.**

**Eu coloco tudo o que pode ser pensado em um grande plano e passo um círculo em volta. O que está do lado de dentro do círculo não me interessa. Aquilo pode ser pensado. É o que está fora que realmente interessa.**

**Quem entendeu o Tractatus, sabe que ele mesmo é uma escada. Uma vez que subimos, o que vamos fazer com a escada? A jogamos para trás, não precisamos mais dela, já estamos em cima.**

**Wittgenstein**

Se entendermos spasha através da luminosidade, podemos nos liberar. Caso contrário, diremos: *“Existe uma coisa muito simples, eu tenho um instrumento que eu boto lá e vejo aquilo.”* Neste caso, vamos explicar pelo instrumento, a percepção se explica pelo instrumental, ou seja, a visão se explica pelo olho... Diremos: *“Não é assim? Então feche os olhos e tente ver alguma coisa... Abra os olhos, você vê? É simples, tem alguma coisa óbvia aí, é o olho que está vendo!”* Automaticamente, nos defendemos com o elo anterior.

## **Quinto Elo - Shadaiatana**

Quando olhamos, o que vê não é propriamente o olho. Existe uma mente incessantemente presente que vê escuridão ou vê luz. Existe uma mente lúcida atuando e falando sobre o que ela está operando ou melhor, manifestando. O Buda fala da natureza da permanência e nós estamos ligados à natureza da impermanência. Quando vemos os objetos, temos seqüências mentais, parece que tudo anda e a Roda gira. Nós temos responsabilidades, ver para nós está ligado à experiência de responsividade. Quando não vemos, significa que não está havendo a responsividade, olhamos aquela escuridão e nada nos apela, nada brilha, nada anda. Tudo está ali, a nossa mente está acordada, está vendo. O Buda cita os exemplos do corpo dormindo e a mente alerta, ela vê. Nós estamos ligados ao detector, ao instrumento.

- Buda:** *Ananda, quando você olha os jardins através da janela, você vê as árvores, a grama, o riacho, a montanha?*  
**Ananda:** *Sim mestre, claro.*  
**Buda:** *Agora vamos supor que em uma madrugada, antes do sol nascer, em uma noite sem lua, névoa densa. Quando você olha pela janela, o que você vê?*  
**Ananda:** *Nada Abençoado, não vejo nada.*  
**Buda:** *Como você pode dizer alguma coisa tão sem sentido, Ananda?*  
**Ananda:** *Abençoado, é muito simples, tendo luz eu vejo, na escuridão, eu não vejo.*  
**Buda:** *Isso é absurdo, Ananda, não tem sentido!*  
**Ananda:** *Abençoado, é muito simples. Todos os seres que têm dois olhos na face, quando tem luz eles vêem, sem luz, não vêem.*  
**Buda:** *Como você pode dizer algo assim sem sentido, tão absurdo, Ananda?*  
(...)

A visão não é neutra, mas filtrada por áreas de interesse que representam as estruturas e expectativas anteriores. Existe toda uma ação inconsciente, operando dentro do tato, do olfato, do paladar, da audição, da visão. Um por um dos sentidos físicos opera com uma região inconsciente, portanto só vê certo tipo de mundo.

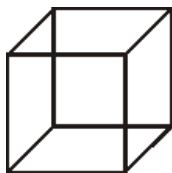
Para nós, o mais importante disso é perceber que a experiência que houver é sustentada, enquanto uma experiência, pela sílaba “A”. Quando tocarmos, ouvirmos, virmos alguma coisa, a sílaba “A” está manifestando a experiência que estamos sentindo e isso é um objeto de meditação e contemplação.

O próprio contato não é neutro. Tem um aspecto muito profundo operando atrás disso. Quando não reconhecemos isso, alegamos que o contato pode ser explicado pelas mãos, que a visão pode ser explicada pelos olhos, etc.

Nos livros de física podemos ver a seguinte explicação da visão: A imagem entra pelo olho, toca na retina e é invertida. Então, ela entra nos respectivos canais, chega no cérebro e, assim, vemos. Esse processo de reconhecimento é mal entendido. Pensamos que existe uma materialidade e a visão é uma coisa simplesmente física, mas não é.

Por desconhecer esse fato, justificamos a experiência de contato pelo órgão de contato. Parece que a visão vem do olho.

Parece que o cubo vem da objetividade do olho. Sem que haja qualquer troca da imagem que entra no olho, podemos ver dois cubos diferentes desenhados abaixo.



Portanto, podemos reconhecer que não é o instrumento que produz a imagem. Nenhum dos dois cubos é cubo. Em ambos os casos, só temos uma folha de papel riscada. Não tem três dimensões. A terceira dimensão surge como surge o Buda. Posso trocar uma pela outra sem alterar a imagem. Mas a nossa experiência da imagem muda. Assim, percebemos que existe um elemento a mais operando ocultamente, que produz a experiência da imagem e não pode ser explicado pelo órgão do olho, nem pela luz que entra. Quando troco um elemento de estrutura interna, troco a experiência. Logo, fica visível a estrutura interna operando.

Entendendo que a experiência não está no órgão dos sentidos, podemos perceber que a experiência do órgão dos sentidos está, por sua vez, na dependência de algo luminoso, construído.

Imaginem uma pessoa que ficou cega repentinamente. Essa pessoa continuará tendo sonhos. O nosso centro de visão independe dos olhos. Mesmo de olhos fechados, podemos ver o rosto que desejarmos, podemos evocar imagens do passado, do futuro. O centro de visão é etéreo, sutil. As imagens são sustentadas pela sílaba “A”. Elas podem ser apoiadas pela experiência sensorial, mas a experiência sensorial não é a base. Caso contrário nunca nos enganaríamos. Nunca veríamos uma cobra onde só há uma corda. A luz que entra é a mesma luz. Como podemos nos enganar? Só nos enganamos porque não vem da luz.

Isso tem uma importância muito grande para fenômenos ligados a experiências de loucura. Nas crises psicóticas as pessoas têm experiências de visão e audição. No entanto, essas experiências não são partilhadas pelos outros. O centro de visão excitado por medo, por outras conexões, passa a atuar independente da necessidade de ter um estímulo físico.

É importante perceber que a experiência dos sentidos não pode ser explicada pelo órgão. No Sutra do Coração estudamos isso através dos 18 pontos. Contemplamos, meditamos cuidadosamente sobre cada um dos sentidos físicos, cada um dos órgãos associados aos sentidos físicos, cada um dos objetos dos sentidos e cada uma das mentes associadas a cada sentido físico específico. São 18 pontos que vamos examinar. Esse ensinamento da Roda da Vida que estou dando agora é uma mistura do ensinamento da Roda da Vida com o ensinamento do Sutra do Coração.

Nessas regiões temos que dar tempo para penetrar. Precisamos olhar dentro de nós e examinar com muito cuidado, encontrar os vários exemplos na nossa vida, até o ponto que a nossa experiência deixa de ser automática numa certa direção e conseguimos, então, reconhecer essas liberdades em meio à própria liberdade. Nesse momento, estamos com várias áreas inconscientes operando automaticamente.

O Buda dá também o exemplo do sino. Quando o sino toca, ouvimos. Quando o sino pára de tocar, ouvimos também? Sim, o silêncio! Através do som, ele introduz a natureza da mente. É um processo interessantíssimo para introduzir a meditação. Estamos lúcidos ao tocar do sino e o continuamos após este parar de soar. A nossa mente é drenada pelos sons, pelas aparências, pelas



discriminações. Ela começa a girar e aprendemos a reconhecer a mente lúcida, com ou sem o objeto. Aprendemos, também, a reconhecer a permanência que está além até mesmo da temporalidade, porque os objetos vão produzir mais adiante a noção de espaço e de tempo. A nossa mente está antes disso, antes da delusão, propriamente. jogamos lucidez para o processo que vem antes da delusão.

Nesse momento, estamos presos na idéia de que vemos com os olhos. Não vemos que o objeto surge inseparável dessa ação mental, que é a delusão. Se percebemos o papel do instrumento, que ele é criado segundo as expectativas anteriores, seu aspecto luminoso, podemos reconhecer a liberdade. No caso da física, as luzes que vemos é uma estreita faixa de frequência, os sons que ouvimos, também, é uma estreita faixa de frequência.

Shadaiatana surge por nama rupa, que é a busca. temos uma concepção.

## **Quarto Elo – Nama Rupa**

No caso da ciência, temos uma concepção de partícula, vamos querer o detector daquilo, mas a noção de partículas está dentro de uma teoria. Isto está dentro de um processo que concebemos. Descobrimos, então, um jeito de legitimar, de encontrar aquela partícula. Consideramos a partícula existente por si mesma, que ela está ali e pensamos que se virmos tal coisa, teremos a prova dela, da partícula. Assim geramos esse processo e encontramos a partícula. Essa partícula prova então o arcabouço todo que estamos raciocinando. Isso nos perturba um pouco. Nós mesmos legitimamos a prova científica.

Nama-rupa é como se fosse um centro gerador, uma volição geradora. Nama-rupa é como se fosse os espaços de possibilidades. Temos os espaços e, dentro deles, tem o que podemos encontrar e o que não podemos encontrar. Eu estou limitado a encontrar aquilo que eu me permito encontrar. O importante neste momento é perceber que nama rupa é luminosidade, que começamos a construir os universos a partir disso. Vejam no exemplo abaixo como funciona nama rupa.

Estamos agora na Fundação Peirópolis. Poderíamos escolher um nama rupa. Aqui não poderia ser uma boa escola para crianças? Gili, que é professora, já suspira com um ar sonhador. Isto significa emoção. Neste momento, começamos a pensar, onde seriam as salas de aulas, onde seria a diretoria, a biblioteca, etc.

Vamos mudar de idéia e fazer, por exemplo, uma clínica. Metade da sala suspira (médicos, terapeutas) *“Oh, uma clínica, que boa idéia!”*. Trocamos o nama rupa, podemos ver que isso é luminosidade. Então, criamos tudo de outro jeito. *“Claro que é uma clínica, já tem até....”* Então começamos a assimilar tudo o que vemos em uma clínica.

Puxamos uma grade e tudo aparece, puxamos uma outra e tudo, novamente, aparece. Essas grades são luminosidade. Elas vão gerar o instrumental, shadaiatana, que vai encontrar, enfim, as coisas.

Nama Rupa pode ser reconhecido assim, como luminosidade. Se não reconhecemos essa luminosidade, neste caso mais uma vez voltamos ao elo anterior. Como surge de forma causal nama rupa? *“É que me brota uma imaginação nítida, tudo aquilo é como se fosse um destino, uma indicação, uma telepatia. Eu sou assim!”* Quando a pessoa diz *“Eu sou assim”* ela está descrevendo vijnana. Ela tem uma emoção, uma energia. Um brilho brota nela.

## Terceiro Elo – Vijnana

Quando a pessoa vai se descrever, ela diz: *“Falou em escola, falou comigo”*. A pessoa se define desta forma. Isso é descrição de vijnana, surge a identidade. É natural que ela tenha aquela identidade, ela olha para todos os lugares e vê escolas. É natural que ela ande “procurando e encontrando” alunos.

Vijnana é um brilho, não é? Vijnana é o aspecto de delusão, só que aí está em um nível que não é a própria mente discriminativa. Vijnana está operando em um nível de energia interna. A pessoa localiza sua energia a faz operar, a pessoa vê aquilo e legitima o surgimento daquela energia, que aciona e dá brilho e faz tudo acontecer. Todas as delusões vão brotar desse mesmo brilho.

Se sabemos que o brilho existe, tudo funciona e, se ele não existe nada funciona, veremos que aquilo é brilho mesmo. Não tem mais como decompor isso, já aparece como brilho mesmo. Sendo que o brilho está aparecendo sob condições. De forma causal, vamos ainda dizer: *“Não isso não é brilho livre. Ele não é assim. Eu tenho essas marcas desde infância, eu tenho essa tendência. Isso sempre esteve comigo, eu sempre fui assim. Eu sou essas marcas.”* Localizamos essas marcas em samskara.

Vijnana é o surgimento da identidade no nível mais sutil. Não é a mesma categoria de bava. Ao contrário de bava, o nível de identidade em vijnana é muito sutil. O eu aqui não é o corpo físico, mas significados, impulsos, marcas cármicas. Porque aparece muitas vezes o mesmo impulso, dizemos que somos esses impulsos.

Os impulsos são sustentados pela mesma energia de sustentação do cubo e da esfera, a sílaba “A”. Essa energia é apenas um brilho da mente. Nesse ponto, ainda nem existe a materialidade.

Se conseguirmos ver isso, entender isso, veremos que há apenas essa energia sutil e que podemos, simplesmente, manifestar liberdade com relação a ela, manifestá-la em uma outra direção. Percebemos que a prisão não existe.

## Segundo Elo – Samskara

Nesse momento dizemos: *“Samskaras são marcas preexistentes, cósmicas, Deus me fez assim. Isso é o que de mais íntimo existe em mim.”* A pessoa está encontrando o eu nisto. Se a pessoa localizar que o samskara pode ir ou pode não ir, que samskara manifesta uma luminosidade, que vai se manifestar como vijnana, como fonte da identidade dela, oferecer os propósitos de motivações, que vai resultar nos prédios, nas estruturas, que vai fazer os contatos, agradáveis ou desagradáveis, que a pessoa vai planejar mais adiante, etc., até que tudo desaba.

Se a pessoa perceber isso, ela está reconhecendo a luminosidade. Se ela não reconhece a luminosidade, então, ela vai para avidia. De um jeito ou de outro ela vai ter de reconhecer avidia.

Assim, ela segue e faz o último elo de volta. Para chegar em avidia, no último elo, ela vai ter que descobrir direto que samskara é avidia, é delusão, é construção. Existe um processo de luminosidade que criou aquela marca. Aquela marca não está estampada a fogo, ela é livre, podemos criar outras marcas.

Em samskara a pessoa já não existe mais. Estamos tratando de marcas internas. O conjunto de marcas mais os seus impulsos caracterizam uma pessoa. Um conjunto de marcas mais outros impulsos, caracteriza outra pessoa.

Essas marcas são as bases, os tijolos de qualquer construção cármica. Assim, localizamos, encontramos esses samskaras e vemos que são marcas presentes nas estruturas matemáticas da consciência, nos espaços. Tem os elementos de possibilidades dentro desses espaços. Esses elementos são essas marcas. Se não tivermos o Buda estampado como uma marca dentro de nós, não teremos como reconhecê-lo.

Essas marcas estão presentes por todos os lados, o tempo todo. A pintura surrealista é um bom exemplo disso. O pintor Dali, por exemplo, criando aqueles relógios tortos. Aquilo incomoda, por que ele não faz um relógio direito, precisa ser torto? Que artista é esse?

Na verdade não tem nenhum relógio ali. Ele pôs tinta em cima de papel. Tudo está corretíssimo. Quando olhamos, nos incomodamos. Como pode tinta sobre pano nos incomodar? Temos marcas mentais nas quais os relógios têm certa aparência. Aquilo parece um relógio mas não encaixa nas minhas expectativas de um relógio. Na verdade ele produz a experiência das expectativas, ele permite ver as expectativas.

Quando encontramos aquela imagem, as marcas são acionadas de certo jeito e não temos como manter aquelas marcas e, ao mesmo tempo, ter o reconhecimento do relógio. Não temos a experiência de poder compatibilizar marcas diferentes.

Por isso a arte é interessante, por permitir ver como essas marcas são montadas e como estamos operando diretamente com elas. Como o mundo depende do observador, ele não é o que ele olha. Se apenas olhássemos o mundo, nunca iríamos nos incomodar com gravuras, diríamos: “*Que bárbaro!*” Tudo seria perfeito.

Podemos, porém, escolher as marcas. Quando escolhemos certas marcas, isto significa que podemos produzi-las também. Percebemos, então, que podemos criar marcas. Podemos sustentar umas e não sustentar outras. Qual é o poder de sustentação da marca? A luminosidade da mente, a sílaba “A”. Não conseguimos vê-la operando, mas já conseguimos começar a adivinhar. É aquela que sustenta um cubo e, depois, sustenta o outro cubo. Ela está por trás de todas as experiências. Precisamos aprender a reconhecê-la, ela está sempre operando.

Entendendo isso, compreendemos que as marcas mentais têm a consistência de avidia, a luminosidade da mente produzindo particularidades. Por que a luminosidade produz marcas? É a liberdade!

## **Primeiro Elo – Avidia**

Chegando neste elo, vemos que avidia é o processo que cria tudo. Ele é luminosidade, é energia, ele é liberdade.

Fizemos várias tentativas. Saímos do décimo segundo elo para avidia ou para o décimo primeiro. Do décimo primeiro para avidia ou para o décimo e assim por diante. Enfim, sempre avidia. Se a pessoa teve de fazer aquilo etapa por etapa, em doze etapas ela chegou a avidia. Se ela reconheceu avidia em uma das etapas, ela se liberou ali.

Reconhecendo avidia, ela recupera a liberdade de criar, de construir todos os doze elos, de lucidez nesse processo.

Nesse processo vamos até a dissolução da nossa identidade. Quando isso acontece, podemos ressurgir como um bodisatva.

Assim ele usa o poder de avidia, cria uma aparência, cria uma motivação, uma conexão. Ele sela, escurece o resto, faz surgir as marcas necessárias. Faz surgir a identidade, as respostas automáticas, e faz surgir os propósitos, nama rupa, faz surgir a manifestação mesmo. Dentro disso tudo ele mantém a lucidez de tudo “*Em cada uma dessas etapas é assim, mas eu tenho o incessante reconhecimento de que aquela etapa é luminosidade*”. Ela está incessantemente conectada com o ponto zero dos doze elos. Este é o deleite dos bodisatvas, ele sorri para aquilo tudo, incessantemente. Quando ele se aproxima do final de sua vida, diz que o justo pagamento de toda a sua vida, o que é? A dissolução disso tudo, a morte. Que outra coisa ele espera ganhar? Para ele, morte ou não morte também não tem diferença.

Imaginem a bondade dos bodisatvas. Eles vão e voltam. Este mundo é muito restrito. Isto aqui é um micro, micro, micro cosmo, é muito estreito. Aqueles seres optam por manter suas mentes operando dentro dessa coisa estreita, estreita por um longo tempo. São uns poucos seres que têm um sonho específico e aparece um bodisatva ali dentro para cuidar daqueles seres. Eles abandonam aquela mente cósmica, livre e manifestam alguma coisa específica assim.

Vamos agora reintroduzir a questão da ética. Se os doze elos são como que doze grupos de ações humanas, não há nada que não esteja descrito dentro dessas categorias. Nossa ação toda é descrita por esses doze estados, por essas doze condições. Se olharmos tudo isso como manifestação de luminosidade e liberdade, onde vamos introduzir a ética? Onde, e como, vamos introduzir um bem e um mal nisso? Se não temos um referencial verbal, como vamos nos comportar no mundo? Será que algum referencial é possível? Esse é um ponto muito importante e o budismo tem uma contribuição muito original nisso.

Estamos vivendo os tempos da destruição da moral, porque não encontramos um referencial que seja efetivamente seguro. Buscamos um referencial absoluto, não o vamos encontrar, porque esse referencial absoluto não existe. Ele é a perfeição de todas as coisas, é a natureza última e ela não pode ser atingida pelas circunstâncias.

**Eu olho para os seres e os vejo em sofrimento de sonho, com identidades de sonho, complicações de sonho. Eu vou gerar um corpo de sonho para atuar junto deles.**

Declaração de um

Bodisatva